



OS
LUSIADAS

Luís de Camões. *Os Lusíadas*

Edição crítica da *princeps*

Volume II

Edição crítica de Rita Marnoto



Centre International
d'Études Portugaises
Genève

Autora: Rita Marnoto

Título: *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Edição crítica da *princeps*

Edição: Centre International d'Études Portugaises de Genève - CIEPG

Colecção: «Études de Philologie et Littérature Portugaises», 10

Design e produção editorial: Rosa Bandeirinha

Local de edição: Genève

Data: 2023, ed. rev.

ISBN: 978-2-9701489-2-0

Copyright: Centre International d'Études Portugaises de Genève - CIEPG

[A autora segue a antiga ortografia]

Os Lusíadas de Luís de Camões

Edição crítica da *princeps*

Volume II

Por
Rita Marnoto



Centre International
d'Études Portugaises
Genève

SUMÁRIO

VOLUME I

I PROBLEMA CRÍTICO

1. Tradição textual de <i>Os Lusíadas</i>	13
2. A tradição manuscrita	14
3. Questões suscitadas pela tradição impressa	17
4. O reconhecimento da diversidade dos exemplares de 1572	20
5. As siglas Ee/S e E/D e outras siglas	24
6. Panorama setecentista	29
7. A edição do Morgado de Mateus e as variantes textuais	30
8. Proliferações oitocentistas	37
9. A materialidade dos exemplares	44
10. As edições de Epifânio da Silva Dias e de José Maria Rodrigues e o critério de <i>lectio difficilior potior</i>	47
11. <i>Lectio faciliior</i>	52
12. Ponto de situação	58
13. O papel	60
14. A tipografia	70
15. Epílogo	77

II A BIBLIOGRAFIA TEXTUAL

1. A bibliografia textual e <i>Os Lusíadas</i>	81
2. Princípios basilares e origens históricas da bibliografia	82
3. Desenvolvimentos da disciplina	89
4. <i>A ideal copy</i>	105
5. <i>Excursus</i> . O modelo descritivo	113

III A EDIÇÃO *PRINCEPS* DE *OS LUSÍADAS*

Estudo bibliográfico

— AS DUAS EDIÇÕES

1. Matrizes editoriais e procedimentos de colação	123
2. A escassa qualidade da produção	138
3. Composição e montagem das fôrmas	146
4. Os quatro erros técnicos universais e análise bibliográfica	152

5. Outros erros comuns no corpo do texto e análise bibliográfica	196
6. Diferenciação da iconografia e da tipografia do frontispício	216
7. Diferenciação da tipografia e do texto do alvará régio	222
8. Diferenciação da tipografia e do texto da licença da Inquisição	230
9. Diferenciação da tipografia e do texto da primeira página do poema	232
10. Registos de coeficiente	242
11. Cabeça de página	268
12. Pé de página	281
13. Capitulares e ornamento	289
14. Carácterés simples em itálico	293
15. Diferenciação de página com iniciais de estância em itálico	300
16. As ligaduras e a sua incidência distintiva. Ligaduras exclusivas	309
17. As duas edições e a sua autonomia	326
18. <i>Excursus</i> . Fontes tipográficas de <i>Os Lusíadas</i>	343

— OS EXEMPLARES

19. A imposição	393
20. Formato e fórmula de colação de <i>Os Lusíadas</i>	398
21. Homogeneidade e heterogeneidade dos exemplares	405
22. Exemplares homogéneos	410
23. Exemplares heterogéneos	454

— DESCRIÇÃO DA *IDEAL COPY*

24. Edição <i>princeps</i> , Ee/S	503
25. Edição contrafeita, E/D	506
26. Fórmula de colação dos exemplares	509

VOLUME II

IV EDIÇÃO CRÍTICA DA *PRINCEPS* DE *OS LUSÍADAS*

Critérios de edição	9
Texto	[13]
Aparato positivo	389
Nota	396

V BIBLIOGRAFIA	409
----------------	-----

IV

EDIÇÃO CRÍTICA DA *PRINCEPS* DE
OS *LUSÍADAS*

Critérios de edição

A *recensio*, a *examinatio* e a *collatio* dos espécimenes com o registo Lisboa, António Gonçalves, 1572, atestou definitivamente a relativa hierarquização, tendo-se concluído com:

— Identificação da edição *princeps* de *Os Lusíadas* e dos exemplares ou partes de exemplares conhecidos que resultaram do relativo processo de produção editorial.

— Diferenciação da edição *princeps* de *Os Lusíadas* e dos exemplares ou partes de exemplares conhecidos que resultaram desse mesmo processo de produção editorial, da contrafacção e dos exemplares ou partes de exemplares conhecidos que resultaram de um outro processo de produção editorial independente.

A edição crítica da *princeps* de *Os Lusíadas* conta com um testemunho único, que é uma edição atestada por vários espécimenes completos ou partes de espécimenes. Para a edição crítica de um texto com um testemunho único, depurado dos erros de transmissão ou de replicação, recorre-se ao original identificado. Tratando-se de uma fonte editorial, será estabelecida a *ideal copy* do seu texto. Por conseguinte, foi realizado o cotejo de um conjunto significativo de exemplares ou partes de exemplares da *princeps*, a partir do suporte material que contém o texto. O aparato regista as variantes de estado tipográfico anteriores ao término do trabalho de edição.

A *ideal copy* foi editada a partir dos seguintes exemplares ou partes de exemplares:

ACL	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
AP	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
BDMII-377	ff. [i-ii]/ π^2 ; ff. 1-120/A-P ⁸ ; ff. 122-186/Q2.7 Q3.6 Q4.5 Q8 R-Y ⁸ Z ¹⁰
BDMII-378	ff. 179-180, 183-184/Z3.8 Z4.7
BNE-R.14207	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
BNE-R.14208	ff. 105-112/O ⁸ ; ff. 129-130, 135-136/ R1.8 R2.7
BNN	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
BNP-Cam2P	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
BNP-Cam3P	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
BNP-Cam4P	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
BNP-Cam11P	ff. 1-176/A-Y ⁸
BritL-C.30e34	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
BritL-G.11286	ff. [i-ii]/ π^2 ; ff. 115-118/P3.6 P4.5; ff. 129-130, 135-136/R1.8 R2.7; ff. 153-154, 159-160/V1.8 V2.7; ff. 179-184/Z3.8 Z4.7 Z5.6

BSMS	ff. [i-ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰
UCoimbra	ff. [i-ii]/ π^2 ; ff. 1-64/A-H ⁸ ; ff. 66-186/I2.7 I3.6 I4.5 I8 K-Y ⁸ Z ¹⁰
UHarvard-P.5215.72	f. [ii]/ π^2
UHarvard-P.5215.72.7	ff. [ii] 186/ π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰

Texto

[frontispício]

OS / LVSIADAS / de Luis de Ca-/moës. / COM PRIVILEGIO
/ REAL. / *Impressos em Lisboa, com licença da / sancta Inquisição, e do*
Ordina-/rio : em casa de Antonio / Gõçaluez Impressor. / 1572

[f. s. n. r]

EV el Rey faço saber aos que este Aluara virem / que eu ey por bem e me praz dar licença / a Luis de Camoões pera que possa fazer im-/primir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em / Octaua rima chamada Os Lusíadas, que con-/tem dez cantos perfeitos, na qual por ordem / poetica em versos se declarão os principaes fei/tos dos Portugueses nas partes da India depois que se descobrio a / nauegação pera ellas por mādado del Rey dom Manoel meu visa/uo que sancta gloria aja, e isto com priuilegio pera que em tem-/po de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar / de empremir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus / reinos e senhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas / partes da India pera se vender sem licẽça do dito Luis de Camoões / ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quẽ o con-/trario fizer pagar cinquenta cruzados e perder os volmes que / imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, e a / outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra ven/der lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desem-/bargadores do paço, o qual se declarará e porá impresso na pri-/meira folha da dita obra pera ser a todos notorio, e antes de se im-/primir sera vista e examinada na mesa do conselho geral do san-/to officio da Inquisição pera cõ sua licença se auer de imprimir, e / se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos, / tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio, / como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirà outrosi no / princípio da dita obra, o qual ey por bem que valha e tenha for-/ça e vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim assi-/nada e passada por minha Chancellaria sem embargo da Orde-/nação do segundo liuro, tit.xx. que diz que as cousas cujo effeito / ouuer de durar mais que hum ano passem per cartas, e passando / por aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a.xxiiij: / de Setembro, de M.D. LXXI. Iorge da Costa o fiz escrever.

[f. s. n. v]

VI por mandado da santa e geral inquisição estes dez / Cantos dos *Lusiadas* de Luis de Camões, dos valero-/sos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia e / Europa, e não achey nelles cousa algũa escandalosa, nem / contraria á fe e bõs costumes, somente me pareceo que era / necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer / a difficuldade da nauegação e entrada dos Portugueses na / India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que / sancto Augustinho nas suas *Retractações* se retracte de ter / chamado nos liuros que compos de *Ordine*, aas Musas Deo-/sas Toda via como isto he Poesia e fingimento, e o Au-/tor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poeti-/co não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses / na obra, conhecendoa por tal: e ficando sempre salua a ver-/dade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gêtios sam / Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se impri-/mir, e o Autor mostra nelle muito engenho e muita eru/dição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui. / Frey Bertholameu / Ferreira.

[11]

OS LUSIADAS / DE LVIS DE / CAMÕES.

☪ Canto primeiro.

[1] AS armas, e os ba-/rões assinalados,
Que da Occidental praya Lusi-/tana,
Por mares nunca de antes na-/uegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana.
E entre gente remota edificarão
Nouo Reino, que tanto sublimarão.

[2] E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, e as terras viciosas
De Affrica, e de Asia, andarão deuastando,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

A Cessem

[IV]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[3] *Cessem do sabio Grego, e do Troyano,
As nauegações grandes que fizerão:
Callese de Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias que tiuerão,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeçerão:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se aleuanta.*

[4] *E vos Tagides minhas, pois criado
Tendes em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foy de my vosso rio alegremente,
Daime agora hum som alto, e sublimado,
Hum estillo grandiloco, e corrente,
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.*

[5] *Daime hũa furia grande e sonora,
E não de agreste a vena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende, e a cor ao gesto muda:
Daime igoal canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe e se cante no vniuerso,
Se tam sublime preço cabe em verso.*

E vos

[2r]

CANTO PRIMEIRO.

2.

[6] *E vos ò bem nascida segurança*
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança,
De aumento da pequena Christandade:
Vos o nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade:
Dada ao mundo por Deos ã todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

[7] *Vos tenro, e nouo ramo florecente,*
De hũa aruore de Christo mais amada
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que elle pera si na Cruz tomou.

[8] *Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,*
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meio do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo e vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

A 2 *Inclina*

[2v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[9] *Inclinay por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra, qual na inteira idade,
Quando sobindo yreis ao eterno templo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.*

[10] *Vereis amor da patria, não mouido
De premio vil: mas alto, e quasi eterno
Que nam he premio vil, ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno.
E julgareis qual he mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente:*

[11] *Ouui, que não vereis com vãs façanhas
Fantasticas, fingidas, mentirosas,
Louuar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecerse desejosas,
As verdadeiras vossas sam tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas:
Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.*

Por

[12] *Por estes vos darey hum Nuno fero,
 Que fez ao Rei, e ao Reino tal seruiço,
 Hum Egas, e hũ dom Fuas, ã de Homero
 A Citara paretles so cobiço:
 Pois polos doze pares daruos quero,
 Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço.
 Douuos tambem aquelle illustre Gama,
 Que para si de Eneas toma a fama.*

[13] *Pois se a troco de Carlos Rei de França,
 Ou de Cesar, quereis igual memoria:
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle que a seu Reino a segurança
 Deixou, com a grande e prospera victoria.
 Outro Ioane, inuicto caualleiro,
 O quarto, e quinto Afonsos, e o terceiro.*

[14] *Nem deixarão meus versos esquecidos,
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
 Se fizerão por armas tam subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora.
 Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.
 Albuquerque terribil, Castro forte,
 E outros em quem poder não teue a morte.*

[3v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[15] *E em quanto eu estes canto, e a vos nam posso
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
Tomay as redeas vos do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouuido canto:
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que polo mundo todo faça espanto,)
De exercitos, e feitos singulares,
De Affrica as terras, e do Oriente os mares.*

[16] *Em vos os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vè seu exicio afigurado,
So com vos ver o barbaro Gentio,
Mostra o pesçoço ao jugo ja inclinado:
Thetis todo o ceruleo senhorio,
Tem pera vos por dote aparelhado:
Que affeiçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de compraruos pera genro.*

[17] *Em vos se vem da Olimpica morada,
Dos dous auôs, as almas ca famosas,
Hũa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas sanguinosas:
Em vos esperão, verse renouada
Sua memoria, e obras valerosas:
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.*

Mas

[18] *Mas em quanto este tempo passa lento,
De regerdes os pouos, que o desejo:
Day vos fauor ao nouo atreuimento,
Pera que estes meus versos vossos sejão:
E vereis ir cortando o salso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejão,
Que sam vistos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser inuocado.*

[19] *Ia no largo Oceano nauegauão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respirauão,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca escuma, os mares se mostrauão
Cubertos, onde as proas vão cortando.
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo sam cortadas.*

[20] *Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno está, da humana gente
Se ajuntão em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea, juntamente
Conuocados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.*

[4v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [21] *Deixão dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que so co pensamento
Gouerna o Ceo, a Terra, e o Mar yrado:
Ali se acharão juntos num momento,
Os que habitão o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.*
- [22] *Estaua o Padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, seuero, e soberano,
Do rosto respiraua hum ar diuino,
Que diuino tornàra hum corpo humano:
Com hũa coroa, e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.*
- [23] *Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estauão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a Razão, e a Ordem concertauão.
Precedem os antigos mais honrrados,
Mais abaixo os menores se assentauão:
Quando Iupiter alto assy dizendo,
Cum tom de voz começa, graue e horrendo.*

Eternos

[24] *Eternos moradores do luzente*
Estelifero polo e claro assento,
Se do grande valor da forte gente,
De Luso, não perdeis o pensamento,
Deueis de ter sabido claramente
Como he dos fados grandes certo intento:
Que por ella sesqueção os humanos,
De Assirios, Persas, Gregos e Romanos.

[25] *Ia lhe foy (bem o vistes) concedido*
Cum poder tam singelo e tam pequeno
Tomar ao Mouro forte e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana tam temido
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.
Assi que sempre em fim com fama e gloria,
Teue os tropheos pendentes da victoria.

[26] *Deixo Deoses atras a fama antiga,*
Que co a gente de Romulo alcançarão,
Quando com Variato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamarão.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando aleuantarão
Hum, por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

[5v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[27] *Agora vedes bem, que cometendo,
O diuidoso mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, não temendo
De Affrico e Noto a força a mais satreue:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breue.
Inclinão seu proposito, e perfia
A ver os berços, onde nasce o dia*

[28] *Prometido lhe està do fado eterno,
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vé do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida e trabalhada.
Ia parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a noua terra que deseja.*

[29] *E porque, como vistes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos Climas e Ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, de termino, agasalhados
Nesta costa Affricana como amigos.
E tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rata:*

Estas

[30] *Estas palauras Iupiter dezia,*
Quando os Deoses por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro difria,
Razões diuersas dando e recebendo.
O padre Baco, ali nam consentia
No que Iupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se la passar a Lusitana gente.

[31] *Ouuido tinha aos Fados que viria*
Hũa gente fortissimo de Hespanha,
Pelo mar alto, a qual sojeitaria
Da India, tudo quanto Doris banha:
E com nouas victorias venceria,
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

[32] *Ve que ja teue o Indo sojugado,*
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado,
Seu tam celebre nome, em negro vaso,
Dagoa do esquecimento, se la chegão
Os fortes Portugueses, que nauegão,
Sustentaua

[6v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[33] *Sustentaua contra elle Venus bella*
Affeiçoada aa gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostrarão na terra Tingitana:
E na língua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção cre que he a Latina.

[34] *Estas causas mouião Cyteera,*
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que hum pela infamia que arrecea,
E o outro polas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem:

[35] *Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,*
De siluestre aruoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impito e braueza desmedida.
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompense as folhas, ferue a serra erguida.
Tal andaua o tumulto leuantado,
Entre os Deoses no Olimpo consagrado.

Mas

[36] *Mas Marte que da Deosa sustentaua,
 Entre todos as partes em porfia,
 Ou porque o amor antigo o obrigaua,
 Ou porque a gente forte o merecia,
 De antre os Deoses em pee se leuantaua,
 Merencorio no gesto parecia:
 O forte escudo ao collo pendurado,
 Deitando pera tràs medonho e irado.*

[37] *A viseira do elmo de Diamante,
 Aleuantando hum pouco, muy seguro,
 Por dar seu parecer se pos diante
 De Iupiter, armado, forte e duro:
 E dando hũa pancada penetrante,
 Co conto do bastão, no solio puro:
 O ceo tremeo, e Apolo de toruado,
 Hum pouco a luz perdeo, como infiado.*

[38] *E disse assi, ò padre a cujo imperio,
 Tudo aquillo obedece, que criaste,
 Se esta gente que busca outro Emispherio,
 Cuja valia, e obras tanto amaste:
 Não queres que padeção vituperio,
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste
 Não ouças mais, pois es juyz direito,
 Razões de quem parece que he sospeito:*

Que

[7v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[39] *Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam priuado:
Mas esta tenção sua, agora passe,
Porque em fim vem de estamago danado.
Que nunca tirará alhea enueja,
O bem que outrem mereçe, e o ceo deseja.*

[40] *E tu padre de grande fortaleza,
Da determinaçam que tês tomada,
Nam tornes por detras pois he fraqueza
Desistir se da cousa começada.
Mercurio pois excede em ligeireza
Ao vento leue, e aa seta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.*

[41] *Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mauorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio.
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados apousentos.*

Em

- [42] *Em quanto isto se passa, na ferosa
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente
 Cortaua o mar a gente belicosa:
 Ia la da banda do Austro, e do Oriente,
 Entre a costa Ethiopica, e a famosa
 Ilha de sam Lourenço, e o Sol ardente
 Queimaua entam os Deoses, que Tifeô
 Co temor grande em pexes conuerteô.*
- [43] *Tam brandamente os ventos os leuauão,
 Como quem o ceo tinha por amigo:
 Sereno o ar, e os tempos se mostrauão
 Sem nuuês, sem receio de perigo:
 O promontorio prasso ja passauão
 Na costa de Ethiopia, nome antiguo.
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
 Nouas ilhas que em torno cerca, e laua.*
- [44] *Vasco da gama, o forte Capitão,
 Que a tamanhas empresas se offerece,
 De soberbo, e de altiua coração,
 A quem fortuna sempre fauorece
 Pera se aqui deter, não ve razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece:
 Por diante passar determinaua:
 Mas nam lhe soccedeo como cuydaua.*

E eis

[8v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [45] *Eis aparecem logo em companhia,
Hũs pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente se aluoroça, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente sera esta, em si dezião,
Que costumes, que ley, que Rei terião?*
- [46] *As embarcações erão, na maneira
Muy veloces, estreitas, e compridas,
As vellas com que vem erão de esteira,
Dũas folhas de Palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras acendidas
Ao mundo deu, de ousado, e não prudente,
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.*
- [47] *De panos de algodão vinhão vestidos,
De varias cores, brancos, e listrados,
Hũs trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo ayroso sobraçados,
Das cintas pera cima vem despidos:
Por armas tem adagas, e tarçados.
Com toucas na cabeça, e nauegando,
Anafis sonorosos vão tocando.*

Cos

- [48] *Cos panos, e cos braços açenauão,
Aas gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas ja as proas ligeiras, se inclinauão,
Pera que junto aas Ilhas amainassem.
A gente, e marinheiros trabalhauão,
Como se aqui os trabalhos sacabassem:
Tomão vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta.*
- [49] *Não erão ancorados, quando a gente
Estranha, polas cordas ja subia,
No gesto ledos vem, e humanamente,
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda por em continente,
Do licor que Lieo prantado auia:
Enchem vasos de vidro, e do que deitão,
Os de Phaeton queimados nada engeitão.*
- [50] *Comendo alegremente perguntauão,
Pela Arabica lingoa, donde vinhão,
Quem erão, de que terra, que buscauão,
Ou que partes do mar corrido tinhão?
Os fortes Lusitanos lhe tornauão,
As discretas repostas que conuinhão:
Os Portugueses somos do Occidente,
Himos buscando as terras do Oriente.*

[9v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[51] *Do mar temos corrido, e nauegado
Toda a parte do Antartico, e Calisto,
Toda a costa Affricana rodeado,
Diuersos Ceos, e Terras temos visto:
Dum Rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, e bem quisto:
Que nam no largo Mar, com leda fronte:
Mas no lago entraremos de Acheronte.*

[52] *E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que so dos feos Focas se nauega:
Mas ja razão parece que saibamos,
Se entre vos a verdade não se nega.
Quem sois, que terra he esta que abitais?
Ou se tendes da India algũs sinais?*

[53] *Somos, hum dos das Ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, Lei, e nação
Que os proprios, sam aquelles que criou
A Natura sem Lei, e sem Razão:
Nos temos a Lei certa que insinou,
O claro descendente de Abrahão:
Que agora tem do Mundo o senhorio,
A mãy Hebreá teue, e o pay Gentio.*

Esta

[54] *Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala.
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.*

[55] *E ja que de tam longe nauegais,
Buscando o Indo Idaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem sera bemfeito que tenhais,
Da terra algum refresco, e que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos prouēja.*

[56] *Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão e gente se apartou,
Com mostras de deuida cortesia:
Nisto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Christal, o claro dia:
Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,
O largo Mundo, em quanto repousasse.*

[10v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[57] *A noyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, e não cuydada,
Por acharem da terra tão remota,
Noua de tanto tempo desejada:
Qualquer então consigo cuyda, e nota
Na gente, e na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crêrão,
Tanto por todo o mundo se estendêrão.*

[58] *Da Lũa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão.
Qual campo reuestido de boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.*

[59] *Mas assy como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embandeirar se toda a armada,
E de todos alegres se adornou:
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.*

Partia.

[60] *Partia alegremente nauegando,
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidando,
 Que sam aquellas gentes inhumanas:
 Que os apousentos Caspios habitando,
 A conquistar as terras Asianas
 Vierão: e por ordem do destino,
 O Imperio tomarão a Costantino.*

[61] *Recebe o Capitão alegremente,
 O Mouro, e toda sua companhia,
 Dalhe de ricas peças hum presente,
 Que so pera este effeito ja trazia:
 Dalhe conserua doce, e dalhe o ardente
 Não vsado licor que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come, e bebe.*

[62] *Està a gente maritima de Luso,
 Subida pela exarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro modo, e vso,
 E a lingoagem tam barbara e enleada.
 Tambem o Mouro astuto està confuso,
 Olhando a cor, o traje, e a forte armada.
 E perguntando tudo lhe dezia,
 Se por ventura vinhão de Turquia.*

[114]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[63] *E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os liuros de sua ley, preceito, ou fê,
Pera ver se conforme à sua seja,
Ou se sam dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dé,
Mostra das fortes armas de que vsauão,
Quando cos inimigos pelejauão.*

[64] *Responde o valeroso Capitão,
Por hum que a lingua escura bem sabia.
Darte ey Senhor illustre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem sou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da India tam famosa?*

[65] *A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e inuisibil,
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil
Que padeceo deshonna, e vituperio,
Sofrendo morte injusta, e insufribil:
E que do ceo aa terra em fim deceo,
Por subir os mortais da terra ao ceo.*

Deste

[66] *Deste Deos homem, alto, e infinito,
 Os Liuros que tu pedes, nam trazia,
 Que bem posso escusar trazer escripto
 Em papel, o que na alma andar deuia.
 Se as armas queres ver, como tês dito,
 Comprido esse desejo te seria:
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
 Que nunca as queiras ver como inimigo.*

[67] *Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros, amostrar as armaduras,
 Vem arneses, e peitos reluzentes,
 Malhas finas, e laminas seguras,
 Escudos de pinturas differentes,
 Pilouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, e sagittiferas aljauas,
 Partasanas agudas, chuças brauas.*

[68] *As bombas vem de fogo, e juntamente
 As panellas sulfureas, tam danosas,
 Porem aos de Vulcano nam consente
 Que dem fogo aas bombardas temerosas:
 Porque o generoso animo, e valente,
 Entre gentes tam poucas, e medrosas,
 Não mostra quanto pode, e com razão,
 Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.*

B 4 Porem

[12v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[69] *Porem disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade mà de pensamento.
Nas mostras, e no gesto o não mostrou:
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Tratalos brandamente determina,
Ate que mostrar possa o que imagina.*

[70] *Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse aa India ser leuado,
Dizlhe, que o largo premio leuàrão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Prometellos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, e tão danado:
Que a morte se podesse neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.*

[71] *Tamanho o odio foy, e a mà vontade,
Que aos estrangeiros supito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de Dauid nos ensinou,
Os segredos daquella Eternidade
A quem juyzo algum não alcançou.
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de quem foste tanto amigo?*

Partiose

- [72] *Partiose nisto em fim co a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledo a todos, e fingido:
Cortarão os bateis a curta via
Das agoas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foy o Mouro ao cognito apousento:*
- [73] *Do claro assento Etereo, o grão Tebano,
Que da paternal coxa foy nascido
Olhando o ajuntamento Lusitano,
Ao Mouro ser molesto, e auorrecido:
No pensamento cuyda hum falso engano
Com que seja de todo destruydo.
E em quanto isto so na alma imaginaua
Consigo estas palauras praticaua.*
- [74] *Està do fado ja determinado,
Que tamanhas victorias tam famosas,
Ajão os Portugueses alcançado,
Das Indianas gentes belicosas.
E eu so filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas:
Ey de sofrer que o Fado fauoreça?
Outrem, por quem meu nome se escureça?
Ia quiserão*

[13v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[75] *Ia quiseram os Deoses que tiuesse,
O filho de Filipo nesta parte,
Tanto poder, que tudo sometesse
Debaixo do seu jugo, o fero Marte:
Mas asse de soffrer que o Fado desse,
A tam poucos tamanho esforço, e arte
Queu co gram Macedonio, e Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?*

[76] *Não sera assy, porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe sera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerey aa terra, e o indignado
Peito, reuoluerey da Maura gente,
Porque sempre por via yra direita,
Quem do oportuno tempo se aproueita.*

[77] *Isto dizendo yrado, e quasi insano,
Sobre a terra Affricana descendeo,
Onde vestindo a forma e gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moueo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co Xequé muy valido.*

E entrando

[78] *E entrando assy a falarlhe, a tempo e horas,
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como erão gentes roubadouras,
Estas que ora de nouo sam chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veío, que roubadas,
Forão por estes homões que passauão,
Que com pactos de paz sempre ancorauão.*

[79] *E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano vrdido,
Contra nos, e que todos seus intentos
Sam pera nos matarem, e roubarem,
E molheres e filhos captiuarem.*

[80] *E tambem sey que tem determinado,
De vir por agoa a terra muito cedo,
O Capitão dos seus acomponhado,
Que da tençam danada nasce o medo:
Tu deues de yr tambem cos teus armado
Esperallo em cilada, occulto e quedo:
Porque saindo a gente descuydada,
Cairão facilmente na cilada.*

E se inda

[14v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[81] *E se inda não ficarem deste geito,
Destruydos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito,
Outra manha e ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tam prudente,
Que os leue aonde seião destruydos,
Desbaratados mortos, ou perdidos.*

[82] *Tanto que estas palauras acabou,
O Mouro nos tais casos, sabio e velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou,
Pera a guerra o beligero aparelho:
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
Em roxo sangue a agoa que buscasse.*

[83] *E busca mais pera o cuydado engano,
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano
De quem fiar se possa hum feito grande,
Diz lhe que acompanhando o Lusitano,
Por tais costas, e mares co elle ande:
Que se daqui escapar, que la diante
Va cair onde nunca se aleuante.*

- [84] *Ia o rayo Apolineo visitaua,
Os Montes Nabatheos acendido,
Quando Gama cos seus determinaua,
De vir por agoa a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertaua,
Como se fosse o engano ja sabido:
Mas pode sospeitarse facilmente,
Que o coração presago nunca mente.*
- [85] *E mais tambem mandado tinha a terra,
De antes pelo Piloto necessario:
E foilhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuydaua muy contrario:
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se cre de seu perfido aduersario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis somente que trazia:*
- [86] *Mas os Mouros que andauão pela praya,
Por lhe defender a agoa desejada,
Hum de escudo embarçado, e de azagaya,
Outro de arco encuruado, e seta eruada:
Esperão que a guerreira gente saya,
Outros muytos ja postos em cillada.
E porque o caso leue se lhe faça,
Poem hũs poucos diante por negaça.*

Andão

[15v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[87] *Andão pela ribeira alua arenosa,
Os belicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e co a astea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando:
Nam soffre muito a gente generosa,
Andarlhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.*

[88] *Qual no corro sanguino, o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O Touro busca, e pondo se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroçe nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e poem por terra.*

[89] *Eis nos bateis o fogo se leuanta,
Na furiosa e dura artilheria,
A plumbea pela mata, o brado espanta:
Ferido o ar retumba, e assouia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
Ia foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto auenturoso.*

Não

[90] *Não se contenta a gente Portuguesa:*

*Mas seguindo a victoria estrue, e mata
A pouoação sem muro, e sem defesa,
Esbombardea, acende, e desbarata.
Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
Que bem cuidou comprala mais barata:
Ia blasfema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãy que o filho cria.*

[91] *Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,*

*Sem força, de couarde, e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando,
Dalhe armas o furor desatinado:
Ia a Ilha, e todo o mais, desemparando,
Aa terra firme foge amedrontado.
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.*

[92] *Hūs vão nas almádias carregadas,*

*Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se affoga nas ondas encuruadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente:
Arrombão as meudas bombardadas
Os Pangaiois sotis da bruta gente.
Desta arte o Portugues em fim castiga,
A vil malicia, perfida, inimiga.*

Tornão

[16v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [93] *Tornão victoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra, e rica presa,
E vão a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defesa
Ficaua a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca acesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.*
- [94] *Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a mà tenção no peito encerra.
Pera os guiar aa morte lhe mandaua,
Como em sinal das pazes que trataua.*
- [95] *O Capitão, que ja lhe entam conuinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Pera yr buscar o Indo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente agasalhado:
E respondendo ao mensageiro, a tento
Aas vellas manda dar ao largo vento.*

Desta

- [96] *Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitrite diuidia,
Das filhas de Nerêo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia.
O Capitão, que não cahia em nada,
Do enganoso ardil que o Mouro vrdia:
Delle muy largamente se informaua,
Da India toda, e costas que passaua:*
- [97] *Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o maléuolo Baco lhe ensinára
De morte, ou captiueiro nouos danos,
Antes que aa India chegue lhe prepara,
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara.
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.*
- [98] *E diz lhe mais co falso pensamento,
Com que Synon os Phrigios enganou,
Que perto està hũa Ilha, cujo assento,
Pouo antigo Christão sempre abitou:
O Capitão que a tudo estaua a tento,
Tanto co estas nouas se alegrou,
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,
Que o leue aa terra onde esta gente estaua.*

[17v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[99] *Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda e pede,
Que a Ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mahamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama
Quíloa, muy conhecida pola fama.*

[100] *Pera là se inclinava a leda frota:
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por yr buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrarios a desuia,
Donde o Piloto falso a leua, e guia.*

[101] *Mas o maluado Mouro nam podendo,
Tal determinação leuar auante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os leuàrão por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
Erão Christãos com Mouros juntamente.*

Tambem

[18r]

CANTO PRIMEIRO.

18

[102] *Tambem nestas palauras lhe mentia,
Como por regimento em fim leuaua,
Que aqui gente de Christo não auia:
Mas a que a Mahamede celebraua.
O Capitão que em tudo o mouro cria,
Virando as vellas, a Ilha demandaua:
Mas nam querendo a Deosa guardadora,
Nam entra pela barra, e surge fora.*

[103] *Estaua a Ilha aa terra tam chegada,
Que hum estreito pequeno a diuidia,
Hũa cidade nella situada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora, ao longe descobria,
Regida por hum Rei de antigua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.*

[104] *E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledó, porque espera
De poder ver o pouo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que ja sabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o auisara,
Na forma doutro Mouro que tomàra.*

C 2 O recado

[18v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[105] *O recado que trazem he de amigos:
Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos erão de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
O grandes e grauissimos perigos,
O caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida tam pouca segurança.*

[106] *No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade auorrecida:
Onde pode acolherse hum fraco humano,
Onde terà segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno.
Contra hum bicho da terra tam pequeno.*

Fim.

☛ Canto Segundo.

[1] IA neste tempo o / *lucido Planeta,*
Que as horas vay do dia distin-/guindo,
Chegaua aa desejada, e lenta Meta,
A luz Celeste aas gentes encobrimdo:
E da casa maritima secreta,
Lhe estaua o Deos Nocturno a porta abrïdo:
Quando as infidas gentes se chegarão
Aas naos, que pouco auia que ancorárão.

[2] *Dantre elles hum que traz encomendado,*
O mortifero engano, assi dezia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reyno, e salsa via,
O Rei que manda esta Ilha, aluoraçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que nam deseja mais que agasalharte,
Verte, e do necessario reformarte.

C 3 E porque

[19v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[3] *E porque està em extremo desejoso*

*De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso,
Traras a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala,*

[4] *E se buscando vas mercadoria,*

*Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Crauo, ardente especiaria,
Ou Droga salutifera, e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubí fino, o rigido Diamante:
Daqui leuaras tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.*

[5] *Ao mensageiro o Capitão responde,*

*As palauras do Rei agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro obedecendo,
Porem que como a luz mostrar por onde
Va sem perigo, a frota não temendo,
Comprirà sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.*

Perguntalhe

[6] *Perguntalhe despois, se estão na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageiro astuto que não erra,
Lhe diz, que a mais da gẽte em Christo cria:
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a sospeita, e cauta fantasia:
Por onde o Capitão seguramente,
Se fia da infiel, e falsa gente.*

[7] *E de algũs que trazia condenados,
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados,
Em casos desta sorte duuidosos:
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, e poder, e porque vejão,
Os que Christãos, que so tanto ver desejão.*

[8] *E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa, e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Ia a companhia perfida, enefanda
Das naos se despedia, e o mar cortava,
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.*

[20v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[9] *E depois que ao Rei apresentarão,
Co recado os presentes que trazião,
A Cidade correrão, e notarão
Muito menos daquillo que querião,
Que os Mouros cautelosos se guardarão
De lhe mostrarem tudo o que pedião.
Que onde reina a malicia, està o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.*

[10] *Mas aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foy nascido
De duas mãis: que vrdia a falsidade,
Por ver o nauegante destruydo:
Estaua nũa casa da Cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrandose Christão, e fabricaua
Hum altar sumptuoso que adoraua.*

[11] *Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto spirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a vnica Fenix virgem pura,
A companhia sancta està pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que, so das lingoas que cayrão,
De fogo, varias lingoas referirão.*

Aqui

[12] *Aqui os dous companheiros conduzidos,
 Onde com este engano Baco estaua
 Poem em terra os gíolhos, e os sentidos
 Naquelle Deos, que o Mundo governaua
 Os cheiros excellentes produzidos,
 Na Panchaia odorifera queimaua
 O Thioneú, e assi por derradeiro
 O falso Deos adora o verdadeiro.*

[13] *Aqui forão denoite agasalhados,
 Com todo o bom, e honesto tratamento
 Os dous Christãos, nam vendo que enganado
 Os tinha o falso, e sancto fingimento:
 Mas assi como os rayos espalhados
 Do Sol forão no mundo, e num momento,
 Apareceo no rubido Horizonte,
 Na moça de Titão a roxa frente.*

[14] *Tornão da terra os Mouros co recado
 Do Rei, pera que entrassem, e consigo
 Os dous que o Capitão tinha mandad ,
 A quem se o Rei mostrou sincêro amigo:
 E sendo o Portugues certificado,
 De não auer receio de perigo.
 E que gente de Christo em terra auia,
 Dentro no salso rio entrar queria.*

Dizem

[214]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[15] *Dizem lhe os que mandou, que em terra virão,*

*Sacras aras, e sacerdote sancto,
Que ali se agasalhãrão, e dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rei, e gentes não sentirão
Senão contentamento, e gosto tanto:
Que não podia certo auer sospeita,
Nũa mostra tão clara, e tão perfeita.*

[16] *Co isto o nobre Gama recebia*

*Alegremente os Mouros que subião,
Que leuemente hum animo se fia,
De mostras que tão certas parecião:
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que trazião:
Alegres vinhão todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.*

[17] *Na terra cautamente aparelhauão,*

*Armas, e monições, que como vissem
Que no Rio os nauios ancorauão,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta treição determinauão,
Que os de Luso de todo destruissem:
E que incautos pagassem deste geito
O mal que em Moçambique tinhão feito.*

As

- [18] *As ancoras tenaces vão leuando,
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sos ao vento dando,
Inclinão pera a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada:
Vendo a cilada grande, e tam secreta,
Voa do Ceo ao Mar como hũa seta.*
- [19] *Conuoca as aluas filhas de Nerêo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado Mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propondo lhe a causa a que deceo,
Com todos juntamente se partia:
Pera estoruar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.*
- [20] *Ia na agoa erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peito corta, e atrauessa
Com mais furor o Mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima da agoa crespaa, em força suma:
Abrem caminho as ondas encuruadas,
De temor das Nereidas apressadas.*

[22v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[21] *Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,*

*Váy a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
Ia chegão perto donde o vento teso,
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartense, e rodeão nesse instante
As naos ligeiras que hião por diante.*

[22] *Poem se a Deosa com outras em dereito*

*Da proa capitaina, e ali fechando,
O caminho da barra estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vella inchãdo:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Pera detras a forte nao forçando.
Outras em derredor leuandoa estauão,
E da barra inimiga a desuiauão.*

[23] *Quaes pera a coua as pròuidas formigas,*

*Leuando o peso grande acomodado,
As forças exercitão, de inimigas,
Do inimigo Inuerno congelado:
Ali sam seus trabalhos, e fadigas,
Ali mostrão vigor nunca esperado.
Tais andauão as Nimphas estoruando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.*

Torna

[24] *Torna pera detras a Nao forçada,
 A pesar dos que leua, que gritando,
 Mareão vellas, ferue a gente yrada,
 O leme a hum bordo, e a outro atrauessando
 O Mestre astuto em vão da popa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 Os estaua hum maritimo penedo,
 Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:*

[25] *A celeuma medonha se aleuanta,
 No rudo Marinheiro que trabalha,
 O grande estrondo, a Maura gente espanta,
 Como se vissem horrída batalha:
 Nam sabem a razão de furia tanta,
 Nam sabem nesta pressa quem lhe valha,
 Cuydão que seus enganos sam sabidos,
 E que ande ser por isso aqui punidos.*

[26] *Eilos subitamente se lançauão,
 A seus bateis veloces que trazião,
 Outros encima o mar aleuantauão,
 Saltando nagoa a nado se acolhião:
 De hum bordo e doutro subito saltauão,
 Que o medo os compelia do que vião.
 Que antes querem ao mar auenturarse,
 Que nas mãos inimigas entregarse.*

Assi

[23v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [27] *Assi como em seluatica alagoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da agoa incautamente,
Daqui, e dali saltando, o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente,
E acolhendo se ao couto que conhecem,
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.*
- [28] *Assi fogem os Mouros, e o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiâra,
Crendo que seu engano estaua noto,
Tambem foge saltando na agoa amara:
Mas por nam darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, e cara:
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.*
- [29] *Vendo o Gama, atentado a estranheza
Dos Mouros não cuidada, e juntamente,
O Piloto fugir lhe com presteza,
Entende o que ordenaua a bruta gente,
E vendo sem contraste, e sem braueza
Dos ventos, ou das, agoas sem corrente,
Que a Nao passar auante não podia,
Auendo o por milagre assi dezia.*

O caso

[30] *O caso grande, estranho, e não cuydado,*

O milagre clarissimo, e euidente,

O descuberto engano inopinado,

O perfida inimiga, e falsa gente,

Quem poderà do mal aparelhado

Liurarse sem perigo sabiamente.

Se la de cima a guarda soberana,

Não acudir aa fraca força humana?

[31] *Bem nos mostra a diuina prouidencia,*

Destes portos, a pouca segurança,

Bem claro temos visto na aparencia,

Que era enganada a nossa confiança

Mas pois saber humano, nem prudencia

Enganos tam fingidos nam alcança:

O tu guarda diuina, tem cuidado

De quem sem ti nam pôde ser guardado.

[32] *E se te moue tanto a piedade,*

Desta misera gente peregrina,

Que so por tua altissima bondade,

Da gente a saluas, perfida e malina,

Nalgum porto seguro de verdade:

Conduzirnos ja agora determina,

Ou nos amostra a terra que buscamos,

Pois so por teu seruiço nauegamos.

Ouuio!he

[24v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[33] *Ouuio!he estas palauras piadosas,
A fermosa Dione, e comouida,
Dantre as Nimphas se vay, que saudosas
Ficarão desta subita partida:
Ia penetra as Estrellas luminosas,
Ia na terceyra Esphera recebida
Auante passa, e la no sexto Ceo
Pera onde estaua o Padre se moueo.*

[34] *E como hia afrontada do caminho
Tão fermosa no gesto se mostraua,
Queas Estrellas, e o Ceo, e o Ar vizinho,
E tudo quanto a via namoraua
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Hüs espiritos viuos inspiraua,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornaua do Fogo a esphera fria.*

[35] *E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foy sempre amada, e cara
Se lhapresenta assi como ao Troyano,
Na selua Idea ja se apresentàra:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
Nunca os famintos galgos o matarão,
Que primeiro desejos o acabarão.*

Os crespos

- [36] *Os crespos fios douro se esparzião
 Pelo colo, que a neve escurecia,
 Andando as lacteas tetas lhe tremião,
 Com quem Amor brincava, e não se via.
 Da alua petrina flamas lhe saião,
 Onde o minino as almas acendia.
 Polas lisas colūnas lhe trepauão,
 Desejos, que como Era se enrolauão.*
- [37] *Cum delgado cendal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo,
 Porem nem tudo esconde, nem descobre
 O veo dos roxos lirios pouco auaro:
 Mas pera que o desejo acenda, e dobre,
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.
 Ia se sentem no Ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte:*
- [38] *E mostrando no angelico sembrante,
 Co riso hũa tristeza misturada,
 Como dama que foi do incauto amante,
 Em brincos amorosos mal tratada,
 Que se aqueixa, e se ri, num mesmo instãte,
 E se torna entre alegre magoadada.
 Desta arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.*

D Sempre

[25v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[39] *Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,
Que pera as cousas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, e amoroso,
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
Mas pois que contra my te vejo yroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse.
Façase como Baco determina,
Assentarey em fim que fuy mofina.*

[40] *Este pouo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vão caidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo he mal tratado,
Quero lhe querer mal, sera guardado.*

[41] *Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fuy: e nisto de mimosa
O rosto banha, em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a fresca rosa:
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Lhe impedîra a falla piedosa.
Torna a seguila, e indo por diante,
Llhe atalha o poderoso, e grão Tonante.*

E destas

- [42] *E destas brandas mostras comouido,
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,
 Co vulto alegre, qual do Ceo subido,
 Torna sereno e claro o ar escuro.
 As lagrimas lhe alimpa, e acendido
 Na face a beija, e abraça o colo puro.
 De modo que dali, se so se achàra,
 Outro nouo Cupido se geràra.*
- [43] *E co seu apertando o rosto amado,
 Que os saluços, e lagrimas aumenta,
 Como minino da ama castigado,
 Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,
 Por lhe por em sossego o peito yrado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta.
 Dos fados as entranhas reuoluendo,
 Desta maneira em fim lhe està dizendo.*
- [44] *Fermosa filha minha não temais
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que esses chorosos olhos soberanos:
 Que eu vos prometo filha que vejais
 Esquecerense Gregos e Romanos.
 Pelos illustres feitos que esta gente,
 Ha de fazer nas partes do Oriente.*

[26v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[45] *Que se o facundo Vlisses escapou,
De ser na Ogigia Ilha, eterno escauro:
E se Antenor os seios penetrou,
Iliricos, e a fonte de Timauro.
E se o piadoso Eneas nauugou,
De Scila, e de Caribdis o Mar brauo.
Os vossos môres cousas atentando,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.*

[46] *Fortalezas, Cidades, e altos muros,
Por elles vereis filha edificados:
Os Turcos belacissimos e duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da India liures, e seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis milhores.*

[47] *Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o Indo vay buscando,
Tremere delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando.
O caso nunca visto, e milagroso
Que trema, e ferua o Mar em calma estãdo?
O gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os Elementos.*

Vereis

- [48] *Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto muy decente,
Em que vão descansar da longa via,
As naos que nauegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
O mortifero engano, obediente,
Lhe pagará tributos, conhecendo,
Não poder resistir ao Luso horrendo:*
- [49] *E vereis o Mar roxo tam famoso,
Tornar selhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
Duas vezes tomado, e sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado.
Que quem vay contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.*
- [50] *Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo.
Ali se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo.
Enuejoso vereis o grão Mauorte,
Do peito Lusitano, fero e horrendo.
Do Mouro ali verão que a voz extrema,
Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.*

[27v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[51] *Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora,
De todo o Oriente, e sublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali soberba altiua, e exalçada,
Ao Gentio que os Idolos adora.
Duro freo porà, e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.*

[52] *Vereis a fortaleza sustentarse,
De Cananor, com pouca força e gente:
E vereis Calecu desbaratarse,
Cidade populosa, e tam potente.
E vereis em Cochim assinalarse,
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que Cítara ja mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.*

[53] *Nunca com Marte, instructo e furioso,
Se vio feruer Leucate, quando Augusto
Nas ciuís Actias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto,
Que dos pouos de Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scitico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egipcia linda e não pudica.*

Como

- [54] *Como vereis o mar feruendo aceso,
 Cos incendios dos vossos pelejando,
 Leuando o Idololatra, e o Mouro preso,
 De nações diferentes triumphando.
 E sogeita a rica Aurea Chersoneso,
 Ate o longico China nauegando.
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,
 Serlhe a todo o Oceano obediente.*
- [55] *De modo filha minha, que de geito,
 Amostrarão esforço mais que humano,
 Que nunca se vera tam forte peito,
 Do Gangetico mar ao Gaditano,
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
 Que mostrou o agrauado Lusitano:
 Posto que em todo o mundo, de affrontados
 Resucitassem todos os passados.*
- [56] *Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Maia aa terra, porque tenha,
 Hum pacifico porto, e sossegado,
 Pera onde sem receyo a frota venha:
 E pera que em Mombaça, auenturado
 O forte Capitão se não detenha,
 Lhe mãda mais, que em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quieto repousasse.*

[28v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[57] *Ia pelo ar o Cylenêo voaua,
Com as asas nos pés aa terra deçe,
Sua vara fatal na mão leuaua,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas reuocaua,
Do Inferno, e o vento lhe obedeçe.
Na cabeça o galêro costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.*

[58] *Consigo a Fama leua, porque diga,
Do Lusitano, o preço grande, e raro,
Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e caro.
Desta arte vay fazendo a gente amiga,
Co rumor famosissimo, e perclaro.
Ia Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, e modo.*

[59] *Dali pera Mombaça logo parte,
Aonde as naos estauão temerosas,
Pera que aa gente mande que se aparte,
Da barra imiga, e terras sospeitosas:
Porque muy pouco val esforço, e arte,
Contra infernais vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.*

Meyo

- [60] *Meyo caminho a noite tinha andado,
E as Estrellas no Ceo co a luz alheia,
Tinhão o largo Mundo alumiado,
E so co sono a gente se recreia.
O Capitão illustre, ja cansado,
De vigiar a noite, que arreceia,
Breue repouso antam aos olhos daua,
A outra gente a quartos vigiaua.*
- [61] *Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,
Dizendo, fuge, fuge Lusitano,
Da cilada que o Rei maluado teçe,
Por te trazer ao fim, e extremo dano,
Fuge, que o Vento, e o Ceo te fauoreçe,
Sereno o tempo tês, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalharte.*
- [62] *Não tens aqui se não aparelhado,
O hospicio que o cru Diomedes daua,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cauallos a gente que hospedaua:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes imolaua:
Teràs certas aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas e feras.*

Vaite

[29v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [63] *Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharàs de mais verdade
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, e noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E pera a India certa e sabia guia.*
- [64] *Isto Mercurio disse, e o sono leua
Ao Capitão, que com muy grande espanto
Acorda, e ve ferida a escura treua,
De hũa subita luz, e rayo sancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Não se deter na terra iniqua tanto.
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,
Que as vellas desse ao vento que assopraua.*
- [65] *Day vellas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos fauoreçe, e Deos o manda,
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que so em fauor de nossos passos anda:
Aleuantase nisto o mouimento,
Dos marinheiros, de hũa e de outra banda,
Leuão gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.*

Neste

[66] *Neste tempo, que as ancoras leuauão,
 Na sombra escura os Mouros escondidos,
 Mansamente as amarras lhe cortauão,
 Por serem, dando aa costa, destruydos:
 Mas com vista de Linces vigiauão,
 Os Portugueses sempre apercebidos.
 Elles como acordados os sentirão,
 Voando, e não remando lhe fogirão.*

[67] *Mas ja as agudas proas apartando,
 Hião as vias humidas de argento,
 Assopralhe galerno o vento, e brando,
 Com suaue e seguro mouimento,
 Nos perigos passados vão falando,
 Que mal se perderão do pensamento,
 Os casos grandes, donde em tanto aperto
 A vida em saluo escapa por acerto.*

[68] *Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
 E noutra começaua, quando virão
 Ao longe dous nauios, brandamente
 Cos ventos nauegando, que respirão,
 Porque auião de ser da Maura gente,
 Pera elles arribando, as vellas virão.
 Hum de temor do mal que arreceaua,
 Por se saluar a gente aa costa daua.*

Não

[30v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[69] *Não he o outro que fica tão manhoso:*

*Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil e medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano:
Não teue resistencia, e se a tiuêra,
Mais dãoo resistindo recebêra.*

[70] *E como o Gama muito desejasse,*

*Piloto pera a India que buscaua,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:
Mas não lhe soccedeo como cuidaua,
Que nenhum delles ha que lhe insinasse
A que parte dos Ceos a India estaua.
Porem dizem lhe todos, que tem perto,
Melinde onde achãrão Piloto certo.*

[71] *Louuão do Rei os Mouros a bondade,*

*Condiçam liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade,
Porque ja lho dissera deste geito,
O Cylenêo em sonhos, e partia,
Pera onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.*

Era

[72] *Era no tempo alegre quando entraua,
 No roubador de Europa a luz Febea,
 Quando hum, e o outro corno lhe aquentaua
 E Flora derramaua o de Amalthea:
 A memoria do dia renouaua,
 O presuroso Sol, que o Ceo rodea.
 Em que aquelle, a quem tudo està sogeito,
 O sello pos a quanto tinha feito.*

[73] *Quando chegaua a frota aaquella parte,
 Onde o Reino Melinde ja se via,
 De toldos adornada, e leda de arte
 Que bem mostra estimar o Sancto dia:
 Treme a Bandeira, voa o Estandarte,
 A cor porpurea ao longe aparecia.
 Soão os atambores e pandeiros,
 E assi entrauão ledos e guerreiros.*

[74] *Enche se toda a praya Melindana,
 Da gente que vem ver a leda armada,
 Gente mais verdadeira, e mais humana
 Que toda a doutra terra atras deixada.
 Surge diante a frota Lusitana,
 Pega no findo a ancora pesada.
 Mandão fora hum dos Mouros ã tomãrão,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestãrão.*

O Rei

[75] *O Rei que ja sabia da nobreza
 que tanto os Portugueses engrandece,
 Tomarem o seu porto tanto preza,
 Quanto a gente fortissima merece:
 E com verdadeiro animo, e pureza,
 Que os peitos generosos ennobrece.
 Lhe manda rogar muyto que saissem,
 Pera que de seus Reinos se seruisssem:*

[76] *Sam offerecimentos verdadeiros,
 E palauras sinceras, não dobradas,
 As que o Rei manda aos nobres caualleiros,
 Que tanto mar e terras tem passadas:
 Mandalhe mais lanigeros carneiros,
 E galinhas domesticas çeuadas,
 Com as fructas que antam na terra auia,
 E a vontade aa dadiua excedia.*

[77] *Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledó, e seu recado,
 E logo manda ao Rei outro presente,
 Que de longe trazia aparelhado:
 Escarlata purpurea, cor ardente,
 O ramoso coral fino, e prezado.
 Que debaxo das agoas mole creçe,
 E como he fora dellas se endureçe.*

E manda

- [78] *Manda mais hum na pratica elegante,
 Que co Rei nobre as pazes concertasse,
 E que de não sair naquelle instante,
 De suas naos em terra o desculpasse.
 Partido assi o embaixador prestante,
 Como na terra ao Rei se apresentasse:
 Com estillo que Palas lhe ensinava,
 Estas palauras tais fallando orava.*
- [79] *Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
 Foy da suma Iustiça concedido,
 Refrear o soberbo pouo duro,
 Não menos delle amado, que temido,
 Como porto muy forte, e muy seguro,
 De todo o Oriente conhecido:
 Te vimos a buscar, pera que achemos
 Em ti o remedio certo que queremos.*
- [80] *Não somos roubadores, que passando
 Pelas fracas cidades descuidadas,
 A ferro, e a fogo, as gentes vão matando
 Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:
 Mas da soberba Europa nauegando,
 Himos buscando as terras apartadas
 Da India grande, e rica, por mandado
 De hum Rei que temos, alto, e sublimado.*

Que

[32v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[81] *Que geração tam dura ahi de gente?
Que barbaro costume, e vsança fea,
Que não vedem os portos, tam somente:
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que ma tençam? que peito em nos se sente?
Que de tam pouca gente se arrecea.
Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem vernos destruydos?*

[82] *Mas tu, em quem muy certo confiamos
Achase mais verdade, ó Rei benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teue o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto seguros nauegamos,
Conduzidos do interprete diuino.
Que pois a ti nos manda, està muy claro,
Que es de peito sincêro, humano, e raro.*

[83] *E não cuydes, ó Rei, que não saisse,
O nosso Capitão esclarecido
A verte, ou a seruirte, porque visse
Ou sospitasse em ti peito fingido:
Mas saberas que o fez porque comprisse,
O regimento em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que nam saia,
Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.
E porque*

[84] *E porque he de vassalos, o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça
 Não quereras, pois tês de Rei o officio,
 Que ninguem a seu Rei desobedeça:
 Mas as merces, e o grande beneficio,
 Que ora acha em ti, promete que conheça
 Em tudo aquillo que elle e os seus poderem,
 Em quanto os rios pera o mar correrem.*

[85] *Assi dizia, e todos juntamente,
 Hũs com outros em pratica fallando,
 Louuauão muito o estamago da gente,
 Que tantos Ceos e mares vai passando,
 E o Rei illustre, o peito obediente,
 Dos Portugueses, na alma imaginando.
 Tinha por valor grande, e muy subido,
 O do Rei que he tam longe obedecido.*

[86] *E com risonha vista, e ledo aspeito,
 Responde ao Embaixador, que tanto estima
 Toda a sospeita mà tiray do peito,
 Nenhum frio temor em vos se imprima:
 Que vosso preço, e obras sam de geito,
 Pera vos ter o mundo em muyta estima.
 E quem vos fez mollesto tratamento,
 Não pode ter sobido pensamento.*

E De

[33v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[87] *De não sair em terra toda a gente,
Por observar a vsada preminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirey que a excelencia,
De peitos tão leais em si desfaça,
So porque a meu desejo satisfaça.*

[88] *Porem como a luz crastina chegada,
Ao mundo for, em minhas almãdías,
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias:
Aqui tera, de limpos pensamentos
Piloto, munições, e mantimentos.*

[89] *Isto disse, e nas agoas se escondia,
O filho de Latona, e o mensageiro
Coa embaixada alegre se partia
Pera a frota, no seu batel ligeiro:
Enchem se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Pera acharem a terra que buscauão,
E assi ledos a noite festejauão.*

Não

[90] *Não faltão ali os rayos de arteficio,
 Os tremulos Cometas imitando,
 Fazem os Bombardeiros seu officio:
 O ceo, a terra, e as ondas atroando.
 Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
 Nas bombas que de fogo estão queimando,
 Outros com vozes, com que o Ceo ferião,
 Instrumentos altissonos tangião.*

[91] *Respondem lhe da terra juntamente,
 Co rayo volteando, com zonido,
 Anda em giros no ar a roda ardente,
 Estoura o po sulfureo escondido:
 A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,
 O Mar se via em fogos acendido:
 E não menos a terra, e assi festeja
 Hum ao outro a maneira de peleja.*

[92] *Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
 As gentes incitaua a seu trabalho,
 E ja a mãy de Menon a luz trazendo,
 Ao sono longo punha certo atalho:
 Hião se as sombras lentas desfazendo,
 Sobre as flores da terra, em frio orualho,
 Quando o Rei Milindano se embarcaua
 A ver a frota que no mar estaua.*

E 2 Vião se

[34v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [93] *Vião se em derredor feruer as prayas
Da gente, que a ver so concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustrão os panos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.*
- [94] *Hum batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diuersas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino, e de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores.
Na cabeça hũa fota guarnecida,
De ouro, e de seda, e de algodão tecida.*
- [95] *Cabaya de Damasco rico, e dino,
Da Tiria cor, entre elles estimada,
Hum colar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada,
Cum resplendor reluze Adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem laurada.
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem, ouro e aljofar ao veludo.*

Com

[96] *Com hum redondo emparo alto de seda,
 Nũa alta e dourada astea enxerido,
 Hum ministro aa solar quentura veda,
 Que não offenda e queime o Rei subido:
 Musica traz na proa, estranha e leda,
 De aspero som, horrissimo ao ouuido:
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.*

[97] *Não menos guarnecido o Lusitano,
 Nos seus bateis da frota se partia,
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa e honrada companhia:
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano:
 Mas Francesa era a roupa que vestia,
 De cetim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, cor que a gente tanto preza.*

[98] *De botões douro as mangas vem tomadas,
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:
 As calças soldadescas recamadas,
 Do metal que Fortuna a tantos nega,
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibão ajunta, e achega:
 Ao Italico modo a aurea espada,
 Pruma na gorra, hum pouco diclinada.*

[35v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[99] *Nos de sua companhia se mostraua,
Da tinta que dà o Mûrice excelente,
A varia cor, que os olhos alegraua,
E a maneira do traje diferente:
Tal o fermoso esmalte se notaua,
Dos vestidos olhados juntamente:
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpha filha de Thaumante.*

[100] *Sonorosas trombetas incitauão,
Os animos alegres resoando,
Dos Mouros os bateis o Mar coalhauão,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horrissonas bramando,
Com as nuuês de fumo o Sol tomando,
Ameudam se os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.*

[101] *Ia no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o leuaua,
Elle coa cortesia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallaua.
Cũas mostras de espanto, e admiração,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notaua,
Como quem em muy grande estima tinha,
Gente que de tam longe à India vinha.*

E com

[102] *E com grandes palauras lhe offereçe,
 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,
 E que se mantimento lhe falleçe,
 Como se proprio fosse lho pedisse:
 Diz lhe mais, que por fama bem conheçe
 A gente Lusitana, sem que a visse.
 Que ja ouuio dizer, que noutra terra
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.*

[103] *E como por toda Affrica se soa,
 Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,
 Quando nella ganhàrão a coroa
 Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:
 E com muitas palauras apregoa,
 O menos que os de Luso merecerão:
 E o mais que pela fama o Rei sabia:
 Mas desta sorte o Gama respondia.*

[104] *O tu que so tiueste piedade,
 Rei benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria, e aduersidade,
 Dos mares experimenta a furia insana.
 Aquella alta, e diuina eternidade,
 Que o Ceo reuolue, e rege a gente humana:
 Pois que de ti tais obras recebemos,
 Te pague o que nos outros não podemos.*

E 4 Tu so

[36v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[105] *Tu so de todos quantos queima Apolo,
Nos recibes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bom, fido, e jocundo:
Em quanto apacentar o largo Polo,
As Estrellas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viuer, com fama e gloria,
Viuirão teus louuores em memoria.*

[106] *Isto dizendo, os barcos vão remando,
Pera a frota, que o Mouro ver deseja,
Vão as naos, hũa e hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangião,
Cos anafis os Mouros respondião.*

[107] *Mas despois de ser tudo ja notado,
Do generoso Mouro, que pasmaua,
Ouuindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostraua,
Mandaua estar quieto, e ancorado,
Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, e fama.*

Em

[108] *Em praticas o Mouro diferentes,
 Se deleitaua, perguntando agora,
 Pelas guerras famosas e excelentes,
 Co pouo àuidas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hispheria vltima, onde mora:
 Agora pelos pouos seus vezinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.*

[109] *Mas antes valeroso Capitão,
 Nos conta, lhe dezia, diligente,
 Da terra tua o clima, e região
 Do Mundo onde morais distintamente,
 E assi de vossa antiga geração,
 E o principio do Reino tam potente:
 Cos successos das guerras do começo,
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.*

[110] *E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o Mar yrado,
 Vendo os costumes barbaros alheios,
 Que a nossa Affrica ruda tem criado
 Conta: que agora vem cos aureos freios,
 Os cauallos que o carro marchetado,
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
 O Vento dorme, o Mar e as ondas jazem.*

E não

[37v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[111] *E não menos co tempo se parece,
O desejo de ouuirte o que contares,
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguesas singulares:
Não tanto desuiado resplandeçe,
De nos o claro Sol, pera julgares.
Que os Melindanos tem tam rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.*

[112] *Cometerão soberbos os Gigantes,
Com guerra vão, o olimpo claro, e puro,
Tentou Peritho, e Theseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão horrendo e escuro,
Se ouue feitos no mundo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, e duro,
Quanto foi cometer Inferno, e Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo.*

[113] *Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sutil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O desejo de hum nome auentajado.
Mais razão ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.*

Fim.

☛ Canto Terceiro.

[1] AGora tu Caliope / *me ensina,*
O que contou ao Rei, o illustre / Gama:
Inspira immortal canto, e voz diuina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inuentor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, o linda Dama:
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothôe
Te negue o Amor diuido, como soe.

[2] *Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,*
Como mereçe a gente Lusitana,
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana,
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banharme Apolo na agoa soberana.
Senão direy, que tês algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.
Promptos

[38v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[3] *Promptos estauão todos escuitando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, depois de hum pouco estar cuidãdo,
Aleuantando o rosto, assi dizia:
Mandas me, o Rei, que conte declarando,
De minha gente a grão geanalosia:
Não me manda contar estranha historia:
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.*

[4] *Que outrem possa louuar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, e se deseja:
Mas louuar os meus proprios, arreceio,
Que louuor tão sospeito mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, e serey breue.*

[5] *Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leue e siga,
Segundo o que desejas de saber.
Primeiro tratarey da larga terra,
Depois direy da sanguinosa guerra.*

Entre

- [6] *Entre a Zona que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meyo por ardente,
Iaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, e do Occidente:
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o Mar Mediterraneo.*
- [7] *Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se auizinha: mas o Rio
Que dos montes Rifeios vay correndo,
Na alagoa Meotis, curuo e frio
As diuide: e o Mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o yrado senhorio:
Onde agora de Troia triunfante,
Não vê mais que a memoria o nauegante.*
- [8] *La onde mais debaxo està do Polo,
Os montes Hyperboreos aparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome do sopros, se ennobrecem,
Aqui tam pouca força tem de Apolo,
Os rayos que no mundo resplandecem.
Que a neve està contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.
Aqui*

[39v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[9] *Aqui dos Cytas, grande quantidade*

*Viuem, que antigamente grande guerra
Tiuerão, sobre a humana antiguidade,
Cos que tinham antão a Egipcia terra:
Mas quem tão fora estaua da verdade,
(Ia que o juyzo humano tanto erra:)
Pera que do mais certo se informàra,
Ao campo Damasceno o perguntára.*

[10] *Agora nestas partes se nomea,*

*A Lapia fria, a inculta Noruega,
Escandinauia Ilha, que se arrea,
Das victorias que Italia não lhe nega
Aqui, em quanto as agoas não refrea,
O congelado Inuerno, se nauega.
Hum braço do Sarmatico Occeoano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.*

[11] *Entre este Mar, e o Tanais viue estranha*

*Gente, Ruthenos, Moscos, e Liunionos,
Sarmatas outro tempo, e na montanha
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios
Sugeitos ao Imperio de Alemanha,
Sam Saxones, Boemios, e Panonios,
E outras varias nações, que o Reno frio
Laua, e o Danubio, Amasis, e Albis Rio.*

Entre

- [12] *Entre o remoto Istro, e o claro estreito,
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte, patria tam querida,
Onde co Hemo, o Rodope sugeito
Ao Otomano està, que sometida,
Bizancio tem a seu seruiço indino,
Boa injuria do grande Costantino.*
- [13] *Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem laua do Axio a agoa fria:
E vos tambem, o terras excelentes,
Nos costumes, engenhos, e ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.*
- [14] *Logo os Dalmatas viuem, e no seio,
Onde Antenor ja muros leuantou,
A soberba Veneza está no meio
Das agoas, que tam baixa começou
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sogeitou,
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.*

Em torno

[40v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[15] *Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
Pobre està ja de antiga potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade.*

[16] *Galia ali se verà, que nomeada,
Cos Cesareos Triumfos foy no mundo,
Que do Sequàna, e Rôdano he regada,
E do Garuna frio, e Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se aleuantão, que segundo
Antiguidades contão, quando arderão,
Rios de ouro, e de prata antão corrèrão.*

[17] *Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderà, com força, ou manha,
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha não tire o esforço e ousadia,
Dos belicosos peitos, que em si cria.*

Com

- [18] *Com Tingitania entesta, e ali parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido estreito se ennobrece,
 Co extremo trabalho do Thebano:
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Oceano.
 Todas de tal nobreza, e tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he melhor.*
- [19] *Tem o Tarragones, que se fez claro,
 Sujeitando Partênope inquieta,
 O Nauarro, as Asturias, que reparo
 Ia forão, contra a gente Mahometa,
 Tem o Galego cauto, e o grande e raro
 Castellhano, a quem fez o seu Planeta,
 Restituidor de Espanha, e senhor della,
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.*
- [20] *Eis aqui quasi cume da cabeça,
 De Europa toda, o Reino Lusitano,
 Onde a Terra se acaba, e o Mar começa,
 E onde Febo repousa no Oceano:
 Este quis o Ceo justo, que floreça
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,
 Deitando o de si fora, e la na ardente
 Affrica estar quieto o nam consente.*

F Esta he

[4IV]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[21] *Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lusitania diriuada,
De Luso, ou Lysa: que de Bacho antigo,
Filhos forão parece, ou companheiros,
E nella antam os Incolas primeiros.*

[22] *Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se ve, que de homem forte os feitos teue,
Cuja fama, ninguem virà que dome,
Pois a grande de Roma não se atreue:
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do, Ceo ligeiro, e leue,
Veo a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reino illustre, e foi desta arte.*

[23] *Hum Rei, por nome Affonso, foy na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força e manha
A muitos fez perder a vida, e a terra:
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe aa Caspia serra,
Muitos, pera na guerra esclarecerse,
Vinhão a elle, e aa morte offerecerse.*

E com

- [24] *E com hum amor intrinseco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares
Despois que em feitos altos e subidos.
Se mostrarão nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras tais,
Leuassem premio digno, e dões igoais.*
- [25] *Destes Anrique dizem que segundo,
Filho de hum Rei de Vngria experimentado,
Portugal ouue em sorte, que no Mundo
Entam não era illustre, nem prezado:
E pera mais sinal damor profundo,
Quis o Rei Castelhana, que casado,
Com Teresa sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.*
- [26] *Este despois que contra os descendentes,
Da escraua Agar, victorias grandes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue,
Hum filho, que illustrasse o nome vfano
Do belicoso Reino Lusitano.*

[42v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[27] *Ia tinha vindo Anrique da conquista,
Da cidade Hyerosolima sagrada,
E do Iordão a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lauada,
Que não tendo Gotfredo a quem resista,
Depois de ter Iudea sojugada.
Muitos que nestas guerras o ajudarão,
Pera seus senhorios se tornarãõ.*

[28] *Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Vngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O spirito deu, a quem lho tinha dado:
Ficaua o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixaua seu traslado:
Que do Mundo os mais fortes igualaua,
Que de tal pay tal filho se esperaua.*

[29] *Mas o velho rumor, não sey se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãy tomando todo o estado
Do segundo Hymeneo, não se despreza:
O filho orfão deixaua deserdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do senhorio todo, so sua era,
Porque pera casar seu pay lhas dera.*

Mas

[30] *Mas o Principe Affonso, que desta arte
Se chamaua, do Auô tomando o nome,
Vendose em suas terras não ter parte,
Que a mãy com seu marido as mãda e come,
Feruendo lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Reuoluidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.*

[31] *De Guimarães o campo se tingia,
Co sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãy que tam pouco o parecia,
A seu filho negaua o amor, e a terra,
Co elle posta em campo ja se via,
E não ve a soberba, o muito que erra.
Contra Deos, contra o maternal amor:
Mas nella o sensual era maior.*

[32] *O Progne crua, o magica Medea,
Se em vossos propios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhay que inda Teresa peca mais:
Incontinencia ma, cubiça fea,
São as causas deste erro principais.
Scilla por hũa mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filho vay.*

[43v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [33] *Mas ja o Principe claro, o vencimento,
Do padraſto e da inica mãy leuaua,
Ia lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejaua:
Porem vencido de Ira o entendimento,
A mãy em ferros asperos ataua:
Mas de Deos foi vingada em tempo breue,
Tanta veneração aos pais se deue.*
- [34] *Eis se ajunta o soberbo Castelhana,
Pera vingar a injuria de Teresa,
Contra o tam raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agraua, ou pesa:
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa.
Não so contra tal furia se sustenta:
Mas o inimigo asperrimo affugenta.*
- [35] *Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães està cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foy refazerse o inimigo magoado:
Mas com se offerecer aa dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podêra ser perdido,
Segundo estaua mal aperçebido.*

Mas

[36] *Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vay ao Castelhana, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia.
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciencia
De Egas moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sogeito.*

[37] *Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhana ja agoardaua,
Que o Principe a seu mando sometido,
Lhe desse a obediencia que esperaua.
Vendo Egas, que ficaua fementido,
O que delle Castella não cuydaua,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palaura mal comprida.*

[38] *E com seus filhos e molher se parte,
A aleuantar co elles a fiança,
Descalços, e despídos, de tal arte,
Que mais moue a piedade que a vingança.
Se pretendes Rei alto de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido,
A te pagar co a vida o prometido.*

[44v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[39] *Ves aqui trago as vidas inocentes,
Dos filhos sem peccado, e da consorte,
Se a peitos generosos, e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Ves aqui as mãos, e a lingoa delinquentes,
Nellas sos exprimenta, toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, e do touro de Perillo.*

[40] *Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no çepo a garganta: e ja entregado,
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indinado,
Egas estaua a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.*

[41] *O grão fidelidade Portuguesa,
De vassallo, que a tanto se obrigaua,
Que mais o Persa fez naquella empresa,
Onde rosto e narizes se cortaua,
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspiraua.
Que mais o seu Zopiro são prezâra,
Que vinte Babilonias que tomàra*

Mas

[42] *Mas ja o Principe Affonso aparelhaua,
 O Lusitano exercito ditoso,
 Contra o Mouro que as terras habitaua,
 Dalem do claro Tejo deleitoso:
 Ia no campo de Ourique se assentaua,
 O arraial soberbo, e belicoso:
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Posto que em força, e gente tam pequeno.*

[43] *Em nenhũa outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos, que o Ceo regia,
 Que tam pouco era o pouo bautizado,
 Que pera hum so cem Mouros aueria.
 Iulga qualquer juyzo sossegado,
 Por mais temeridade que ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que pera hum caualleiro ouuesse cento.*

[44] *Cinco Reis Mouros sam os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama,
 Todos exprimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,
 Imitando a fermosa e forte Dama,
 De quem tanto os Troyanos se ajudârão,
 E as que o Termodonte ja gostârão.*

A matutina

[45v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [45] *A matutina luz serena, e fria,
As Estrellas do Pollo ja apartaua,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando se a Affonso o animaua:
Elle adorando quem lhe aparecia,
Na Fê todo inflamado assi gritaua:
Aos infieis Senhor, aos infieis,
E não a my que creio o que podeis.*
- [46] *Com tal milagre, os animos da gente
Portuguesa, inflamados leuantauão,
Por seu Rei natural, este excelente
Principe, que do peito tanto amauão:
E diante do exercito potente,
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.*
- [47] *Qual cos gritos e vozes incitado,
Pola montanha o rabido Moloso,
Contra o Touro remete, que fiado
Na força està do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Ate que em fim rompendolhe a garganta,
Do brauo a força horrenda se quebranta.*

Tal

[48] *Tal do Rei nouo, o estamago acendido,
Por Deos e polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animoso exercito rompente:
Leuantão nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
As lanças e arcos tomão, tubas soão,
Instromentos de guerra tudo atroão.*

[49] *Bem como quando a flama que ateadada,
Foi nos aridos campos (asoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento, o seco mato vay queimando:
A pastoral companha, que deitada,
Co doce sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que se atea,
Recolhe o fato, e foge pera a aldeia.*

[50] *Desta arte o Mouro atonito e toruado,
Toma sem tento as armas muy depressa,
Não foge: mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atrauessa.
Hūs caem meios mortos, e outros vão
A ajuda conuocando do Alcorão.*

Ali

[46v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

- [51] *Ali se vem encontros temerosos,
Pera se desfazer hũa alta serra,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andaua acesa a guerra:
Mas o de Luso, arnes, couraça e malha,
Rompe, corta, desfaz, a bola e talha.*
- [52] *Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido:
Ia perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido
Com que tambem do campo a cor se perde
Tornado Carmesi de branco e verde.*
- [53] *Ia fica vencedor o Lusitano
Recolhendo os trofeos e presa rica,
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o gram Rei no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo vfano,
Que agora esta victoria certifica:
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.*

E nestes

[54] *E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros, porque Deos fora vendido,
 Escreuendo a memoria em varia tinta,
 Daquelle de quem foy fauorecido,
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
 Porque assi fica o numero comprido:
 Contando duas vezes o do meio,
 Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.*

[55] *Passado ja algum tempo, que passada
 Era esta grão victoria, o Rei subido
 A tomar vay Leiria, que tomada
 Fora muy pouco auia, do vencido:
 Com esta a forte Arronches sojugada
 Foy juntamente: e o sempre ennobrecido
 Scabelicastro, cujo campo ameno,
 Tu claro Tejo regas tam sereno.*

[56] *A estas nobres villas sometidas,
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,
 E nas serras da Lua conhecidas,
 Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
 Sintra onde as Naiades escondidas
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
 Onde Amor as enreda brandamente,
 Nas agoas acendendo fogo ardente.*

E tu

[47v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[57] *E tu nobre Lisboa, que no Mundo,
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedecestes aa força Portuguesa.
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.*

[58] *La do Germanico Albis, e do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta erão partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso vnidos.
Cuja alta fama antão subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlisseo.*

[59] *Cinco vezes a Lũa se escondêra,
E outras tantas mostrâra cheio o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra,
Ao duro cerco, que lhe estaua posto.
Foy a batalha tam sanguina e fera,
Quanto obrigaua o firme prosuposto:
De vencedores asperos, e ousados,
E de vencidos, ja desesperados.*

Desta

[60] *Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos ja passados
Aa grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados.
E em fim co Betis tanto algum podêrão,
Que aa terra de Vandalia nome dêrão.*

[61] *Que cidade tam forte, por ventura
Auera que resista, se Lisboa
Não pode resistir aa força dura
Da gente, cuja fama tanto voa.
Ia lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas agoas, entre as pedras,
Que murmurando laua, e Torres vedras.*

[62] *E vos tambem, o terras transtaganas,
Affamadas co dom da flaua Ceres,
Obedeceis aas forças mais que humanas,
Entregando lhe os muros, e os poderes.
E tu laurador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres.
Que Eluas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcaçare do sal, estão rendidas.*

Eis

[48v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[63] *Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustentar de longo a terra, e a gente,
Pelos arcs reaes, que cento e cento
Nos ares se aleuantão nobremente.
Obedeceo, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.*

[64] *Ia na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que não sabe sosegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.*

[65] *Com estas sojugada foy Palmella,
E a piscosa Cizimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, e vio o a serra della,
Que a socorrella vinha deligente.
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.*

O Rei

[66] *O Rei de Badajoz era alto Mouro,
 Com quatro mil cauallos furiosos,
 Innumeros piões, darmas e de ouro
 Guarnecidos, guerreiros e lustrosos:
 Mas qual no mes de Maio o brauo Touro
 Cos ciumes da vaca, arreceosos,
 Sentindo gente o bruto, e cego amante
 Saltea o descuidado caminhante.*

[67] *Desta arte Affonso subito mostrado,
 Na gente da, que passa bem segura,
 Fere, mata, derriba denodado,
 Foge o Rei Mouro, e so da vida cura,
 Dum Panico terror todo asombrado,
 So de seguillo o exercito procura.
 Sendo estes que fizerão tanto aballo,
 Nomais que so sesenta de cauallo.*

[68] *Logo segue a victoria sem tardança,
 O grão Rei incansabil, ajuntando
 Gentes de todo o Reino, cuja vsança
 Era andar sempre terras conquistando,
 Cercar vay Badajoz, e logo alcança
 O fim de seu desejo, pelejando
 Com tanto esforço e arte, e valentia,
 Que a fez fazer aas outras companhia.*

G Mas

[49v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [69] *Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que o mereçe,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offereçe.
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãy que estaua presa.*
- [70] *Que estando na cidade que cercâra,
Cercado nella foy dos Lioneses,
Porque a conquista della lhe tomâra,
De Lião sendo, e não dos Portugueses.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muytas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
Aa batalha onde foy vencido e preso.*
- [71] *O famoso Pompeyo não te pene,
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Posto que o frio Fasis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
O Bootes gellado, e a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.*

Posto

[72] *Posto que a rica Arabia, e que os feroces
 Eniocos, e Colcos, cuja fama
 O Veo dourado estende: e os Capadoços,
 E Iudea, que hum Deos adora e ama,
 E que o molles Sofenos, e os Atroces,
 Silicios, com a Armenia, que derrama,
 As agoas dos dous Rios, cuja fonte
 Está noutro mais alto e sancto Monte.*

[73] *E posto em fim que desdo mar de Atlante,
 Ate o Scitico Tauro, monte erguido
 Ia vencedor te vissem, não te espante
 Se o campo Emathio so te vio vencido,
 Porque Affonso veras soberbo e ouante,
 Tudo render, e ser despois rendido.
 Assi o quis o conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, e o genro a este.*

[74] *Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do diuino juyzo castigado,
 Despois que em Santarem soberbamente,
 Em vão dos Sarracenos foy cercado.
 E despois que do martyre Vicente,
 O sanctissimo corpo venerado.
 Do sacro promontorio conhecido,
 Aa cidade Vlissea foy trazido.*

[50v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[75] *Porque leuasse auante seu desejo,*

*Ao forte filho manda o lasso velho,
Que aas terras se passasse dalentejo,
Com gente, e co beligero aparelho:
Sancho, desforço e danimo sobejo,
Auante passa, e faz correr vermelho,
O rio que Seuilha vay regando,
Co sangue mauro, barbaro e nefando.*

[76] *E com esta victoria cobiçoso,*

*Ia não descansa o moço ate que veja,
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.*

[77] *Ia se ajuntão do monte, a quem Medusa*

*O corpo fez perder, que teue o Ceo:
Ia vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge que assento foy de Anteo.
O morador de Abila não se escusa,
Que tambem com suas armas se moueo:
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.*

Entraua

- [78] *Entraua com toda esta companhia,
 O Miralmomini em Portugal
 Treze Reis mouros leua de valia,
 Entre os quaes tem o ceptro Imperial:
 E assi fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal.
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,
 Porem não lhe socede muito bem.*
- [79] *Dalhe combates asperos, fazendo
 Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
 Não lhe aproueita ja trabuco horrendo,
 Mina secreta, Ariete forçoso:
 Porque o filho de Affonso, não perdendo
 Nada do esforço, e acordo generoso,
 Tudo prouê com animo e prudencia,
 Que em toda a parte ha esforço e resistencia*
- [80] *Mas o velho a quem tinham ja obrigado
 Os trabalhosos annos, ao sosego,
 Estando na Cidade, cujo prado
 Enuerdecem as agoas do Mondego:
 Sabendo como o filho està cercado,
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,
 Se parte diligente da Cidade,
 Que não perde a presteza co a idade.*

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [81] *E co a famosa gente á guerra vsada,
vay socorrer o filho, e assi ajuntados,
A Portuguesa furia costumada,
Em breue os Mouros tem desbaratados:
A campina que toda està qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cauallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos chea fica.*
- [82] *Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida,
O Miralmomini so não fogio,
Porque antes de fogir lhe fogue a vida,
A quem lhe esta victoria permitio,
Dão louuores e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente,
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.*
- [83] *De tamanhas victorias triumphaua,
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andaua,
Da larga, e muita idade foi vencido,
A palida doença lhe tocava,
Com fria mão o corpo enfraquecido:
E pagàrão seus annos deste geito,
Aa triste Libitina seu direito.*

Os altos

- [84] *Os altos promontorios o chorarão,
E do rios as agoas saudosas,
Os semeados campos alagarão,
Com lagrimas correndo piadosas:
Mas tanto pelo mundo se alargarão,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarão,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.*
- [85] *Sancho forte mancebo, que ficàra
Imitando seu pay na valentia,
E que em sua vida ja se experimentàra,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratàra,
Do Ismaelita Rei de Andaluzia.
E mais quando os que Beja em vão cercâo,
Os golpes de seu braço em si prouârão.*
- [86] *Despois que foy por Rei aleuantado,
Auendo poucos annos que reinaua,
A cidade de Silues tem cercado,
Cujos campos o barbaro lauraua:
Foy das valentes gentes ajudado,
Da Germanica armada, que passaua.
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Iudea ja perdida.*

[52v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [87] *Passauão a ajudar na sancta empresa,
O roxo Federico, que moueo
O poderoso exercito, em defesa
Da cidade onde Christo padeceo,
Quando Guido co a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeo:
No lugar onde aos Mouros sobejauão,
As agoas que os de guido desejauão.*
- [88] *Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento, aaquella parte
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Ia que em seruiço vay, do sancto Marte
Assi como a seu pay acontecèra,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Silues toma,
E o brauo morador destrue e doma.*
- [89] *E se tantos tropheos do Mahometa,
Aleuantando vay: tambem do forte
Liones, não consente estar quieta
A terra vsada aos casos de Mauorte:
Ate que na ceruiz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte,
Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.*

Mas

- [90] *Mas entre tantas palmas salteado
 Da temerosa morte, fica erdeiro,
 Hum filho seu de todos estimado,
 Que foy segundo Affonso, e Rei terceiro
 No tempo deste, aos Mauros foi tomado
 Alçaçere do sal por derradeiro:
 Porque dantes os Mouros o tomarão,
 Mas agora estruidos o pagarão.*
- [91] *Morto depois Affonso lhe sucede
 Sancho segundo, manso e descuidado,
 Que tanto em seus descuidos se desmede,
 Que de outrem quẽ mandava era mandado,
 De gouernar o Reino que outro pede,
 Por causa dos priuados foi priuado,
 Porque como por elles se regia,
 Em todos os seus vicios consentia.*
- [92] *Não era Sancho não tam desonesto,
 Como Nero, que hum moço recebia
 Por molher, e depois horrendo incesto,
 Com a mãy Agripina cometia:
 Nem tam cruel aas gentes e molesto,
 Que a cidade queimasse onde viuia,
 Nem tam mao como foi Helio gabão,
 Nem como o mole Rei Sardanapão.*

Nem

[53v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[93] *Nem era o pouo seu tiranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha como Phalaris achado,
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reino de altiui, e costumado
A senhores em tudo soberanos.
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.*

[94] *Por esta causa o Reino gouernou,
O Conde Bolonhes, depois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou,
Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado
Este que Affonso o brauo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado:
Em dilatalo cuida, que em terreno
Não cabe o altiui peito tam pequeno.*

[95] *Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte,
Recupêra co braço, e deita fora
O Mouro mal querido ja de Marte:
Este de todo fez liure e senhora
Lusitania, com força e bellica arte:
E acabou de oprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.*

Eis

[96] *Eis depois vem Dinis, que bem parece,
Do brauo Affonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escureçe,
Da liberalidade Alexandrina.
Co este o Reino prospero florece,
(Alcançada ja a paz aurea diuina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra ja tranquila claros lumes.*

[97] *Fez primeiro em Coimbra exercitarse,
O valeroso officio de Minerua,
E de Heliconas Musas fez passarse,
A pisar de Mondego a fertil erua:
Quanto pode de Athenas desejarse,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
Aqui as capellas da tecidas de ouro,
Do Bacaro, e do sempre verde louro.*

[98] *Nobres villas de nouo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros:
Mas depois que a dura Atropos cortou,
O fio de seus dias ja maduros:
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso: mas forte e excelēte.*

Este

[54v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[99] *Este sempre as soberbas Castelhanas,
Co peito desprezou firme e sereno,
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno
Mas porem quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Esperico terreno,
Entrarão pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a socorrella.*

[100] *Nunca com Semirâmis, gente tanta
Veio ôs campos Ydaspicos enchendo,
Nem Atila, que Italia toda espanta,
Chamandose de Deos açoute horrendo.
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessiuo de Granada,
Foy nos campos Tartesios ajuntada.*

[101] *E vendo o Rei sublime Castelhanao,
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do pouo Hispano,
Ia perdido hũa vez, que a propria morte
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandaua a carissima consorte,
Molher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo Reino foi mandada.*

Entraua

[102] *Entraua a fermosissima Maria,*

*Polos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto: mas fora de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados,
Os cabellos Angelicos trazia,
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do Pay ledo, que a agasalha,
Estas palauras tais chorando espalha.*

[103] *Quantos pouos a terra produzio*

*De Africa toda gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio
Pera vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso Mar a terra banha.
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a viuos medo, e a mortos faz espanto.*

[104] *Aquelle que me deste por marido,*

*Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe està, da Maura espada,
E se não for contigo socorrido,
Verme as delle e do Reino ser priuada,
Viuuu e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino, e sem ventura.*

Por tanto

[55v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[105] *Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,*

*O corrente Muluca se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo,
Aa miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro e ledó,
De pay o verdadeiro amor assella:
Acude e corre pay, que se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.*

[106] *Não de outra sorte a tímida Maria*

*Fallando está, que a triste Venus, quando
A Iupiter seu pay fauor pedia,
Pera Eneas seu filho, nauegando,
Que a tanta piedade o comouia,
Que caído das mãos o rayo infando.
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesandolhe do pouco que lhe pede.*

[107] *Mas ja cos esquadrões da gente armada,*

*Os Eborenses campos vão qualhados,
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
Vão rinchando os caualllos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os corações aa paz acostumbrados:
Vay às fulgentes armas incitando
Polas concauidades retumbando.*

Entre

- [108] *Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leua o collo aleuantado,
E somente co gesto esforça e anima,
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Rainha della.*
- [109] *Iuntos os dous Affõsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem sam pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tam potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Em quanto não conheça, e claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.*
- [110] *Estão de Agar os netos casi rindo,
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo,
Ante mão, entre o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Està o famoso nome Sarraceno.
Assi tambem com falsa conta e nua,
Aa nobre terra alhea chamão sua.*

Qual

[56v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[111] *Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa tam temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
So de pedras e esforço apercebido,
Com palauras soberbas o arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais pode a Fê que a força humana.*

[112] *Desta arte o Mouro perfido despreza,
O poder dos Christãos, e não entende,
Que està ajudado da alta fortaleza,
A quem o Inferno horrifico se rende.
Co ella o Castelhana, e com destreza,
De Marrocos o Rei comete e offende.
O Portugues que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.*

[113] *Eis as lanças e espadas retenião,
Por cima dos arneses, brauo estrago,
Chamão (segundo as leis que ali seguião,)
Hüs Mafamede, e os outros Sanctiago,
Os feridos com grita o Ceo ferião,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogauão,
Quando do ferro as vidas escapauão.*

Com

- [114] *Com esforço tamanho estrue e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tam barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vay ajudar ao brauo Castellhano,
Que pelejando está co Mauritano.*
- [115] *Ia se hia o Sol ardente recolhendo,
Pera a casa de Thetis, e inclinado,
Pera o Ponente o vespero trazendo,
Estaua o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro grande e horêdo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortindade, que a memoria,
Nunca no mundo vio tam gram victoria.*
- [116] *Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrerão neste vencimento,
Quando as agoas co sangue do aduersario,
Fez beber ao exercito sedento,
Nem o Peno asperissimo contrario,
Do Romano poder de nascimento:
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.*

[57v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[117] *E se tu tantas almas so podeste,
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do pouo pertinaz no antigo rito:
Permissam e vingança foy celeste,
E não força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois por IESV certificado.*

[118] *Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso aa Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, e mezquinha
Que despois de ser morta foy Rainha.*

[119] *Tu so, tu puro Amor com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa aa molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga:
E porque queres aspero e tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.*

Estauas

- [120] *Estauas linda Ines posta em sosego
De teus annos, colhendo doce fructo,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinando, e ás eruinhas
O nome que no peito escripto tinhas.*
- [121] *Do teu Principe ali te respondião,
As lembranças que na alma lhe morauão,
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus fermosos se apartauão
Denoite em doces sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos que voauão.
E quanto em fim cuidaua, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.*
- [122] *De outras bellas senhoras, e Princesas,
Os desejados tâlamos engeita,
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
Quando hum gesto suaue te sogeita:
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pay sesudo, que respeita
O murmurar do pouo, e a fantasia
Do filho, que casarse não queria.*

[58v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [123] *Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue sô da morte indina,
Matar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse aleuantada,
Contra hũa fraca dama delicada?*
- [124] *Trazião a os horrificos algozes,
Ante o Rei, ja mouido a piedade:
Mas o pouo com falsas, e ferozes
Razões, aa morte crua o persuade:
Ella com tristes e piedosas vozes,
Saidas sô da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos que deixaua,
Que mais que a propria morte a magoa.*
- [125] *Pera o Ceo cristalino aleuantando,
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estaua atando,
Hum dos duros ministros rigurosos.
E despois nos mininos atentando,
Que tam queridos tinha, e tam mimosos,
Cuja orfindade como mãy temia,
Pera o auô cruel assi dizia.*

Seja

- [126] *Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aues agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem tam piadoso sentimento,
Como co a mãy de Nino ja mostrãrão,
E cos yrmãos que Roma edificãrão.*
- [127] *O tu que tês de humano o gesto e o peito
(Se de humano he, matar hũa donzella
Fraca e sem força, so por ter sujeito
O coração, a quem soube vencella)
A estas criançinhas tem respeito,
Pois o não tês aa morte escura della,
Mouate a piedade sua e minha,
Pois te não moue a culpa que não tinha.*
- [128] *E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem pera perdela não fez erro:
Mas se to assi merece esta inocencia,
Poem me em perpetuo e misero desterro,
Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viua eternamente.*

[59v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[129] *Poem me onde se vse toda a feridade,
Entre Liões, e Tigres, e verey
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achey:
Ali co amor intrinseco e vontade,
Naquelle por quem mouro, criarey
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio seião da mãy triste.*

[130] *Queria perdoarlhe o Rei benigno,
Mouido das palauras que o magoão:
Mas o pertinaz pouo, e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoão,
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali apregoão,
Contra hũa dama, ó peitos carniceiros
Feros vos amostrais, e caualleiros?*

[131] *Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãy velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha:
Mas ella os olhos com que o ar serena,
(Bem como paciente, e mansa ouelha)
Na misera mãy postos, que endoudeçe
Ao duro sacrificio se offereçe.*

Tais

[132] *Tâis contra Inès os brutos matadores,
 No colo de alabastro, que sostinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha:
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçaão, feruidos e yrosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.*

[133] *Bem podêras, ô Sol, da vista destes
 Teus rayos apartar aquelle dia,
 Como da seua mesa de Tyestes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia.
 Vos, ô concauos vales que podestes,
 A voz extrema ouuir da boca fria,
 O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,
 Por muito grande espaço repetistes.*

[134] *Assi como a bonina que cortada,
 Antes do tempo foy, candida e bella,
 Sendo das mãos laciuas mal tratada,
 Da minina que a trouxe na capella:
 O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
 Tal està morta a palida donzella,
 Secas do rosto as rosas, e perdida
 A branca e viua cor, co a doce vida.*

[60v]

OS LVSIADAS DE. L. DE CA.

[135] *As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo chorando memorarão,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformarão:
O nome lhe poserão, que inda dura,
Dos amores de Ines que ali passarão.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas sam a agoa, e o nome amores.*

[136] *Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que em tomando do Reino a gouernança,
A tomou dos fugidos humicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos immigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.*

[137] *Este castigador foy reguroso,
De latrocinios, mortes e adulterios,
Fazer nos maos cruezas, fero e yroso,
Erão os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justiçaoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando aa morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.
Do justo*

[138] *Do justo e duro Pedro nasce o brando
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, e sem cuidado algum Fernando,
 Que todo o Reino pos em muito aperto,
 Que vindo o Castelhana deustando
 As terras sem defesa, esteue perto
 De destruirse o Reino totalmente,
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.*

[139] *Ou foy castigo claro do peccado,
 De tirar Lianor a seu marido,
 E casar se co ella de enleuado,
 Num falso parecer mal entendido:
 Ou foy que o coração sogeito, e dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, e fraco, e bem parece
 Que hum baxo amor os fortes enfraquece.*

[140] *Do peccado tiuerão sempre a pena
 Muitos, que Deos o quis, e permitio:
 Os que forão roubar a bella Elena,
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem Dauíd Sancto se condena?
 Ou quem o Tribo illustre destruiu
 De Benjamim? bem claro nolo insina,
 Por Sarra Faraô, Sychem por Dina.*

E pois

[61v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[141] *E pois se os peitos fortes enfraqueçe,
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece,
Quando em Omfale andaua transformado,
De Marco Antonio a fama se escureçe,
Com ser tanto a Cleopatra affeioado:
Tu tambem Peno prospero o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.*

[142] *Mas quem pode liurarse por ventura,
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas e a neuve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente
Quem de hũa peregrina fermosura
De hum vulto de Medusa propriamente
Que o coração conuerte que tem preso,
Em pedra não: mas em desejo aceso.*

[143] *Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Hũa suaue e Angelica excelencia,
Que em si está sempre as almas trãformãdo,
Que tiuesse contra ella resistencia:
Desculpado por certo está Fernando,
Pera quem tem de amor experencia:
Mas antes tendo liure a fantasia,
Por muyto mais culpado o julgaria.*

Fim.

☛ Canto Quarto.

[1] DEspois de procello/*sa tempestade,*

Nocturna sombra, e sibilante / vento,

Traz a manhã serena claridade,

Esperança de porto, e saluamento:

Aparta o Sol a negra escuridade,

Remouendo o temor ao pensamento:

Assi no Reino forte aconteeço,

Despois que o Rei Fernando falleçeo.

[2] *Porque se muito os nossos desejarão,*

Quem os danos e offensas va vingando,

Naquelles que tâbem se aproueitârão,

Do descuido remisso de Fernando,

Despois de pouco tempo o alcançârão,

Ioanne sempre illustre aleuantando

Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro

(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto

[62v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [3] *Ser isto ordenação dos ceos diuina,
Por sinais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz de hũa minina,
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo, e a voz aleuantou,
Portugal, Portugal, alçando a mão
Disse, polo Rei nouo Dom Ião.*
- [4] *Alteradas então do Reino as gentes,
Co odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e euidentes
Faz do pouo o furor por onde vinha,
Matando vão amigos e parentes,
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia desonesta
Mais (despois de viuua) manifesta.*
- [5] *Mas elle em fim com causa desonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem como Astianas precipitado
(Sem lhe valerem ordês) de alta torre
A quem ordês, nem aras, nem respeito,
Quem nu por ruas e em pedaços feito.
Podese*

- [6] *Podēse por em longo esquecimento,
As cruezas mortais que Roma vio
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Syla, quando o contrario lhe fogio:
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.*
- [7] *Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhana està, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pay sucede:
Suas forças ajunta pera as guerras
De varias regiões e varias terras.*
- [8] *Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,
(Se foy) ja teue o nome diriuado
Das terras que Fernando, e que Rodrigo
Ganharão do tirano e Mauro estado:
Não estimão das armas o perigo,
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneses, cuja gente,
Cos Mouros foi nas armas excellente.*

[63v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [9] *Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntauão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquibir as agoas lauão,
A nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tirios habitauão:
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.*
- [10] *Tambem vem la do Reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suaue e ledó,
Que das serras de Conca vem manando:
A vos outros tambem não tolhe o medo,
O sordidos Galegos, duro bando,
Que pera resistirdes, vos armastes,
Aaquelles, cujos golpes já prouastes.*
- [11] *Tambem mouem da guerra as negras furias,
A gente Bizcainha, que careçe
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadeçe:
A terra de Guipuscua, e das Asturias
Que com minas de ferro se ennobreçe,
Armou delle, os soberbos matadores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.*

Ioane

[12] *Ioane, a quem do peito o esforço creçe,
 Como a Sansam Hebreo da guedelha,
 Posto que tudo pouco lhe parece
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,
 E não porque conselho lhe faleçe,
 Cos principaes senhores se aconselha:
 Mas so por ver das gentes as sentenças,
 Que sempre ouue entre muitos differenças.*

[13] *Não falta com razões quem desconcerte,
 Da opinião de todos, na vontade,
 Em quem o esforço antigo se conuerte,
 Em desusada e ma deslealdade,
 Podendo o temor mais, gelado, inerte
 Que a propria e natural fidelidade,
 Negão o Rei e a patria, e se conuem
 Negarão (como Pedro) o Deos que tem.*

[14] *Mas nunca foy que este erro se sentisse,
 No forte dom Nuno aluerez: mas antes
 Posto que em seus Irmãos tão claro o visse,
 Reprouando as vontades incostantes:
 A aquellas duuidosas gentes disse,
 Com palauras mais duras que elegantes,
 A mão na espada irado, e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:
 Como*

[64v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[15] *Como da gente illustre Portuguesa,
Ha de auer quem refuse o patrio Marte?
Como, desta prouincia que princesa
Foy das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sair quem negue ter defesa,
Quem negue a Fe, o amor, o esforço e arte
De Portugues, e por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver sogeito?*

[16] *Como, não sois vos inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira,
Do grande Enriquez, feros e valentes
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poseram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxerão
Presos, afora a presa que tiuerão?*

[17] *Com quem forão contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vos,
Por Dinis e seu filho, sublimados
Se não cos vossos fortes pais e auôs?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,
Torne vos vossas forças o Rei nouo,
Se he certo que co Rei se muda o pouo.*

Rei

- [18] *Rei tendes tal, que se o valor tiuerdes
 Igual ao Rei que agora aleuantastes,
 Desbaratareis tudo o que quiserdes,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não mouerdes,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atay as mãos a vosso vão receio,
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.*
- [19] *Eu so com meus vassalos, e com esta,
 (E dizendo isto arranca mea espada)
 Defenderey da força dura, e infesta
 A terra nunca de outrem sojugada,
 Em virtude do Rei, da patria mesta,
 Da lealdade ja por vos negada,
 Vencerey (não so estes aduersarios:)
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.*
- [20] *Bem como entre os mançebos recolhidos,
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,
 Ia pera se entregar quasi mouidos
 A fortuna das forças Affricanas:
 Cornelio moço os faz, que compelidos
 Da sua espada jurem, que as Romanas
 Armas, nam deixarão em quanto a vida
 Os nam deixar, ou nellas for perdida.*

[65v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [21] *Destarte a gente força, e esforça Nuno,
Que com lhe ouuir as vltimas razões
Remouem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animais caualgão de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessoês,
Vão correndo e gritando a boca aberta,
Viua o famoso Rei que nos liberta.*
- [22] *Das gentes populares, hũs aprouão
A guerra com que a patria se sostinha,
Hũs as armas alimpão e renouão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capaçetes estofam, peitos prouão,
Armase cada hum como conuinha.
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.*
- [23] *Com toda esta lustrosa companhia,
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conto,
Com que passaua Xerxes o Helesponto:*

Dom

- [24] *Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos Castelhanos,
 Como ja o fero Huno o foy primeiro
 Pera Franceses, pera Italianos,
 Outro tambem famoso caualleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto pera mandalos, e regelos,
 Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.*
- [25] *E da outra ala que a esta corresponde,
 Antão vazquez de Almada he Capitão,
 Que despois foy de Abranches nobre Conde,
 Das gentes vay regendo a sestra mão,
 Logo não retagoarda não se esconde,
 Das quinas e castellos o pendão,
 Com Ioanne Rey forte em toda parte,
 Que escurecendo o preço vay de Marte.*
- [26] *Estauão pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mais, irmãs, damas, e esposas
 Prometendo jejũs, e romarias:
 Ia chegão as esquadras bellicosas,
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duuida concebem.*

[66v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[27] *Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores,
Alferезes volteão as bandeiras,
Que variadas sam de muitas cores:
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lauradores,
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,
Baco das vuas tira o doce mosto.*

[28] *Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, e temeroso,
Ouuiu o o monte Artabro, e Guadiana,
Atras tornou as ondas de medroso:
Ouuiu o Douro, e a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duuidoso:
E as mãis que o som terribil escuitârão,
Aos peitos os filhinhos apertârão.*

[29] *Quantos rostos ali se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
He mayor muitas vezes que o perigo,
E se o não he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro immigo,
Faz não sentir, que he perda grande e rara
Dos membros corporais da vida cara.*

Começase

[30] *Começase a trauar a incerta guerra,
De ambas partes se moue a primeira ala,
Hũs leua a defensam da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala
Derriba, e encontra, e a terra ã fim semea
Dos que a tanto deseção, sendo alhea.*

[31] *Ia pelo espesso ar, os estridentes
Farpões, setas, e varios tiros voão,
Debaxo dos pês duros dos ardentes
Caualllos, treme a terra, os vales soão:
Espedação se as lanças, e as frequentes
Quedas, co as duras armas tudo atroão.
Recreçem os immigos sobre a pouca
Gente, do fero Nuno que os apouca.*

[32] *Eis ali seus yrmãos contra elle vão,
(Caso feo e cruel:) mas não se espanta,
Que menos he querer matar o yrmão,
Quem contra o Rei e a patria se aleuanta:
Destes arrenegados muitos sam,
No primeiro esquadrão, que se adianta,
Contra yrmãos e parentes (caso estranho)
Quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.*

[67v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [33] *O tu Sertorio, o nobre Coriolano
Catilina, e vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se lâ no reino escuro de Sumano
Receberdes grauissimos castigos
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algũs treedores ouue algũas vezes.*
- [34] *Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Esta ali Nuno, qual pellos outeiros
De Ceita está o fortissimo lião
Que cercado se ve dos caualleiros
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguem no com as lanças, e elle iroso
Toruado hũ pouco está, mas não medroso.*
- [35] *Com torua vista os vê, mas a natura
Ferina, e a yra não lhe compadem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o caualeiro que a verdura
Tinge co sangue alheyo, ali perecem
Algũs dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.*

Sentio

- [36] *Sentio Ioane a afronta que passaua
 Nuno, que como sabio capitão,
 Tudo corria, e via, e a todos daua
 Com presença e palauras coração:
 Qual parida Lioa fera e braua
 Que os filhos que no ninho sôs estão
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,
 O pastor de Massilia lhos furtara.*
- [37] *Corre raiuosa, e freme, e com bramidos
 Os montes sete Irmãos atroa e abala,
 Tal Ioane com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode aa primeira ala:
 O fortes companheiros, o subidos
 Caualeyros, a quem nenhum se ygoala,
 Defendey vossas terras que a esperança
 Da liberdade, está na vossa lança.*
- [38] *Vedes me aqui, Rey vosso, e companheiro
 Que entre as lanças e sêtas, e os arneses
 Dos inimigos corro, e vou primeiro
 Pelejay verdadeiros Portugueses:
 Isto disse o magnanimo guerreyro
 E sopesando a lança quatro vezes,
 Com força tira e deste vnico tiro
 Muytos lançarão o vltimo suspiro,*
 I 4 Porque

[68v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[39] *Porque eis os seus acesos nouamente
Dhũa noble vergonha e honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente,
Perigos vencerá, do Marcio jogo
Porfião: tingeo ferro o fogo ardente
Rompem malhas primeiro, e peitos logo
Assi recebem junto e dão feridas
Como a quem ja não doe perder as vidas.*

[40] *A muitos mandão ver o Estigio lago
Em cujo corpo a morte, e o ferro entraua:
O Mestre morre ali de Sanctiagio
Que fortissimamente pelejava
Morre tambem, fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatraua
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo e os fados.*

[41] *Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres ao profundo
Onde o Trifauce Cão perpetua fome
Tem, das almas que paixão deste mundo
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foy derribada os pêds da Lusitana.*

Aqui

- [42] *Aqui a fera batalha se encruece*
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas
A multidão da gente que perece
Tem as flores da propria cor mudadas:
Ia as costas dão e as vidas: ja falece
O furor, e sobejão as lançadas,
Ia de Castella o Rey desbaratado
Se vee, e de seu proposito mudado.
- [43] *O campo vay deixando ao vencedor*
Contente de lhe não deixar a vida
Seguẽ no os que ficarão, e o temor
Lhe da não pês, mas asas aa fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da desonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.
- [44] *Algũs vão maldizendo e blasfemando*
Do primeyro que guerra fez no mundo
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo:
Que por tomar o alheo, o miserando
Pouo aventura aas penas do profundo
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos desditosas.

[69v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[45] *O vencedor Ioanne esteue os dias
Costumados no campo, em grande gloria
Com offertas despois, e romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno que não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria
Se não por armas sempre soberanas
Pera as terras se passa Trãstaganas.*

[46] *Ajudao seu destino de maneira
Que fez igoal o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento
Ia de Siuilha a Betica bandeira
E de varios senhores nũ momento
Se lhe derriba aos pês sem ter defesa
Obrigados da força Portuguesa.*

[47] *Destas e outras victorias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos
Quando a paz desejada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
Despois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Aas duas Illustrissimas Inglesas
Gentis, fermosas, inclitas princesas.*

Não

[48] *Não sofre o peito forte vsado aa guerra
Não ter imigo ja a quem faça dano,
E assi não tendo a quem vencer na terra
Vay cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeiro Rey que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano,
Conheça pollas armas, quanto excede
A ley de Christo aa ley de Mafamede.*

[49] *Eis mil nadantes aues pello argento
Da furiosa Tetis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pos a extrema meta:
O monte Abila, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Iuliana, mâ, e desleal manha.*

[50] *Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do ceo supremo, quis que pouoasse:
Mas pera defensam dos Lusitanos
Deixou quem o leuou, quem gouernasse,
E aumentasse a terra mais que dantes
Inclita gêração, altos Infantes.*

Não

[70v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [51] *Não foy do Rey Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza,
Que assi vay alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reino, e neste Rey
Não vsou ella tanto desta ley.*
- [52] *Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando
Que a tão altas empresas aspiraua
Que por salvar o pouo miserando
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:
Sô por amor da patria estâ passando
A vida de senhora feyta escraua,
Por não se dar por elle ha forte Ceita
Mais o pubrico bem que o seu respeita.*
- [53] *Codro porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a patria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida:
Este porque se Espanha não temesse
A captiueiro eterno se conuida:
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto
Nemos Decios leis fizeram tanto.*

Mas

[54] *Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
 Que a soberba do barbaro fronteiro,
 Tornou em baixa e humilima miseria,
 Fora por certo inuicto caualleiro,
 Se não quisera yr ver a terra Iberia:
 Mas Affrica dira ser impossibil,
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.*

[55] *Este pode colher as maçãs de ouro,
 Que somente o Terintio colher pode,
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,
 A ceruiz inda agora nam sacode:
 Na frente a palma leua, e o verde louro,
 Das victorias do barbaro, que acode
 A defender Alcaçer forte villa,
 Tangere populoso, e a dura Arzilla.*

[56] *Porem ellas em fim por força entradas,
 Os muros abaxarão de Diamante,
 Aas Portuguesas forças costumadas,
 A derribarem quanto achão diante,
 Marauilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dinas elegante,
 Fizerão caualleiros nesta empresa
 Mais, affinando a fama Portuguesa.*

Porem

[71v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[57] *Porem depois tocado de ambição,*

E gloria de mandar amara e bella,

Vay cometer Fernando de Aragão,

Sobre o potente Reino de Castella,

Ajuntase a inimiga multidão,

Das soberbas e varias gentes della,

Desde Caliz ao alto Perineo,

Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

[58] *Não quis ficar nos Reinos occioso,*

O mancebo Ioanne, e logo ordena

De ir ajudar o pay ambicioso,

Que então lhe foy ajuda não pequena,

Saiose em fim do trançe perigoso,

Com fronte não toruada, mas serena

Desbaratado o pay sanguinolento:

Mas ficou duuidoso o vencimento.

[59] *Porque o filho sublime e soberano,*

Gentil, forte, animoso caualleiro,

Nos contrarios fazendo imenso dano,

Todo hum dia ficou no campo inteiro:

Desta arte foy vencido Octauiano,

E Antonio vencedor seu companheiro,

Quando daquelles que Cesar matârão

Nos Philipicos campos se vingârão.

Porem

[60] *Porem depois que a escura noite eterna,
 Affonso apousentou no Ceo sereno,
 O Principe que o Reino então gouerna,
 Foy Ioanne segundo, e Rei terzeno:
 Este por auer fama sempiterna,
 Mais do que tentar pode homem terreno
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.*

[61] *Manda seus mensageiros que passarão
 Espanha, França, Italia celebrada,
 E la no illustre porto se embarcârão,
 Onde ja foy Partenope enterrada,
 Napoles onde os fados se mostrârão,
 Fazendoa a varias gentes subjugada,
 Pola illustrar no fim de tantos annos,
 Co senhorio de inclitos Hispanos.*

[62] *Polo mar alto Siculo nauegão,
 Vão se aas praias de Rodes arenosas,
 E dali aas ribeiras altas chegão,
 Que com morte de Magno sam famosas:
 Vão a Menfis, e aas terras que se regão,
 Das enchentes Niloticas vndosas,
 Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,
 Que de Christo la guarda o sancto rito.*

Passam

[72v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[63] *Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficão lhe atras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou:
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descuberta
Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.*

[64] *Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dali vão em demanda da agoa pura,
Que causa inda sera de larga historia
Do Indo, pellas ondas do Oceano,
Onde nam se atreueo passar Trajano.*

[65] *Virão gentes incognitas, e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas
Que cada Região produz e cria:
Mas de vias tão asperas, tamanhas
Tornarse facilmente não podia,
La morrerão em fim, e la ficirão.
Que aa desejada patria não tornâão.*

Parece

- [66] *Parece que guardava o claro Ceo
 A Manoel, e seus merecimentos,
 Esta empresa tão ardua, que o moueo
 A subidos e illustres mouimentos:
 (Manoel, que a Ioane socedeo
 No reino, e nos altiuos pensamentos)
 Logo como tomou do reino cargo
 Tomou mais a conquista do mar largo.*
- [67] *O qual, como do nobre pensamento
 Daquella obrigação, que lhe ficára
 De seus antepassados, (cujo intento,
 Foy sempre acrecentar a terra chara)
 Não deixasse de ser hum so momento
 Conquistado: No tempo que a luz clara
 Foge, e as estrellas nitidas que saem
 A repouso conuidão, quando caem.*
- [68] *Estando ja deitado no aureo leito
 Onde ymaginações mais certas sam,
 Reoluendo contino no conceito
 De seu officio, e sangue a obrigação,
 Os olhos lhe occupou o sonno acceito
 Sem lhe desoccupar o coração,
 Porque tanto que lasso se adormece
 Morfeo en varias formas lhe aparece.*

K Aqui

[73v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[69] *Aqui se lhe apresenta que subia*

*Tão alto que tocava aa prima Esphera,
Donde diante varios mundos via
Nações de muita gente estranha, e fera:
E laa bem junto donde nace o dia
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiquos longinquos e altos montes
Nacerem duas claras e altas fontes.*

[70] *Aues agrestes, feras e alimarias*

*Pello monte seluatico habitauão,
Mil aruores syluestres e eruas varias
O passo e o trato aas gentes atalhauão:
Estas duras montanhas aduersarias
De mais conuersação, por si mostrauão
Que desde Adão peccou aos nossos annos
Não as romperão nunca pês humanos.*

[71] *Das agoas se lhe antolha que saião*

*Parelle os largos passos inclinando,
Dous homẽs, que muy velhos parecião
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe saião
Gotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça e denegrida
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.*

Dambos

[72] *Dambos de dous a fronte coroada
 Ramos não conhecidos e eruas tinha,
 Hum delles a presença traz cansada
 Como quem de mais longe ali caminha,
 E assi a agoa com impito alterada
 Parecia que doutra parte vinha,
 Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa
 Vay buscar os abraços de Aretusa.*

[73] *Este que era o mais graue na pessoa
 Destarte pera o Rey de longe brada,
 O tu a cujos reinos e coroa
 Grande parte do mundo esta guardada,
 Nos outros, cuja fama tanto voa
 Cuja ceruiz bem nunca foy domada,
 Te auisamos que he tempo que ja mandes
 A receber de nos tributos grandes.*

[74] *Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,
 Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra
 Que vês, seu nascimento tem primeiro:
 Custartemos com tudo dura guerra,
 Mas insistindo tu por derradeiro,
 Com não vistas victorias, sem receyo
 A quantas gentes vês poras o freyo.*

[74v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[75] *Não disse mais o rio Illustré e sancto,
Mas ambos desaparecem num momento,
Acorda Emanuel cum nouo espanto
E grande alteração de pensamento:
Estendeo nisto Febo o claro manto
Pello escuro Emisperio somnolento:
Veyo a menham no ceo pintando as côres
De pudibunda rosa e roxas flores.*

[76] *Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe lhe as figuras da visam,
As palauras lhe diz do sancto velho,
Que a todos forão grande admiração:
Determinão o nautico aparelho
Pera que com sublime coração
Vaa a gente que mandar cortando os mares
A buscar nouos climas, nouos ares.*

[77] *Eu que bem mal cuidaua que em effeito
Se possesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me prometia:
Não sey porque razão, porque respeito,
Ou porque bom sinal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chaue
Deste cometimento grande, e graue.*

E com

[78] *E com rogo e palauras amorosas*
Que he hũ mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcanção com trabalho e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que quando ao medo infame não se rende
Então, se menos dura, mais se estende.

[79] *Eu vos tenho entre todos escolhido*
Para hũa empresa qual a vos se deue,
Trabalho illustre, duro e esclarecido,
O que eu sey que por mi vos sera leue:
Não sofri mais, mas logo: O Rey subido,
Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,
He tão pouco por vos, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

[80] *Imaginay tamanhas auenturas*
Quaes Euristee a Alcides inuentaua,
O lião Cleonêo, Arpias duras
O porco de Erimanto, a Ydra braua:
Decer em fim aas sombras vans e escuras
Onde os campos de Dite a Estige laua,
Porque a mayor perigo, a môr affronta
Por vos, o Rey, o esprito e carne he prôpta.

[75v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[81] *Com merces sumptuosas me ag ardece
E com razões me louua esta vontade,
Que a virtude louuada viue e crece,
E o louuor altos casos persuade:
A acompanharme logo se offerece
Obrigado damor e damizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O charo meu Irmão Paulo da Gama.*

[82] *Mais se me ajunta Nicolao Coelho
De trabalhos muy grande soffredor,
Ambos sam de valia e de conselho
Dexperencia em armas e furor:
Ia de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valer,
Todos de grande esforço, e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.*

[83] *Forão de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palauras altas animados
Pera quantos trabalhos soccedessem:
Assi forão o Mynias ajuntados
Pera que o veo dourado combatessem,
Na Fatidiça nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxinio, auentureira.*

E ja

[84] *E ja no porto da inclita Vlissea
Cum aluoroço nobre, e cum desejo,
(Onde o licor mistura e branca area
Co salgado Neptuno o doce Tejo:)
As naos prestes estão, e não refrea
Temor nenhum o iuuenil despejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão pera seguirme a toda parte.*

[85] *Pellas prayas vestidos os soldados
De varias cores vem, e varias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo nouas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados
Ondeão os aerios estandartes,
Ellas prometem vendo os mares largos
De ser no Olimpo estrellas como a de Argos.*

[86] *Despois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma pera a morte
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Pera o sumo poder que a Etherea corte
Sostenta so coa vista veneranda,
Imploramos fauor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.*

[76v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[87] *Partimonos assi do sancto templo*

*Que nas Praís do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos foy em carne ao mundo dado:
Certifico te, o Rey, que se contemplo
Como fuy destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duuida e receyo
Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.*

[88] *A gente da cidade aquelle dia*

*(Hūs por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria
Saudosos na vista e descontentes:
E nos coa virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissam solene a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.*

[89] *Em tão longo caminho e duuidoso*

*Por perdidos as gentes nos julgauão,
As molheres cum choro piadoso,
Os homens com suspiros que arrancauão:
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentauão
A desesperação, e frio medo
De ja nos não tornar a ver tão cedo.*

Qual

[90] *Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha*

*So pera refrigerio, e doce emparo
 Desta cansada ja velhice minha,
 Que em choro acabará, penoso e amaro:
 Porque me deixas, misera e mezquinha?
 Porque de mi te vas, o filho charo
 A fazer o funereo enterramento
 Onde sejas de pexes mantimento?*

[91] *Qual em cabelo: O doce e amado esposo*

*Sem quem não quis amor que viuer possa,
 Porque is auenturar ao mar iroso
 Essa vida que he minha, e não he vossa?
 Como por hum caminho duuidoso
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vãõ contentamento
 Quereis que com as vellas leue o vento.*

[92] *Nestas e outras palauras que dizião*

*De amor, e de piadosa humanidade,
 Os velhos e os mininos os seguião
 Em quem menos esforço poẽ a ydade:
 Os montes de mais perto respondião
 Quasi mouidos de alta piedade,
 A branca area as lagrimas banhauão
 Que em multidão co ellas se ygoalauão.*

Nos

[77v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[93] *Nos outros sem a vista aleuantarmos
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do preposito firme começado:
Determiney de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor vsança boa
Aquem se aparta, on fica, mais magoa.*

[94] *Mas hum velho daspeito venerando,
Que ficaua nas prayas, entre a gente,
Postos em nos os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco aleuantando,
Que nos no mar ouuimos claramente,
Cum saber so dexperiencias feyto
Tais palauras tirou do experto peito.*

[95] *O gloria de mandar, o vaã cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
O fraudolento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho e que justiça
fazes no peito vão que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueldades nelles esprimentas.*

Dura

- [96] *Dura inquietação dalma e da vida*
Fonte de desemparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reynos, e de imperios:
Chamante illustre, chamante subida,
Sendo dina de infames vituperios,
Chamante Fama, e Gloria soberana,
Nomes com quem se o pouo nescio engana.
- [97] *A que nouos desastres determinas*
De leuar estes reynos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reynos, e de minas
Douro, que lhe faras tão facilmente?
Que famas lhe prometeras, que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?
- [98] *Mas ô tu geração daquelle insano*
Cujo peccado e desobediencia,
Não somente do reino soberano
Te pos neste desterro e triste ausencia:
Mas inda doutro estado mais que humano
Da quieta e da simpres innocencia,
Idade douro, tanto te priuou
Que na de ferro e darmas te deitou.

[78v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[99] *Ia que nesta gostosa vaidade*

*Tanto enleuas a leue fantasia,
Ia que aa bruta crueza e feridade
Poseste nome esforço e valentia,
Ia que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que deuia
De ser sempre estimada, pois que ja
Temeo tanto perdella quem a dá.*

[100] *Não tens junto com tigo o Ismaelita*

*Com quem sempre teras guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu polla de Christo so pellejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado
Se queres por victorias ser louuado?*

[101] *Deixas criar aas portas o inimigo*

*Por yres buscar outro de tão longe,
Por quem se despouoe o reino antigo
Se enfraqueça e se vaa deitando a longe:
Buscas o incerto e incognito perigo
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando te senhor com larga copia
Da India, Persia, Arabia, e de Ethiopia.*

O maldito

[102] *O maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vella pôs en seco lenho,
Dino da eterna pena do profundo
Se he justa a justa ley que sigo e tenho:
Nunca juyzo algum alto e profundo,
Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome e gloria.*

[103] *Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas accendeo
Em mortes, em desonras (grande engano)
Quanto millhor nos fora Prometeo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua Illustre não tiuera
Fogo de altos desejos, que a mouera.*

[104] *Não cometera o moço miserando
O carro alto do pay, nem o âr vazio
O grande Achitector co filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro, fama ao rio:
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, agoa, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração:
Misera sorte, estranha Condição.*

FIM.

[79v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

☛ Canto Quinto.

[1] Estas sentenças tais / o velho honrado
Vociferando estaua, quando a-/brimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E como he ja no mar costume vsado
A vella desfraldando o ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fez o vsado mouimento.

[2] Entruaa neste tempo o eterno lume,
No animal Nemejo truculento,
E o mundo que com tempo se consume
Na seista idade andaua enfermo e lento:
Nella ve, como tinha por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais nouenta e sete, em que corria
quando no mar a armada se estendia.

Iaa

- [3] *Ia a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficauão,
Ficaua o charo Tejo, e a fresca serra
De Sintra, e nella os olhos se alongauão:
Ficauanos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá dixauão,
E ja despois que toda se escondeo
Não vimos mais em fim que mar e ceo.*
- [4] *Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração algũa não abrio,
As nouas Ilhas vendo, e os nouos ares,
Que o generoso Enrique descobrio:
De Mauritania os montes e lugares
Terra que Anteo num tempo possuyo,
Deyxando aa mão ezquerda, que aa direita
Não ha certeza doutra, mas sospeita.*
- [5] *Passamos a grande Ilha da madeira
Que do muito aruoredo assi se chama,
Das que nos pouoamos, a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe auentajão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecera
De Cypro, Gnido, Pafos, e Cythêra.*

Deixamos

[80v]

OS LVSIADAS DE. L. DE CA.

[6] *Deixamos de Massilia a esteril costa*

*Onde seu gado os Azenegues pastão,
Gente que as frescas agoas nunca gosta
Nem as eruas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fruto em fim desposta,
Onde as aues no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Barbaría de Etiopia.*

[7] *Passamos o lemite aonde chega*

*O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os pouos, a quem nega
O filho de Climêne a cor do dia:
Aqui gentes estranhas laua e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamando se dos nossos Cabo verde.*

[8] *Passadas tendo ja as Canareas ilhas*

*Que tiuerão por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas:
Terras por onde nouas marauilhas
Andarão vendo jaa nossas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento
Por tomarmos da terra mantimento.*

A aquella

[9] *A aquella ilha aportamos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanctiago,
 Sancto que os Espanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:
 Daqui tanto que Boreas nos ventou
 Tornamos a cortar o immenso lago,
 Do salgado Oceano, e assi deixamos
 A terra onde o refresco doce achamos.*

[10] *Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficaua ao Oriente,
 A prouincia Ialofo, que reparte
 Por diuersas nações a negra gente:
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,
 Logramos o metal rico e luzente,
 Que do curuo Gambea as agoas bebe
 As quaes o largo Atlantico recebe.*

[11] *As Dorcadas passamos, pouoadas
 Das Irmaãs, que outrotempo ali viuião,
 Que de vista total sendo priuadas
 Todas tres dhum so olho se seruião:
 Tu so, tu cujas tranças encrespadas
 Neptuno la nas agoas acendião,
 Tornada ja de todas a mais fea
 De biuoras encheste a ardente area.*

L Sempre

[81v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[12] *Sempre em fim pera o Austro a aguda proa
No grandissimo golfaõ nos metemos,
Deixando a serra asperrima Lyoa
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas, que ali temos,
Ficou, co a Ilha illustre que tomou
O nome dhum que o lado a Deos tocou.*

[13] *Ali o muy grande reyno está de Congo
Por nos ja conuertido â fee de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo
Rio pellos antigos nuca visto:
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido pollo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado
Onde o meyo do mundo he limitado.*

[14] *Ia descuberto tinhamos diante
La no nouo Hemisperio noua estrella,
Nã vista deoutra gente, que ignorante
Algũs tempos esteue incerta della:
Vimos a parte menos rutilante
E por falta destrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se nã sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.*

Assi

[15] *Assi passando aquellas regioës*

*Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous inuernos fazendo e dous veroës
Em quanto corre dhum ao outro Polo:
Por calmas, por tormentas e oppressõs
Quesempre faz no mar o yrado Eolo,
Vimos as Vrsas a pesar de Iuno
Banharemse nas agoas de Neptuno.*

[16] *Contarte longamente as perigosas*

*Cousas do mar, que os homës não entendem,
Subitas trouoadas temerosas,
Relampados que o ar em fogo acendem:
Negros chuueiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trouoës que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro
Ainda que tiuesse a voz de ferro.*

[17] *Os casos vi que os rudos marinheiros*

*Que tem por mestra a longa experiencia,
Contão por certos sempre e verdadeiros
Iulgando as cousas so polla apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros
Que so por puro engenho e por ciencia,
Vem do mundo, os segredos escondidos
Iulgão por falsos, ou mal entendidos.*

[82v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[18] *Vi claramente visto o lume viuo*

*Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquiuo
De tempestade escura e triste pranto:
Não menos foy a todos excessiuo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuuês do mar com largo cano
Soruer as altas agoas do Oceano.*

[19] *Eu o vi certamente (e não presumo*

*Que a vista me enganaua) leuantar se,
No ar hum vaporzinho e sutil fumo
E do vento trazido, rodearse:
De aqui leuado hum cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado que enxergarse
Dos olhos facilmente não podia,
Da materia das nuuês parecia.*

[20] *Hia se pouco e pouco acrecentando*

*E mais que hum largo masto se engrossaua,
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupaua:
Estauase co as ondas ondeando,
Encima delle hũa nuuem se espessaua,
Fazendose mayor, mais carregada
Co cargo grande dagoa em si tomada.*

Qual

- [21] *Qual roxa Sanguesuga se veria*
Nos beijos da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente,
Tal a grande coluna, enchendo aumenta
A si, e a nuuem negra que sustenta.
- [22] *Mas despois que de todo se fartou*
O pê que tem no mar a si recolhe,
E pello ceo chouendo em fim voou
Porque coa agoa a jacente agoa molhe:
Aas ondas torna as ondas que tomou:
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe,
Veirão agora os sabios na escriptura
Que segredos sam estes de Natura.
- [23] *Se os antigos Philosophos, que andarão*
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas que eu passei, passarão
A tão diuersos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que deixarão
Que influição de sinos e de estrellas,
Que estranhezas, que grandes qualidades,
E tudo sem mentir, puras verdades.

[83v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[24] *Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrara, em quãto o mar cortaua a armada:
Quando da Etereã gauea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra, brada,
Salta no bordo aluoroçada a gente
Cos olhos no Orizõte do Oriente.*

[25] *A maneira de nuuẽs se começã
A descobrir os montes que enxergamos,
As ancoras pesadas se adereção,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas se conheção
As partes tão remotas onde estamos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuenção de sutil juizo e sabio.*

[26] *Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejøsa
Da terra que outro pouo não pisou:
Porem eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.*

Achamos

- [27] *Achamos ter de todo ja passado*
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomarão per força, em quanto apanha
De mel os doces fauos na montanha.
- [28] *Toruado vem na vista, como aquelle*
Que não se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,
Selugem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se mouia.
- [29] *Mando mostrarlhe peças mais somenos*
Contas de Christalino transparente,
Alguns soantes cascaueis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinais e por acenos
Que com isto se alegra grandemente,
Mando o soltar com tudo, e assi caminha
Pera a pouoação, que perto tinha.

[84v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [30] *Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nós, e da cor da escura treua,
Decendo pellos asperos outeiros
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domesticos ja tanto e companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato
E partirse co elles pello mato.*
- [31] *He Velloso no braço confiado
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas, sendo hum grande espaço ja passado,
Em que algum bom sinal saber procuro:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureyro, eis pello monte duro
Aparece, e segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.*
- [32] *O batel de Coelho foy de pressa
Pollo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Etiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe saem: vesse em pressa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto
Se mostra hum bando negro descuberto.*

Da

[33] *Da espessa nuuem sêtas e pedradas
 Chouem sobre nos outros sem medida,
 E não forão ao vento em vão deitadas
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:
 Mas nos como pessoas magoadas
 A reposta lhe demos tão tecida,
 Que em mais que nos barretes se sospeita
 Que a cor vermelha leuão desta feita.*

[34] *E sendo ja Velloso em saluamento
 Logo nos recolhemos pera a armada,
 Vendo a malicia fea e rudo intento
 Da gente bestial, bruta e maluada:
 De quem nenhum melhor conhecimento
 Podemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muyto longe della
 E assi torney a dar ao vento a vella.*

[35] *Disse então a Velloso hum companheiro
 (Começando se todos a sorrir)
 Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
 He melhor de decer que de subir:
 Si he, responde o ousado aaventureiro
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
 Daquelles caës, de pressa hum pouco vim
 Por me lembrar que estaveis ca sem mim.*

Contou

[85v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[36] *Contou então que tanto que passarão
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Auante mais passar o não deixarão,
Querendo, se não torna, ali matallo:
E tornando se, logo se emboscarão
Porque saindo nos pera tomallo,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.*

[37] *Porem ja cinco Soes erão passados
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca doutrem nauegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando hũa noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuuem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.*

[38] *Tão temerosa vinha e carregada,
Que pos nos coraçõs hum grande medo,
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada
Que ameaço diuino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mòr cousa parece que tormenta?*

Não

- [39] *Não acabaua, quando hũa figura
 Se nos mostra no ar, robusta e valida,
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida:
 Os olhos encouados, e a postura
 Medonha e maa, e a cor terrena e palida,
 Cheos de terra e crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.*
- [40] *Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificarte, que este era o segundo
 De Rodes estranhissimo Colosso,
 Que hum dos sete milagres foy do mundo:
 Cum tom de voz nos falla horrendo e grosso
 Que pareceo sair do mar profundo,
 Arrepião se as carnes e o cabelo
 A mi, e a todos, soo de ouuillo e vello.*
- [41] *E disse: O gente ousada mais que quantas
 No mundo cometerão grandes cousas,
 Tu que por guerras cruas, taes e tantas
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas
 E nauegar meus longos mares ousas,
 Que eu tão tempo ha ja que guardo, e tenho
 Nunca arados destranho, ou proprio lenho.
 Pois*

[86v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[42] *Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouue os danos de mi, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atreuimento,
Por todo o largo mar e polla terra
Que inda has de sojugar com dura guerra.*

[43] *Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atreuidas
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimprouiso tal castigo
Que seja môr o dano que o perigo.*

[44] *Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobrio suma vingança,
E não se acabará so nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereys cada anno
Se he verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.*

E do

- [45] *E do primeiro Illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,
 Serey eterna e noua sepoltura
 Por juizos incognitos de Deos:
 Aqui porà da Turca armada dura
 Os soberbos e prosperos tropheos,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaça.*
- [46] *Outro tambem virá de honrada fama
 Liberal, caualeiro, enamorado,
 E consigo trará a ferosa dama
 Que Amor por gram merce lhe terá dado:
 Triste ventura, e negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro e yrado,
 Os deixará dhum crú naufragio viuos
 Pera verem trabalhos eccessiuos.*
- [47] *Verão morrer com fome os filhos charos
 Em tanto amor gêrados e nacidos,
 Verão os Cafres asperos e auaros
 Tirar aa linda dama seus vestidos.
 Os cristalinos membros e perclaros
 Aa calma, ao frio, ao ar verão despídos,
 Depois de ter pisada longamente
 Cos delicados pês a area ardente.*

E verão

[87v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

- [48] *E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na feruida e implacabil espessura:
Ali depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltaram
Da fermosa e miserrima prisam.*
- [49] *Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem marauilhado.
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo, com voz pesada e amara
Como quem da pergunta lhe pesara.*
- [50] *Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
A quem chamais vos outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passarão fuy notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que pera o Polo Antartico se estende
A quem vossa ousadia tanto offende.
Fuy*

- [51] *Fuy dos filhos asperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano,
Chameime Adamastor, e fuy na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Não que possesse serra sobre serra
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fuy capitão domar, por onde andaua
A armada de Neptuno, que eu buscaua.*
- [52] *Amores da alta esposa de Peleo
Me fizerão tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezey do ceo
So por amar das agoas a Princesa:
Hum dia a vi coas filhas de Nereo
Sayr nua na praya, e logo presa,
A vontade senti, de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.*
- [53] *Como fosse impossibil alcançalla
Polla grandeza fea de meu gesto,
Determiney por armas de tomalla
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa então por mi lhe falla:
Mas ella cum fermoso riso honesto,
Respondeo: Qual sera o amor bastante
De Nimpha que sustente o dhum Gigante.*

Com

[88v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [54] *Com tudo por liurarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarey maneira,
Com que com minha honra escuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cair não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cigueira)
Encherãome com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.*
- [55] *Ia nescio, ja da guerra desistindo
Hũa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis vnica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.*
- [56] *O que não sey de nojo como o conte
Que crendo ter nos braços quem amaua,
Abraçado me achey cum duro monte
De aspero mato, e de espessura braua:
Estando cum penedo fronte a fronte
Queu pollo rosto angelico apertaua,
Não fiquey homem não, mas mudo e quedo
E junto dhum penedo outro penedo
O nimpha*

[57] O *Nimpha* a mais *fermosa do Oceano*
Ia que minha presença não te agrada,
Que te custaua terme neste engano,
Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:
Daqui me parto irado, e quasi insano
Da magoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

[58] *Erão ja neste tempo meus Irmãos*
Vencidos e em miseria extrema postos,
E por mais segurarse os Deoses vãos
Algũs a varios montes sottopostos:
E como contra o Ceo não valem mãos,
Eu que chorando andaua meus desgostos,
Comecey a sentir do fado imigo
Por meus atreuimentos o castigo.

[59] *Conuerteseme a carne em terra dura,*
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros que ves e esta figura
Por estas longas agoas se estenderão:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo conuerterão
Os Deoses, e por mais dobradas magoas
*Me anda *Thetis* cercando destas agoas.*

M Assi

[89v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[60] *Assi contava e cum medonho choro
Subito dante os olhos se apartou,
Desfez se a nuuem negra, e cum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou:
Eu, leuando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que remouesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.*

[61] *Ia Phlegon, e Pyrois vinhão tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foy mostrando
Em que foy conuertido o grão gigante:
Ao longo desta costa, começando
Ia de cortar as ondas do Leuante,
Por ella abaixo hum pouco nauegamos
Onde segunda vez terra tomamos.*

[62] *A gente que esta terra possuya
Posto que todos Etiopes erão,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos receberão:
Com bailos e com festas de alegria
Pella praya arenosa a nos vierão,
As molheres consigo e o manso gado
Que apacentauão, gordo e bem criado.*

As

- [63] *As molheres queimadas vem encima
 Dos vagarosos bois, ali sentadas
 Animais que elles tem em mais estima
 Que todo o outro gado das manadas:
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
 Na sua lingua cantão concertadas,
 Co doce som das rusticas auenas
 Imitando de Titiro as Camenas.*
- [64] *Estes como na vista prazenteiros
 Fossem, humanamente nos tratarão,
 Trazendonos galinhas e carneiros
 A troco doutras peças que leuarão:
 Mas como nunca em fim meus companheiros
 Palaura sua algũa lhe alcançarão
 Que desse algum sinal do que buscamos:
 As vellas dando, as ancoras leuamos.*
- [65] *Ia aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
 Aa costa negra de Africa, e tornaua
 A proa a demandar o ardente meyo
 Do Ceo, e o polo Antartico ficaua:
 Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
 Outra armada primeira, que buscaua
 O tormentorio Cabo, e descuberto,
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.*

[90v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[66] *Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo nouas vias
So conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tempo andamos em porfias
Que como tudo nelle sam mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante
Que passar não deixaua por diante.*

[67] *Era mayor a força em demasia
Segundo pera tras nos obrigaua,
Do mar, que cantro nos ali corria
Que por nos a do vento que assopraua:
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar (parece) tanto estaua
Os assopros esforço iradamente
Com que nos fez vencer a grão corrente.*

[68] *Trazia o Sol o dia celebrado
Em que tres Reis das partes do Oriente,
Forão buscar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foy tomado
Por nos, da mesma ja contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos.*

Desta

[69] *Desta gente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca agoa, mas com tudo
 Nenhum sinal aqui da India achamos
 No pouo com nos outros casi mudo:
 Ora vê Rey quamanha terra andamos
 Sem sair nunca deste pouo rudo,
 Sem vermos nunca noua, nem sinal,
 Da desejada parte Oriental.*

[70] *Ora imagina agora quam coitados
 Andariamos todos, quam perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados
 Por climas e por mares não sabidos:
 E do esperar comprido tão cansados
 Quanto a desesperar ja compellidos,
 Por ceos não naturais, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.*

[71] *Corrupto ja e danado o mantimento
 Danoso e mão ao fraco corpo humano,
 E alem disso nenhum contentamento
 Que sequer da esperança fosse engano:
 Cres tu que se este nosso ajuntamento
 De soldados, não fora Lusitano,
 Que durara elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rey e a seu regente?*

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[72] *Cres tu que ja não forão leuantados
 Contra seu capitão se os resistira,
 Fazendo se Piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira?
 Grandemente, porcerto estão prouados
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portuguesa alta excellencia
 De lealdade firme, e obediencia.*

[73] *Deixando o porto em fim do doce rio
 E tornando a cortar a agoa salgada,
 Fizemos desta costa algum desuio
 Deitando pera o pego toda a armada:
 Porque ventando Noto manso e frio
 Nã nos apanhasse a agoa da enseada,
 Que a costa faz ali daquella banda
 Donde a rica Sofala o ouro manda.*

[74] *Esta passada, logo o leue leme
 Encomendado ao sacro Nicolao,
 Pera onde o mar na costa brada e geme
 A proa inclina dhũa e doutra nao.
 Quando indo o coração que espera e teme
 E que tanto fiou dhum fraco pao,
 Do que esperaua ja desesperado
 Foy dhũa nouidade aluroçado.*

E foy

[75] *E foy, que estando ja da costa perto
 Onde as prayas e valles bem se vião,
 Num rio, que ali sae ao mar aberto
 Bateis aa vela entrauão e sayão:
 Alegria muy grande foy porcerto
 Acharmos ja pessoas que sabião
 Nauegar, porque entrellas esperamos
 De achar nouas algũas, como achamos.*

[76] *Ethiopes sam todos, mas parece
 Que com gente melhor comunicauão,
 Palaura algũa Arabia se conhece
 Entre a lingoagem sua que falauão.
 E com pano delgado que se tece
 De algodão, as cabeças apertauã,
 Com otro que de tinta azul se tinge
 Cadahum as vergonhosas partes cinge.*

[77] *Pella Arabica lingoa que mal falão,
 E que Fernão martinz muy bem entende
 Dizem, que por nos, que em grãdeza ygoalão
 As nossas, o seu mar se corta e fende.
 Mas que la donde sae o Sol, se abalão
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, e estende,
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia
 Gente assi como nos da cor do dia.*

[92v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[78] *Muy grandemente aqui nos alegramos
Coa gente, e com as nouas muito mais.
Pellos sinais que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos bons sinais:
Hum padrão nesta terra aleuantamos
Que pera asinalar lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.*

[79] *Aqui de limos, cascas e dostrinhos,
Nojosa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminos
Longos do mar, vem sordidas e immundas:
Dos ospedes que tinhamos vizinhos
Com mostras apraziueis e jocundas,
Ouuemos sempre o vsado mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.*

[80] *Mas não foy, da esperança grande e immensa
Que nesta terra ouuemos, limpa e pura
A alegria: mas logo a recompensa
A Ramnusia com noua desventura:
Assi no ceo sereno se dispensa,
Coesta condição pesada e dura
Nacemos, o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.*

E foy

- [81] *E foy que de doença crua e feya
 A mais que eu nunca vi, desempararão
 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
 Os ossos pera sempre sepultarão:
 Quem auerá que sem o ver o creya
 Que tão disformemente ali lhe incharão,
 As gingiuas na boca, que crecia
 A carne, e juntamente apodrecia.*
- [82] *Apodrecia cum fetido e bruto
 Cheiro, que o ár vizinho inficionaua,
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Surgião sutil menos se achaua:
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pella carne ja podre assi cortaua,
 Como se fora morta, e bem conuinha
 Pois que morto ficaua quem a tinha.*
- [83] *Em fim que nesta incognita espessura
 Deixamos pera sempre os companheiros,
 Que em tal caminho e em tanta desventura
 Forão sempre com nosco aaventureiros:
 Quam facil he ao corpo a sepultura
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros,
 Estranhos, assimesmo como aos nossos,
 Receberão de todo o illustre os ossos.
 Assi*

[93v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[84] *Assi que deste porto nos partimos
Com mayor esperança e mòr tristeza,
E pella costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum sinal de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade e mã vileza
Ia seras sabedor, e dos enganos
Dos pouos de Mombaça pouco humanos.*

[85] *Ate que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento,
Dará saude a hum viuo, e vida a hũ morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repousou, aqui doce conforto,
Noua quietação do pensamento
Nos deste, e vês aqui se atente ouuiste,
Te contey tudo quanto me pediste.*

[86] *Iulgas agora Rey se ouue no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneas e o facundo
Vlisses, pello mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo
Por mais versos que delle se escreuessem,
Do que eu vi, a poder desforço e de arte,
E do que inda ei de ver, a oitaua parte?*

Esse

- [87] *Esse que bebo tanto da agoa Aonia
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre si, Rodes, Smirna, e Colofonia,
 Atenas, Yos, Argo, e Salamina:
 E soutro que esclarece toda Ausonia,
 A cuja voz altisona e diuina
 Ouuindo, o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.*
- [88] *Cantem, louuem, e escreuão sempre estremos
 Desses seus Semideoses, e encareção,
 Fingindo Magas Circes, Polifemos,
 Syrenas que co canto os adormeção:
 Dem lhe mais nauegar â vella e remos
 Os Cicones, e a terra onde se esquecem
 Os companheiros em gostando o Loto,
 Dem lhe perder nas agoas o Piloto.*
- [89] *Ventos soltos lhe finjão e imaginem
 Dos odres, e Calipsos namoradas,
 Harpias, que o manjar lhe contaminem
 Decer aas sombras nuas ja passadas:
 Que por muito e por muito que se afinem
 Nestas Fabulas vaãs tambem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua e pura
 Vence toda grandiloca escriptura.*

Da

[94v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[90] *Da boca do facundo capitão*

*Pendendo estauão todos embibidos,
Quando deu fim aa longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos:
Louua o Rey o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos,
Da gente louua a antiga fortaleza,
A lealdade danimo e nobreza.*

[91] *Vay recontando o pouo que se admira*

*O caso cada qual que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou:
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.*

[92] *Quam doce he o louuor e a justa gloria*

*Dos propios feitos, quando sam soados,
Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença, ou ygoale os grandes ja passados:
As enuejas da illustre e alhea historia
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valerosas obras exercita
Louuor alheo muito o esperta e incita.*

Não

- [93] *Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achiles, Alexandro na pelleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos, isso so louua, isso deseja:
Os tropheos de Melciades famosos
Temistocles despertão so de enueja,
E diz, que nada tanto o deleitaua
Como a vez que seus feitos celebraua.*
- [94] *Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas nauegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama:
Como a sua, que o ceo e a terra espanta:
Si mas aquelle Heroe que estima e ama
Com doês, merces, fauores, e honra tanta
A lira Mantuana faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.*
- [95] *Dá a terra Lusitana Scipioês
Cesares, Alexandros, e da Augustos,
Mas não lhe dá com tudo aquelles doês
Cuja falta os faz duros e robustos
Octauio, entre as mayores oppressões
Compunha versos doutos e venustos,
Não dirá Fuluia certo que he mentira
Quando a deixaua Antonio por Glafira.*

Vay

[95v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[96] *Vay Cesar sojugando toda França*
E as armas não lhe empedem a sciencia,
Mas nũa mão a pena, e noutra a lança
Igoalaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe e alcança
He nas comedias grande experiencia,
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

[97] *Em fim não ouue forte capitão*
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
Se não da Portuguesa tão somente:
Sem vergonha o não digo, que a razão
Dalgum não ser por versos excelente,
He não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte não na estima.

[98] *Por isso e não por falta de Natura*
Não ha tambem Virgilio nem Homeros,
Nem auerá se este costume dura
Pios Eneas, nem Achilles feros:
Mas o pior de tudo he que a ventura
Tão asperos os fez, e tão Austeros,
Tão rudos, e de ingenho tão remisso
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

Aas

[99] *Aas Musas agradeça o nosso Gama*

*O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na stirpe seu se chama,
Caliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As tellas douro fino, e que o cantassem.*

[100] *Porque o amor fraterno e puro gosto*

*De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o prosuposto
Das Tagides gentis, e seu respeito:
Porem não deixe em fim de ter desposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perdera seu preço e sua valia.*

FIM.

☛ Canto Seisto.

[1] NAM sabia em que / *modo festejasse*
O Rey Pagão os fortes nauegan/tes,
Pera que as amizades alcançasse
Do Rey Christão, das gentes tão possantes:
Pesalhe que tão longe o apouentasse
Das Europeas terras abundantes,
A ventura, que namno fez vizinho
Donde Hercules ao mar abrio o caminho.

[2] *Com jogos, danças, e outras alegrias*
A segundo a policia Melindana,
Com vsadas e ledas pescarias
Com que a Lageia Antonio alegre e engana:
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados
Com frutas, aues, carnes, e pescados.

Mas

- [3] *Mas vendo o Capitão que se detinha
 Ia mais do que deuia, e o fresco vento
 O conuida que parta e tome asinha,
 Os Pilotos da terra e mantimento,
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito pera cortar do salso argento,
 Ia do Pagão benigno se despede
 Que a todos amizade longa pede.*
- [4] *Pedelhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas Frotas visitado,
 Que nenhum outro bem mayor deseja
 Que dar a tais baroës seu reino e estado:
 E que em quanto seu corpo o sprito reja
 Estará de contino aparelhado,
 A pôr a vida e reino totalmente
 Por tão bom Rey, por tão sublime gente.*
- [5] *Outras palauras tais lhe respondia
 O Capitão, e logo as vellas dando,
 Pera as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha ja que vay buscando:
 No Piloto que leua não auia
 Falsidade, mas antes vay mostrando
 A nauegação certa, e assi caminha
 Ia mais seguro do que dantes vinha.*

[97v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[6] *As ondas nauegauão do Oriente*

*Ia nos mares da India, e enxergauão
Os talamos do Sol, que nasce ardente,
Ia quasi seus desejos se acabauão:
Mas o mao de Tioneo, que na alma sente
As venturas, que então se aparelhauão
Aa gente Lusitana dellas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina.*

[7] *Via estar todo o Ceo determinado*

*De fazer de Lisboa noua Roma,
Não no pode estoruar, que destinado
Está doutro poder que tudo doma,
Do Olimpo dece em fim desesperado,
Nouo remedio em terra busca, e toma,
Entra no humido reino, e vaise aa corte
Daquelle, a quem o mar cayo em sorte.*

[8] *No mais interno fundo das profundas*

*Cauernas altas, onde o mar se esconde,
La donde as ondas saem furibundas,
Quando aas iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e morão as jocundas
Nereidas, e outros Deoses do mar, onde
As agoas campo deixão aas cidades,
Que habitão estas humidas deidades.*

Dscobre

- [9] *Descobre o fundo nunca descoberto*
As areas ali de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina,
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he cristal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.
- [10] *As portas douro fino, e marchetadas*
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura fermosa estão lauradas,
Na qual do irado Baco a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tão confusa face,
Vem se os quatro elementos trasladados
Em diuersos officios occupados.
- [11] *Ali sublime o Fogo estaua encima,*
Que em nenhũa materia se sustinha,
Daqui as cousas viuas sempre anima,
Despois que Prometeo furtado o tinha:
Logo a pos elle leue se sublima
O inuisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

[98v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[12] *Estaua a terra em montes reuestida
De verdes eruas e aruores floridas,
Dando pasto diuerso e dando vida
Aas alimarias nella produzidas:
A clara forma ali estaua esculpida
Das agoas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.*

[13] *Noutra parte esculpida estaua a guerra
Que tiuerão os Deoses cos Gigantes,
Esta Tifeo debaixo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes.
Delle o cauallo ouuerão, e a primeira
De Minerua pacifica Ouliueira.*

[14] *Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que auisado
Da vinda sua, o estaua ja aguardando:
Aas portas o recebe, acompanhado
Das Nimphas, que se estão marauilhando,
De ver que cometendo tal caminho,
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.*

O Neptuno

[15] *O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque tambem cos grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouuirme o mais quiseres,
Verão da desventura grandes modos,
Oução todo s o mal que toca a todos.*

[16] *Iulgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitão dhũa e doutro banda,
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rey, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feyo
Trombeta de seu pay, e seu Correyo.*

[17] *Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos ombros, todos erão,
Hũs limos prenhes dagoa, e bem parecem
Que nunca brando pentem conhecerão:
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros Misilhoês, que ali se gerão,
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa muy grande casca de Lagosta.*

[99 v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[18] *O corpo nú, e os membros genitais*

*Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento e cento:
Camaroões, e Cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento,
Ostras, e Camaroões do musco çujos,
As costas coa casca os Caramujos.*

[19] *Na mão a grande Concha retorcida*

*Que trazia, com força ja tocaua,
A voz grande canora foy ouuida
Por todo o mar, que longe retumbaua:
Ia toda a companhia apercebida
Dos Deoses, pera os paços caminhaua
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destroidos despois da Grega insania.*

[20] *Vinha o padre Oceano acompanhado*

*Dos filhos e das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Nimphas pouoara:
O Propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Ali veyo tambem, mas ja sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.*

Vinha

- [21] *Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Graue, e leda no gesto, e tão fermosa
Que se amansaua o mar de marauilha:
Vestida hũa camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino dexa verse,
Que tanto bem não he pera esconderse.*
- [22] *Anfitrite fermosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse,
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:
Cos olhos que de tudo sam senhores
Qualquer parecera que o Sol vencesse,
Ambas vem pella mão, ygoal partido
Pois ambas sam esposas dhum marido.*
- [23] *Aquella que das furias de Atamante
Fugindo, veyo a ter diuino estado,
Consigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e aas vezes pella area
No colo o toma a bella Panopea.*

[100v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[24] *E o Deos que foy num tempo corpo humano,*

E por virtude da erua poderosa

Foy conuertido em pexe, e deste dano

Lhe resultou deidade gloriosa,

Inda vinha chorando o feio engano,

Que Circes tinha vsado coa fermosa

Scylla, que elle ama, desta sendo amado

Que a mais obriga amor mal empregado.

[25] *Ia finalmente todos assentados*

Na grande sala nobre e diuinal,

As Deosas em riquissimos estrados,

Os Deoses em cadeiras de cristal:

Forão todos do Padre agasalhados,

Que co Thebano tinha assento ygoal:

De fumos enche a casa a rica massa

Que no mar nace, e Arabia em cheiro passa.

[26] *Estando sossegado ja o tumulto*

Dos Deoses, e de seus recebimentos,

Começa a descobrir do peito occulto,

A causa o Tyoneo de seus tormentos:

Hum pouco carregando se no vulto,

Dando mostra de grandes sentimentos,

So por dar aos de Luso triste morte

Co ferro allheyo, fala desta sorte:

Princepe

- [27] *Princepe que de juro senhoreas*
Dhum Polo, ao outro Polo o mar irado,
Tu que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:
E tu padre Oceano, que rodeas
O mundo vniuersal, e o tens cercado:
E com justo decreto assi permites,
Que dentro viuão so de seus limites.
- [28] *E vos Deoses do mar, que não soffreis*
Injuria algũa em vosso reino grande,
Que com castigo ygoal vos não vingueis,
De quemquer que por elle corra, e ande:
Que descuido foy este em que viueis?
Quem pode ser que tanto vos abrande,
Os peitos, con razão endurecidos
Contra os humanos fracos e atreuidos?
- [29] *Vistes que com grandissima ousadia*
Forão ja cometer o Ceo supremo,
Vistes aquella insana fantasia
De tentarem o mar com vella e remo:
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolencias tais, que temo
Que do mar e do Ceo em poucos anos,
Venhão Deoses a ser, e nos humanos.
Vedes

[101V]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[30] *Vedes agora a fraca geração*

*Que dhum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altiuo coração,
A vos, e a mi, e o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reino deuassando
Os vossos estatutos vão quebrando.*

[31] *Eu vi que contra os Mynias, que primeiro*

*No vosso reino este caminho abrirão,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistirão:
Pois se do ajuntamento aaventureiro
Os ventos esta injuria assi sentirão,
Vos a quem mais compete esta vingança,
Que esperais, porque a pondeis em tardança?*

[32] *E não consinto Deoses que cuideis*

*Que por amor de vos do ceo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que seme faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.*

Que

[33] *Que o gran Senhor e fados que destinão,
 Como lhe bem parece, o baxo mundo,
 Famas mores que nunca determinão
 De dar a estes baroës no mar profundo:
 Aqui vereis o Deoses como insinão
 O mal tambem a Deoses: que a segundo
 Se ve, ninguem ja tem menos valia
 Que quem com mais razão valer deuia.*

[34] *E por isso do Olimpo ja fugi,
 Buscando algum remedio a meus pesares,
 Por ver o preço, que no Ceo perdi,
 Se por dita acharey nos vossos mares:
 Mais quis dizer, e não passou daqui,
 Porque as lagrimas ja correndo a pares
 Lhe saltarão dos olhos, com que logo
 Se acendem as Deidades dagoa em fogo.*

[35] *A Ira com que subito alterado
 O coração dos Deoses foy num ponto,
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,
 Nem dilação, nem outro algum desconto:
 Ao grande Eolo mandão ja recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes,
 Que não aja no mar mais nauegantes.*

Bem

[102v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[36] *Bem quisera primeiro ali Protheo*

*Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era algũa profunda prophecia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que Thetis indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.*

[37] *Ia la o soberbo Hypotades soltaua*

*Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varoês audaces e animosos:
Subito o ceo sereno se obumbraua,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começão nouas forças a yr tomando,
Torres, montes e casas derribando.*

[38] *Em quanto este conselho se fazia*

*No fundo aquoso, a leda lassa Frota
Com vento sossegado proseguia
Pello tranquilo mar, a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo Emisperio está remota,
Os do quarto da prima se deitauão
Pera o segundo os outros despertauão.*

Vencidos

[39] *Vencidos vem do sono, e mal despertos
 Bocijando a miudo se encostauão,
 Pellas antenas, todos mal cubertos,
 Contra os agudos ares que assoprauão:
 Os olhos contra seu querer abertos
 Mas estregando os membros estirauão,
 Remedios contra o sonno buscar querem,
 Historias contão, casos mil referem.*

[40] *Com que melhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pesado,
 Se não com algum conto de alegria
 Com que nos deixe o sono carregado?
 Responde Lionardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado,
 Que contos poderemos ter melhores
 Pera passar o tempo, que de amores?*

[41] *Não he, disse Veloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza,
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não soffre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra feruida e robusta
 A nossa historia seja, pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo
 Que o trabalho por vir mo esta dizendo.*

Consente

[103v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[42] *Consentem nisto todos, e encomendão
A Veloso que conte isto que aproua,
Contarei disse, sem que me reprehão
De contar cousa fabulosa, ou noua:
E porque os que me ouuirem daqui aprendão
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nascidos direy na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.*

[43] *No tempo que do reino a redea leue
Ioão filho de Pedro moderaua,
Despois que sossegado e liure o teue
Do vizinho poder que o molestaua:
La na grande Inglaterra, que da neuue
Boreal sempre abunda, semeaua
A fera Erinis dura e mâ cizania
Que lustre fosse a nossa Lusitania.*

[44] *Entre as damas gentis da corte Inglesa,
E nobres cortesãos, a caso hum dia
Se leuantou discordia em ira acesa,
Ou foy opinião, ou foy porfia:
Os Cortesãos a quem tam pouco pesa
Soltar palauras graues de ousadia
Dizem que prouarão, que honras e famas
Em tais damas não ha, pera ser damas.*

E que

[45] *E que se ouuer alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo raso, ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte crua:
A femeníl fraqueza pouco usada
Ou nunca a oprobrios tais, vendo se nua
De forças naturais conuenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.*

[46] *Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atreuem
Nem parentes, nem feruidos amantes
A sustentar as damas, como deuem:
Com lagrimas fermosas e bastantes
A fazer que em socorro os Deoses leuem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro
Se vão todas ao duque de Alencastro.*

[47] *Era este Ingres potente, e militara
Cos Portugueses ja contra Castella,
Onde as forças magnanimas prouara
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra esperimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por molher a toma.*

Este

[104v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [48] *Este que socorrer lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas
Lhe diz, quando o direito pretendia
Do reino la das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão diuinas,
Que elles sos poderião, se não erro
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.*
- [49] *E se agrauadas damas sois seruidas,
Por vos lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas,
De vosso agrauo os fação sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palauras dafagos e damores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo
Que ali terees socorro e forte esteyo.*
- [50] *Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes,
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,
Que ellas so doze sam: e descuberto
Qual a qual tem caido das consortes,
Cadhũa escreue ao seu por varios modos,
E todas a seu Rey, e o Duque a todos.*

[51] *Ia chega a Portugal o mensageiro,
 Toda a corte aluoroça a nouidade,
 Quisera o Rey sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a Regia Magestade:
 Qualquer dos cortesaõs aaventureiro
 Deseja ser, com feruida vontade,
 E so fica por bemaumentado,
 Quem ja vem pello Duque nomeado.*

[52] *La na leal cidade, donde teue
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leue
 Manda o que tem o leme do gouerno:
 Apercebem se os doze em tempo breue
 Darmas, e roupas de vso mais moderno,
 De elmos, cimeras, letras, e primores
 Caualos, e Concertos de mil cores.*

[53] *Ia do seu Rey tomado tem licença
 Pera partir do Douro celebrado,
 Aqueles, que escollidos por sentença
 Forão do Duque Ingles esprimentado:
 Não ha na companhia differença
 De caualeiro, destro, ou esforçado:
 Mas hum so, que Magriço se dizia,
 Destarte fala aa forte companhia,
 O Fortissimos*

[105v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[54] *Fortissimos consocios, eu desejo*

*A muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, que as do Douro e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas:
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas sam tamanhas)
Quero se me deixais, ir sò por terra,
Porque eu serey conuosco em Inglaterra.*

[55] *E quando caso for, que eu impedido*

*Por quem das cousas he vltima linha,
Não for com vosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que he diuido:
Mas se a verdade o sprito me adiuinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,
Não farão que eu com vosco la não seja.*

[56] *Assi diz, e abraçados os amigos,*

*E tomada licença, em fim se parte,
Passa Lião, Castella vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Nauarra, cos altissimos perigos
Do Perineo, que Espanha e Galia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emperio foy parar de Frandes.*

Ali

[57] *Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteue muitos dias,
 Mas dos onze a illustrissima companha
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:
 Chegados de Inglaterra aa costa estranha,
 Pera Londres ja fazem todos vias,
 Do Duque sam com festa agasalhados,
 E das damas seruidos, e amimados.*

[58] *Chegasse o prazo, e dia asinalado,
 De entrar em campo ja cos doze Ingleses,
 Que pello Rey ja tinhamo segurado,
 Armanse delmos, greuas, e de arneses:
 Ia as damas tem por si fulgente e armado
 O Mauorte feroz dos Portugueses,
 Vestem se ellas de cores e de sedas
 De ouro, e de joyas mil, ricas, e ledas.*

[59] *Mas aquella, a quem fora em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu caualeiro, nesta empresa:
 Bem que os onze apregoão, que acabado
 Sera o negocio assi na corte Inglesa,
 Que as damas vencedoras se conheção
 Posto que dous e tres dos seus falleção.*

[106v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[60] *Ia num sublime e pubrico theatro*

*Se assenta o Rey Ingles com toda a corte,
Estauão tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Não sam vistos do Sol do Tejo ao Batro,
De força, esforço, e danimo mais forte,
Outros doze sayr como os Ingleses
No campo, contra os onze Portugueses.*

[61] *Mastigão os caualos escumando*

*Os aureos freos, com feroz sembrante,
Estaua o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase num e noutro bando
Partido desigoal e dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a aluroçar se geralmente.*

[62] *Virão todos o rosto aonde auia*

*A causa principal do reboliço,
Eis entra hum caualeiro, que trazia
Armas, caualo, ao bellico seruiço.
Ao Rey e aas damas fala, e logo se hia
Pera os onze, que este era o gram Magriço,
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.*

A dama

[63] *A dama como ouuiu, que este era aquelle,
 Que vinha a defender seu nome, e fama,
 Se alegre, e veste ali do animal de Hele,
 Que a gente bruta mais que vertude ama:
 Ia dão sinal, e o som da tuba impelle
 Os belicosos animos, que inflama,
 Picão desporas, largão redeas logo
 Abaxão lanças, fere a terra fogo.*

[64] *Dos caualos o estrepito parece
 Que faz, que o chão debaixo todo treme,
 O coração no peito, que estremece
 De quem os olha, se aluoroça, e teme:
 Qual do caualo voa, que não dece,
 Qual co caualo em terra dando, geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.*

[65] *Algum dali tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breue interualo,
 Correndo algum cauallo vay sem dono,
 E noutra parte o dono sem caualo:
 Cae a soberba Inglesa de seu trono,
 Que dous ou tres ja fora vão do valo,
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão ja que arnes, escudo, e malha.*

[107v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[66] *Gastar palauras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e affamadas,
Cos nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.*

[67] *Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria,
Cozinheiros occupa, e caçadores
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Ate tornar aa doce e chara terra.*

[68] *Mas dizem que com tudo o gram Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
La se deixou ficar, onde hum seruiço
Notauel aa condessa fez de Frandes:
E como quem não era ja nouiço
Em todo trance, onde tuMarte mandes,
Hum Frances mata em campo, que o destino
La teue de Torcato e de Coruino.*

Outro

[69] *Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, e teue hum fero desafio
 Cum Germano enganoso, que com manha
 Não diuida o quis pòr no extremo fio:
 Contando assi Veloso, ja a companhia
 Lhe pede, que não faça tal desuio
 Do caso de Magriço, e vencimento
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.*

[70] *Mas neste passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca, acordão despertando
 Os marinheiros dhũa e doutra banda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaueas tomar manda,
 Alerta, disse, estay, que o vento crece
 Daquella nuuem negra que aparece.*

[71] *Não erão os traquetes bem tomados,
 Quando dà a grande e subita procella,
 Amaina, disse o mestre a grandes brados
 Amaina, disse, amaina a grande vella,
 Não esperão os ventos indinados
 Que amainassem, mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem, cum ruido
 Que o mundo pareceo ser destruydo.*

[108v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[72] *Oceo fere com gritos nisto a gente,
Cum subito temor, e desacordo,
Que no romper da vela a Nao pendente
Toma gram suma dagoa pello bordo,
Alija, disse o mestre, rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar a bomba não cessando,
Aa bomba que nos imos alagando.*

[73] *Correm logo os soldados animosos
A dar aa bomba, e tanto que chegarão,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão aa Nao, num bordo os derribarão:
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A menear o leme não bastarão,
Talhas lhe punhão dhũa e doutra parte
Se aproueitar dos homens força e arte.*

[74] *Os ventos são tais, que não poderão
Mostrar mais força dimpeto cruel,
Se pera derribar então vierão
A fortissima Torre de Babel:
Nos altissimos mares, que crecerão,
A pequena grandura dhum batel,
Mostra a possante nao, que moue espanto
Vendo que se sostem nas ondas tanto.*

A nao

[75] *A nao grande, em que vay Paulo da Gama,
Quebrado leua o masto pello meyo,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a saluar o mundo veyo:
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a Nao de Coelho, com receyo,
Com quanto teue o mestre tanto tento
Que primeiro amainou que desse o vento.*

[76] *Agora sobre as nuuens os subião
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece que decião
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo,
A noite negra e feya se alumia,
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.*

[77] *As Alcioneas aues triste canto
Iunto da costa braua leuantarão,
Lembrando se de seu passado pranto,
Que as furiosas agoas lhe causarão:
Os Delfins namorados entre tanto
La nas couas maritimas entrarão,
Fugindo aa tempestade, e ventos duros
Que nem no fundo os deixa estar seguros*

Nunca

[109v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[78] *Nunca tam viuos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremessou
Relampados ao mundo fulminantes,
No gram diluuiu, donde sos viuerão
Os dous que em gente as pedras conuerterão.*

[79] *Quantos montes então, que derribarão
As ondas que batião denodadas,
Quantas aruores velhas arrancarão
Do vento brauo as furias indinadas:
As forçosas raizes não cuidarão
Que nunca pera o ceo fossem viradas,
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares que encima as reuoluessem.*

[80] *Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,
Ora com noua furia ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto e forte
Que o impossibil pode, desta sorte.*

Diuina

[81] *Diuina guarda, angelica, celeste,*

*Que os ceos, o mar e terra senhoreas,
Tu que a todo Israel refugio deste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo e defendeste
Das Syrtes arenosas e ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Pouoador do alagado e vacuo mundo.*

[82] *Se tenho nouos medos perigosos*

*Doutra Scylla e Caribdis ja passados,
Outras Syrtes, e baxos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Por que somos de ti desemparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu seruiço so pretende?*

[83] *O ditosos aquelles que puderão*

*Entre as agudas lanças Affricanas
Morrer, em quanto fortes sustiuerão
A sancta Fe, nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberão,
De quem ficão memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.*

Assi

[110v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[84] *Assi dizendo os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrecentauão,
Pella miuda enxarcia assuuiando:
Relampados medonhos não cessauão,
Feros trouoës que vem representando
Cair o ceo dos exos sobre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.*

[85] *Mas ja a amorosa strela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensajeira do dia, e visitaua
A terra, e o largo mar, com leda fronte:
A deosa que nos ceos a governaua,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, e a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, e de ira.*

[86] *Estas obras de Baco sam por certo,
Disse, mas não será, que auante leue
Tão danada tenção, que descuberto
Me sera sempre o mal a que se atreue,
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breue,
Em quanto manda as nímphas amorosas
Grinaldas nas cabeças por de rosas.*

Grinaldas

[87] *Grinaldas manda por de varias cores
 Sobre cabellos louros a porfia,
 Quem não dirá, que nace[m] roxas flores
 Sobre ouro natural, que amor infia:
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrandolhe as amadas Nimphas bellas,
 Que mais fermosas vinhão que as estrellas.*

[88] *Assi foy, porque tanto que chegarão
 A vista dellas, logo lhe falecem
 As forças com que dantes pellejarão,
 E ja como rendidos lhe obedecem.
 Os pés e mãos, parece, que lhe atarão
 Os cabellos que os rayos escurecem,
 A Boreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Oritia.*

[89] *Não creas, fero Boreas, que te creyo
 Que me tiueste nunca amor constante,
 Que brandura he de amor mais certo arreyo,
 E não conuem furor a firme amante:
 Se ja não pões a tanta insania freyo,
 Não esperes de mi daqui em diante,
 Que possa mais amarte, mas temerte,
 Que amor contigo, em medo se conuerte.*

Assi

[111V]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[90] *Assi mesmo a fermosa Galatea*

*Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crê que com elle tudo acaba,
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.*

[91] *Desta maneira as outras amansauão*

*Subitamente os outros amadores,
E logo aa linda Venus se entregauão,
Amansadas as iras e os furores,
Ella lhe prometeo vendo que amauão
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomandolhe omenagem
De lhe serem leais esta viagem.*

[92] *Ia a menham clara daua nos outeiros,*

*Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gauea os marinheiros
Enxergarão terra alta pella proa,
Ia fora de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Calecu, se não me engano.*

Esta

- [93] *Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece:
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece:
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo
A merce grande a Deos agradeceo.*
- [94] *As graças a Deos daua, e razão tinha
Que não somente a terra lhe mostraua,
Que com tanto temor buscando vinha
Por quem tanto trabalho esperimentaua,
Mas via se liurado tão asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhaua
O vento duro, feruido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.*
- [95] *Por meyo destes horridos perigos
Destes trabalhos graues e temores,
Alcanção os que sam de fama amigos
As honras immortais, e graos mayores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.*

Não

[112v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[96] *Não cos manjares novos e exquisitos,
Não cos passeos molles e ouciosos,
Não cos varios deleites e infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude.*

[97] *Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço
Soffrendo tempestades e ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regioões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo sofrimento.*

[98] *E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro, ledó, inteiro,
Pera o pilouro ardente, que assouia
E leua a perna, ou braço ao companheiro:
Destarte o peito hum calo honroso cria
Desprezador das honras, e dinheiro,
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não vertude justa, e dura.*

Destarte

[99] *Destarte se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repousado,
 E fica vendo, como de alto assento,
 O baxo tracto humano embaraçado,
 Este onde tiuer força o regimento
 Direito, e nam de affeitos occupado,
 Subirà (como deue) a illustre mando,
 Contra vontade sua, e não rogando.*

FIM.

☛ Canto Septimo.

[1] *IA se viã chegados / junto aa terra,
 Que desejada ja de tantos fora,
 Que entre as correntes Indicas se / encerra,
 E o Ganges, que no çeo terreno mora:
 Ora sus gente forte que na guerra
 Quereis leuar a palma vencedora,
 Ia sois chegados, ja tendes diante
 A terra de riquezas abundante.*

P A vos

[113v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[2] *A vos, ó geraçam de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mundo:
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o çeo rotundo:
Vos, a quem não somente algum perigo
Estorua conquistar o pouo inmundo:
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos çeos está em essencia.*

[3] *Vos Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais,
Vos que aa custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do çeo deitadas sam as sortes,
Que vos por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo exaltas a humildade.*

[4] *Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Nouo pastor, e noua ceita inuenta:
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se nam contenta,
Não contra o superbissimo Otomano:
Mas por sair do jugo soberano.*

Vedelo

- [5] *Vedelo duro Ingles, que se nomea
 Rei da velha e sanctissima cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhorea,
 (Quem vio honra tam longe da verdade)
 Entre as Boreais neues se recrea,
 Noua maneira faz de Christandade,
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Nam por tomar a terra que era sua.*
- [6] *Guardalhe por entanto hum falso Rei,
 A cidade Hierosolima terrestre,
 Em quanto elle não guarda a sancta lei,
 Da cidade Hierosolima celeste:
 Pois de ti Gallo indigno que direy?
 Que o nome Christianissimo quiseste,
 Nam pera defendelo, nem guardalo,
 Mas pera ser contra elle, e derribalo.*
- [7] *Achas que tês direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tam largo e tâto,
 E nam contra o Cynifio e Nilo rios
 Inimigos do antigo nome sancto,
 Ali se ande prouar da espada os fios,
 Em quem quer reprovar da Ygreja o canto,
 De Carlos, de Luis, o nome e a terra
 Erdaste, e as causas nam da justa guerra?*

[114v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[8] *Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastão as vidas, logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, e de ti mesma aduersa.*

[9] *O miseros Christãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũs aos outros se dão aa morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Nam vedes a diuina sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo se famosos pela guerra?*

[10] *Vedes que tem por vso e por decreto,
Do qual sam tão inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que sam de Christo amantes.
Entre vos nunca deixa a fera Aleto
De samear cizanias repugnantes,
Olhay sestais seguros de perigos,
Que elles e vos, sois vossos inimigos.*

Se cobiça

[11] *Se cobiça de grandes senhorios*

*Vos faz yr conquistar terras alheas,
 Nam vedes que Pactolo e Hermo rios,
 Ambos voluem auríferas areas,
 Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,
 Affrica esconde em si luzentes veas,
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,
 Pois mouer vos não pode a casa Sancta.*

[12] *Aquellas inuenções feras e nouas,*

*De instrumentos mortais da artelharia,
 Ia deuem de fazer as duras prouas,
 Nos muros de Bizancio, e de Turquia:
 Fazei que torne la aas siluestres couas,
 Dos Caspios montes, e da Citia fria,
 A Turca geração, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.*

[13] *Gregos, Traces, Armenios, Georgianos*

*Bradando vos estão, que o pouo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do alcorão (duro tributo)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriay de peito forte, e astuto,
 E não queirais louuores arrogantes,
 De serdes contra os vossos muy possantes.*

[115v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[14] *Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, o gente insana,
Não faltarão Christãos atreuimentos,
Nesta pequena casa Lusitana
De Affrica tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ara,
E se mais mundo ouuera la chegâra.*

[15] *E vejamos em tanto que aconteçe
Aaquelles tam famosos nauegantes,
Despois que a branda Vênus enfraqueçe
O furor vão dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas perfias tam constantes,
Onde vẽ samear de Christo a ley,
E dar nouo costume, e nouo Rei.*

[16] *Tanto que aa noua terra se chegâão,
Leues embarcações de pescadores
Acharão, que o caminho lhe mostrâão
De Calecu onde eram moradores:
Pera la logo as proas se inclinarão,
Porque esta era a cidade das milhores
Do Malabar millhor, onde viuia
O Rei que a terra toda possuia.*

Alem

[17] *Alem do Indo jaz, e âquem do Gange,
Hum terreno muy grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E pera o Norte o Emodio cauernoso.
Iugo de Reis diuersos o constringe
A varias leis: algũs o vicioso
Mahoma, algũs os Idolos adorão,
Algũs os animais, que entre elles morão.*

[18] *La bem no grande monte, que cortando
Tam larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tam diuersos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja gram corrente morre
No mar Indico, e cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersoneso.*

[19] *Entre hum e o outro rio, em grande espaço
Say da larga terra hũa longa ponta
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta,
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta.
Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro se mantem das finas flores.*

[116v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[20] *Mas agora de nomes, e de vsança,
Nouos e varios sam os habitantes:
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, e gente, sam mais abundantes,
Decanis, Oriâs, que a esperança
Tem de sua saluação nas resonantes
Agoas do Gange, e a terra de Bengala
Fertil de sorte que outra não lhe igoala.*

[21] *O Reino de Cambaia bellicoso
(Dizem que foy de Poro Rei potente)
O Reino de Narsinga poderoso,
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga la do mar vndoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Seruindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará viue seguro.*

[22] *Da terra os naturais lhe chamão Gate,
Do pê do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecu tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperio rica, e bella,
Samorim se intitula o senhor della.*

Chegada

- [23] *Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portugues mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tam remota parte:
Entrando o mensageiro pelo Rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte
A cor, o gesto estranho, o traço nouo
Fez concorrer a vello todo o pouo.*
- [24] *Entre a gente que a vello concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia,
La onde fora Anteo obedecido:
Ou pela vezinhança ja teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foy ja assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tam longo desterro.*
- [25] *Em vendo o mensageiro com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingoa Hispana
Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
Tam longe da tua patria Lusitana?
Abrindo lhe responde o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei diuina se acrecente.*
Espantado

[117v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[26] *Espantado ficou da gram viagem,
O mouro que Monçaide se chamaua,
Ouuindo as opressões que na passajem
Do mar, o Lusitano lhe contaua,
Mas vendo em fim, que a força da mensajem
So pera o Rei da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da cidade.
Mas de caminho pouca quantidade.*

[27] *E que em tanto que a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Coelle pera a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente vezinha em terra estranha.*

[28] *O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece
Como se longa fora ja a amizade,
Coelle come e bebe, e lhe obedeçe:
Ambos se tornão logo da cidade,
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem aa Capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.*

O capitão

- [29] O Capitão o abraça em cabo ledô,
 Ouviendo clara a lingua de Castella,
 Junto de si o assenta, e prompto e quedo
 Pela terra pergunta, e cousas della:
 Qual se ajuntava em Rodope o aruoredô,
 So por ouvir o amante da donzella
 Euridiçe, tocando a lira de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.
- [30] Elle começa, o gente que a natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tam grande, ou que ventura
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
 Nam he sem causa não occulta, e escura
 Vir do longinco Tejo, e ignoto Minho,
 Por mares nunca doutro lenho arados,
 A Reinos tam remotos e apartados.
- [31] Deos por certo vos traz, porque pretende
 Algum seruiço seu por vos obrado:
 Por isso so vos guia, e vos defende
 Dos inimigos do mar, do vento yrado:
 Sabey que estais na India, onde se estende
 Diuerso pouo, rico e prosperado,
 De ouro luzente, e fina pedraria,
 Cheiro suaue, ardente especiaria.

Esta

[118v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[32] *Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Ydolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reis he, mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramâ Perimal foy derradeiro
Rei, que este Reino teue vnido e inteiro.*

[33] *Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertessem
O Perimal, de sabios e elloquentes,
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,
Que prosupos de nella morrer sancto.*

[34] *Naos arma, e nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a ley pubrica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sojeitos.*

A hum

[35] *A hum Cochim, e a outro Cananor,
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor
 E os mais, a quem o mais serue e contenta
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,
 Depois que tudo deu, se lhe apresenta,
 Pera este Calecu somente fica,
 Cidade ja por tracto nobre e rica.*

[36] *Esta lhe dá co titulo excellente
 De Emperador, que sobre os outros mande,
 Isto feito se parte diligente,
 Pera onde em sancta vida acabe, e ande,
 E daqui fica o nome de potente
 Camorí, mais que todos digno, e grande
 Ao moço e descendentes, donde vem
 Este, que agora o Imperio manda e tem.*

[37] *A ley da gente toda rica e pobre,
 De fabulas composta se imagina:
 Andão nus, e somente hum pano cobre
 As partes, que a cubrir natura insina:
 Dous modos ha de gente, porque a nobre
 Naires chamados sam, e a menos digna
 Poleãs tem por nome, a quem obriga
 A ley não mesturar a casta antiga.*

Porque

[119v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[38] *Porque os q̃ vsaram sempre hum mesmo officio,*

*De outro nam podẽ receber consorte,
Nem os filhos terem outro exercicio,
Senão o de seus passados ate morte,
Pera os Naires he certo grande viçio
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa e apura.*

[39] *Desta sorte o Iudaico pouo antigo*

*Nam tocaua na gente de Samaria,
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de vsança varia,
Os Naires sos sam dados ao perigo
Das armas, sos defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre vsada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada:*

[40] *Bramenes sam os seus religiosos,*

*Nome antigo, e de grande preminencia,
Obseruão os preceitos tam famosos
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:
Nam matão cousa viuua, e temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.*

Gerais

[41] *Gerais sam as molheres: mas somente
Pera os da geração de seus maridos:
Ditosa condiçam, ditosa gente,
Que nam sam de ciumes offendidos.
Estes e outros costumes variamente
Sam pelos Malabares admitidos,
A terra he grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.*

[42] *Assi contaua o Mouro: mas vagando
Andaua a fama ja pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandaua da verdade,
Ia vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes que o Rei buscar mandâra,
O Capitão da armada que chegâra.*

[43] *Mas elle, que do Rei ja tem licença
Pera desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses sem detença
Parte de ricos panos adornado:
Das cores a fermosa diferença
A vista alegre ao pouo aluoroçado,
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.*

Na

[120v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[44] *Na praia hum regedor do Reino estaua,
Que na sua lingoa Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperaua
Com desusada festa o nobre Gama:
Ia na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offereçe em que va, costume vsado,
Que nos hombros dos homês he leuado.*

[45] *Desta arte o Malabar, destarte o Luso,
Caminhão la pera onde o Rei o espera:
Os outros Portugueses vão ao vso
Que infantaria segne esquadra fera:
O pouo que concorre vay confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar: mas no tempo ja passado
Na Torre de Babel lhe foi vedado.*

[46] *O Gama, e o Catual hião fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entrelles vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Assi pela cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo ja chegauão,
Pelas portas do qual juntos entrauão.*

Ali

[47] *Ali estas das deidades as figuras
 Esculpidas em pao, e em pedra fria,
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o Demonio lhe fingia.
 Vem se as abominaueis esculturas,
 Qual a Chimêra em membros se varia,
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados
 Em forma humana estas marauilhados.*

[48] *Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
 Outro num corpo rostos tinha vnidos,
 Bem como o antigo Iano se pintaua:
 Outro com muitos braços diuididos
 A Briareo parece que imitaua:
 Outro fronte Canina tem de fora,
 Qual Anubis Menfítico se adora.*

[49] *Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desuio,
 Pera onde estaua o Rei do pouo vão:
 Engrossando se vay da gente o fio,
 Cos que vem ver o estranho Capitão,
 Estão pelos telhados e janellas
 Velhos e moços, donas e donzellas.*

[121V]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[50] *Ia chegão perto, e não passos lentos,
Dos jardins odoriferos fermosos,
Que em si escondem os regios apousentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos,
Edificação se os nobres seus assentos,
Por entre os aruoredos deleitosos,
Assi viuem os Reis daquella gente,
No campo e na cidade juntamente.*

[51] *Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedalea facultade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viueza
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiuer noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.*

[52] *Estaua hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe laua,
Rege o hum capitam de fronte lisa,
Que com frondentes Tirsos pelejaua,
Por elle edificada estaua Nisa
Nas ribeiras do rio, que manaua,
Tão proprio, que se ali estiuer Semelle,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.*

Mais

- [53] *Mais auante bebendo seca o rio,
Mui grande multidão da Assiria gente,
Sujeita a feminino senhorio,
De hũa tam bella, como incontinente:
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.*
- [54] *Daqui mais apartadas tremolauão
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira Monarchia, e sojugauão,
Ate as agoas Gangeticas vndosas:
Dum capitão mancebo se guiauão
De palmas rodeado valerosas,
Que ja não de Filipo, mas sem falta
De progenie de Iupiter se exalta.*
- [55] *Os Portugueses vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão,
Tempo cedo virà que outras victorias,
Estas que agora olhais abaterão:
Aqui se escreuerão nouas historias,
Por gentes estrangeiras que virão
Que os nossos sabios magos o alcançârão,
Quando o tempo futuro especulârão.*

[122v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[56] *E dizlhe mais a magica sciencia,
Que pera se euitar força tamanha,
Não valerá dos homẽs resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Sera tal, que sera no mundo ouuido
O vencedor, por gloria do vencido.*

[57] *Assi fallando entrauão ja na sala,
Onde aquelle potente Emperador
Nũa camilha jaz, que nam se igoala
De outra algũa no preço e no lauor:
No recostado gesto se assinala
Hum venerando e prospero senhor,
Hum pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.*

[58] *Bem junto delle hum velho reuerente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lhe daua a verde folha da erua ardente
Que a seu costume estaua ruminando:
Hum Bramene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.*

Sentado

[59] *Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais afastados, prompto em vista
 Estaua o Samori no trajo e geito
 Da gente, nunca de antes delle vista:
 Lançando a graue voz do sabio peito,
 Que grande authoridade logo aquista
 Na opinião do Rei, e do pouo todo
 O Capitão lhe falla deste modo.*

[60] *Hum grande Rei, de la das partes, onde
 O ceo volubil com perpetua roda
 Da terra a luz solar coa terra esconde,
 Tingindo a que deixou de escura noda,
 Ouuindo do rumor que la responde
 O eco, como em ti da India toda
 O principado está, e a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.*

[61] *E por longos rodeos a ti manda,
 Por te fazer saber que tudo aquillo
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda
 De riquezas, de lâ do Tejo ao Nilo:
 E desda fria plaga de Gelandá,
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.*

[123v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[62] *E se queres com pactos, e lianças*

*De paz, e de amizade sacra, e nua,
Comerçio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, e tua,
Porque creção as rendas, e abastanças,
Por quem a gente mais trabalha e sua,
De vossos Reinos, sera certamente
De ti proueito, e delle gloria ingente.*

[63] *E sendo assi que o nô desta amizade,*

*Entre vos firmemente permaneça,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça:
Com gente, armas, e naos de qualidade
Que por yrmão te tenha, e te conheça,
E da vontade em ti sobristo posta
Me des a my certissima reposta.*

[64] *Tal embaxada daua o Capitão,*

*A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaxadores de nação
Tam remota, gram gloria recebia:
Mas neste caso a vltima tençam
Com os de seu conselho tomaria,
Informando se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera.*

E que

[65] *E que em tanto podia do trabalho*

*Passado yr repousar, e em tempo breue
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei reposta alegre leue:
Ia nisto punha a noite o vsado atalho
Aas humanas canseiras, porque ceue
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando ao ocio dados.*

[66] *Agasalhados foram juntamente,*

*O Gama, e Portugueses no apouento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com festas e geral contentamento:
O Catual no cargo diligente
De seu Rei, tinha ja por regimento
Saber da gente estranha donde vinha
Que costumes, que lei, que terra tinha.*

[67] *Tanto que os igneos carros do fermoso*

*Mancebo Delio vio, que a luz renoua,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poderse informar da gente noua:
Ia lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa proua,
Dos estranhos quem sam, que ouuido tinha
Que he gente de sua patria muy vizinha.*

[124v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[68] *Que particularmente ali lhe desse
Informação muy larga, pois fazia
Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna, posto que eu quisesse
Dizerte disto mais nam saberia,
Somente sey que he gente la de Hespanha
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.*

[69] *Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãy, tal que por bafô está aprouado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandeçe,
O que em nossos passados se parece.*

[70] *Porque elles com virtude sobre humana,
Os deitarão dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Goadiana,
Com feitos memorauéis, e famosos:
E não contentes inda, e na Affricana
Parte, cortando os mares procelosos
Nos não querem deixar viuer seguros,
Tomando nos cidades, e altos muros.*

Não

[71] *Nam menos tem mostrado esforço, e manha,
 Em quaesquer outras guerras que acõteção,
 Ou das gentes beligeras de Espanha,
 Ou la dalgũs que do Pirene deção.
 Assi que nunca em fim com lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheção,
 Nem se sabe inda não, te afirmo e assello
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.*

[72] *E sesta informação nam for inteira
 Tanto quanto conuem, delles pretende
 Informarte, que he gente verdadeira,
 A quem mais falsidade enoja e offende:
 Vay verlhe a frota, as armas, e a maneira
 Do fundido metal, que tudo rende,
 E folgaras de veres a policia
 Portuguesa na paz, e na milicia.*

[73] *Ia com desejos o Idolatra ardia,
 De ver isto, que o Mouro lhe contaua,
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria
 Os lenhos em que o Gama nauegava.
 Ambos partem da praia, a quem seguia
 A Naira geraçam, que o mar coalhaua,
 Aa Capitaina sobem forte e bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.*

Purpureos

[125v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[74] *Purpureos sam os toldos, e as bandeiras
Do rico fio sam, que o bicho gera,
Nellas estam pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campais aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.*

[75] *Pelo que ve pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A ceita Epicurea, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrâra aa gente:
Mas comer o Gentio nam pretende,
Que a ceita que seguia lho defende.*

[76] *A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Gentio nota: mas o intento
Mostraua sempre ternos singulares
Feitos dos homêes, que em retrato breue
A muda poesia ali descreue.*

Alçase

[77] *Alçase em pê, co elle os Gamas junto
 Coelho de outra parte, e o Mauritano
 Os olhos poem no bellico trasunto
 De hum velho branco, aspeito venerando,
 Cujó nome nam pode ser defuncto
 Em quanto ouuer no mundo trato humano,
 No trajo a Grega vsança está perfeita,
 Hum ramo por insignia na direita.*

[78] *Hum ramo na mão tinha: mas o cego
 Eu que cometo insano, e temerario,
 Sem vos Nimphas do Tejo, e do Mondego,
 Por caminho tam arduo, longo, e vario:
 Vosso fauor inuoco, que nauego
 Por alto mar, com vento tam contrario,
 Que se nam me ajudais, ei grande medo,
 Que o meu fraco batel se alague cedo.*

[79] *Olhay que ha tanto tempo, que cantando
 O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Nouos trabalhos vendo, e nouos danos:
 Agora o mar, agora esprimentando
 Os perigos Mauorcios inhumanos,
 Qual Canace que â morte se condena,
 Nũa mão sempre a espada, e noutra a pena.*

Agora

[126v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[80] *Agora com pobreza auorrecida,*

Por hospícios alheios degradado,

Agora da esperança já adquirida,

De nouo mais que nunca derribado:

Agora aas costas escapando a vida,

Que dum fio pendia tam delgado,

Que não menos milagre foi saluarse,

Que pera o Rei Iudaico acrecentarse.

[81] *E ainda Nimphas minhas não bastaua,*

Que tamanhas miserias me cercassem:

Senão que aquelles que eu cantando andaua,

Tal premio de meus versos me tornassem

A troco dos descansos que esperaua,

Das capellas de louro que me honrassem,

Trabalhos nunca vsados me inuentârão,

Com que em tam duro estado me deitârão.

[82] *Vede Nimphas que engenhos de senhores*

O vosso Tejo cria valerosos,

Que assi sabem prezarcom tais fauores

A quem os faz cantando gloriosos:

Que exemplos a futuros escriptores,

Pera espertar engenhos curiosos,

Pera porem as cousas em memoria,

Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

[83] *Pois logo em tantos males he forçado,
Que so vosso fauor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diuersos engrandeça:
Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado
Que não no empregue em quem o não mereça
Nem por lisonja louue algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.*

[84] *Nem creais Nymphas nam que fama desse
A quem ao bem comum, e do seu Rei
Anteposer seu proprio interesse:
Imigo da diuina e humana ley,
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarey,
So por poder com torpes exercicios
Vsar mais largamente de seus vicios.*

[85] *Nenhum que vse de seu poder bastante
Pera seruir a seu desejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio,
Nem Camenas tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e graue veio,
Por contentar o Rei no officio nouo,
A despir e roubar o pobre pouo.*

Nem

[127v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[86] *Nem quem acha que he justo e que he dereito
Guardase a ley do Rei seueramente,
E não acha que he justo e bom respeito,
Que se pague o suor da seruil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, e cuida que he prudente,
Pera taxar com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que nam passa.*

[87] *Aquelles sos direy que auenturârão
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida
Onde perdendoa, em fama a dilatârão,
Tambem de suas obras merecida.
Apolo, e as Musas que me acompanharão,
Me dobraram a furia concedida
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais fôlgado.*

FIM.

☛ Canto Octauo.

[1] NA primeira figura / se detinha

O Catual, que vira estar pinta-/da.
 Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
 A barba branca, longa, e penteada:
 Quem era, e porque causa lhe conuinha
 A diuisa que tem na mão tomada,
 Paulo responde, cuja voz discreta
 O Mauritano sabio lhe interpreta.

[2] Estas figuras todas que aparecem,

Brauos em vista, e feros nos aspeitos,
 Mais brauos, e mais feros se conhecem
 Pela fama, nas obras, e nos feitos
 Antigos sam, mas inda resplandecem
 Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,
 Este que ves he Luso, donde a fama
 O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

[128v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [3] *Foy filho e companheiro do Thebano,
Que tam diuersas partes conquistou
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que continuo vsou,
Do Douro, Guadiana o campo vfano,
Ia dito Elisio, tanto o contentou
Que ali quis dar, aos ja cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.*
- [4] *O ramo que lhe ves pera diuisa,
O verde Tyrso foi de Baco vsado,
O qual aa nossa idade amostra e auisa
Que foi seu companheiro e filho amado:
Ves outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edefica,
E templo a Palas, que em memoria fica*
- [5] *Vlisses he o que faz a sancta casa
Aa Deosa, que lhe dá lingoa facunda,
Que se lâ na Asia Troia insigne abrasa,
Ca na Europa Lisboa ingente funda:
Quem sera estoutro ca que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Aqueas nas bandeiras tem pintadas.*

- [6] *Assi o Gentio diz, responde o Gama,
 Este que ves pastor ja foi de gado,
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuencibil afamado,
 Nam tem coelle não, nem ter puderão
 O primor que com Pirro ja tiuerão.*
- [7] *Com força não: com manha vergonhosa,
 A vida lhe tirarão que os espanta,
 Que o grande aperto em gente, inda ã honrosa
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:
 Outro está aqui que contra a patria yrosa
 Degradado com nosco se aleuanta,
 Escolheo bem com quem se aleuantasse
 Pera que eternamente se illustrasse.*
- [8] *Vês com nosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aues de Iupiter validas,
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nos souberam ser vencidas:
 Olha tam sotis artes e maneiras,
 Pera adquerir os pouos tam fingidas
 A fatidica Cerua que o auisa,
 Elle he Sertorio, e ella a sua diuisa.*

R Olha

[129v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[9] *Olha estoutra bandeira e ve pintado,
O gram progenitor dos Reis primeiros,
Nos Vngaro o fazemos, porem nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter cos Mouros superado
Galegos, e Leoneses caualleiros,
Aa casa Sancta passa o sancto Enrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.*

[10] *Quem he me dize estoutro que me espanta,
Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadões, que gente tanta,
Com tam pouca, tem roto e destroçado:
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas da nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandardes?*

[11] *Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,
Nada deixando ja pera os futuros.*

Se

[12] *Se Cesar, se Alexandre Rei tiuerão,
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,
 Contra tantos immigos quantos erão,
 Os que desbarataua este excellente,
 Nam creas que seus nomes se estenderão
 Com glorias imortais tam largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicauéis,
 Ve que os de seus vassallos sam notaueis.*

[13] *Este que ves olhar com gesto yrado,
 Pera o rompido Alumno mal sofrido,
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,
 Recolha, e torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas moniz se chama o forte velho
 Pera leais vassallos claro espelho.*

[14] *Vello ca vai cos filhos a entregarse,
 A corda ao colo, nu de seda e pano,
 Porque nam quis o moço sogeitarse,
 Como elle prometera ao Castelhanao:
 Fez com siso e promessas leuantarse
 O cerco que ja estaua soberano,
 Os filhos e molher obriga aa pena,
 Pera que o senhor salue, a si condena.*

R 2 Nam

- [15] *Nam fez o Consul tanto que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baxo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu pouo injuriado,
Assi se entrega so firme e constante,
Estoutro assi, e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.*
- [16] *Ves este que saindo da cilada,
Dá sobre o Rei que cerca a villa forte,
Ia o Rei tem preso, e a villa descercada
Illustre feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nesta armada
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando lhe as galês, leuando a gloria,
Da primeira maritima victoria.*
- [17] *E dom Fuas Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas gales da Maura gente
Olha como então justa e sancta guerra
De acabar pelejando està contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa Palma.*

- [18] *Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada noua,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta proua:
Olha Enrique famoso caualleiro,
A Palma que lhe nasce junto aa coua,
Por elles mostra Deos milagre visto,
Germanos sam os Martyrrs de Christo.*
- [19] *Hum Sacerdote vê brandindo a espada,
Contra Arronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada,
Por quem por Maphamede enresta a lança:
He Teotonio Prior: mas vê cercada
Sanctarem, e veras a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira:*
- [20] *Vello ca donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o Alferez mata,
E Hispalico pendão derriba em terra,
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.*

[131v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

- [21] *Olha aquelle que deçe pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a çilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Giraldo sem pavor he o forte peito.*
- [22] *Nam vês hum Castelhana, que agrauado,
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo:
Mas vê que hum Portugues com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.*
- [23] *Martim Lopez se chama o caualleiro,
Que destes levar pode a palma, e o louro:
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro:
Vêllo entre os duuidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro,
Olha o sinal no çeo que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço creçe.*

Vês

- [24] *Vês vão os Reis de Cordoua e Seuilha,
 Rotos, cos outros dous, e não de espaço,
 Rotos mas antes mortos, marauilha
 Feita de Deos, que não de humano braço:
 Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,
 Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
 A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
 Que a coroa de palma ali coroa.*
- [25] *Olha hum Mestre que deçe de Castella,
 Portugues de nação, como conquista
 A terra dos Algarues, e ja nella
 Nam acha que por armas lhe resista,
 Com manha, esforço, e com benigna estrella
 Villas, castellos toma a escalla vista:
 Vês Tauila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores.*
- [26] *Vês com belica astucia ao Mouro ganha
 Silues, que elle ganhou com força ingente,
 He dom Paio Correa, cuja manha
 E grande esforço faz enueja aa gente:
 Mas não passes os tres q̃ ã Frãça e Espanha
 Se fazem conhecer perpetuamente,
 Em desafios, justas e torneos,
 Nellas deixando publicos trofeos.*

[132v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [27] *Vellos co nome vem de aventureiros,
A Castella, onde o preço sos leuãrão
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de algũs se exercitãrão,
Vê mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiarão,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a ley Letea.*
- [28] *Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de yra, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do pouo, e faz que tome o doçe freyo,
De Rei seu natural, e nam de alheyo.*
- [29] *Olha por seu conselho e ousadia,
De Deos guiada so, e de sancta Estrella
So pode o que impossibil parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Ves por industria, esforço, e valentia
Outro estrago e victoria clara e bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteso, e Goadiana habita.*

Mas

- [30] *Mas não ves quasi ja desbaratado,
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitão deuoto, que apartado
Orando inuoca a suma e trina essencia:
Vello com pressa ja dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque consigo esforço aos fracos desse.*
- [31] *Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouuindo que a possança
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura noua estaua dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.*
- [32] *Se quem com tanto esforço em Deos se atreue,
Ouuir quiseses como se nomea,
Portugues Cipião chamar se deue:
Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,
Ditosa patria que tal filho teue:
Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.*

[133v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[33] *Na mesma guerra vê que presas ganha,
Estoutro Capitão de pouca gente,
Comendadores vence, e o gado apanha,
Que leuauão roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, so por liurar com amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.*

[34] *Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano,
Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,
E faz vir a passar o vltimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhanao:
Mas olha Rui Pireira que co rosto
Faz escudo aas gales, diante posto.*

[35] *Olha que dezesete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem,
Porem logo sentiram com seus danos,
Que nam so se defendem, mas offendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.*

Sabese

- [36] *Sabese antigamente que trezentos
 Ia contra mil Romanos pelejarão,
 No tempo que os viris atreuimentos
 De Viriato tanto se illustrarão,
 E delles alcançando vencimentos
 Memoraueis, de erança nos deixarão,
 Que os muitos por ser poucos nam temamos
 O que despois mil vezes amostramos.*
- [37] *Olha ca dous Infantes Pedro e Henrique,
 Progenie generosa de Ioane,
 Aquelle faz que fama illustre fique
 Delle em Germania, com que a morte engane:
 Este, que ella nos mares o pubrique,
 Por seu descobridor, e desengane
 De Ceita a Maura tumida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.*
- [38] *Vês o Conde dom Pedro que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria,
 Vês outro Conde està que representa
 Em terra Marte, em forças e ousadia,
 De poder defender se nam contenta
 Alçaçere da ingente companhia:
 Mas do seu Rei defende a cara vida,
 Pondo por muro a sua, ali perdida.*

Outros

[134v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [39] *Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião:
Mas faltalhe pinçel, faltão lhe cores,
Honra, premio, fauor que as artes crião,
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, e se desuião
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.*
- [40] *Aquelles pais illustres que ja derão
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muyto antão fizerão,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiuerão,
Se alta fama e rumor delles se estende,
Escuros deixão sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corrutores.*
- [41] *Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venhão,
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados
Dão mais que a mil, ã esforço e saber tenhã
Estes os seus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,
E como a seu contrairo natural,
Aa pintura que falla querem mal.*

Não

[42] *Não nego que â com tudo descendentes
 Do generoso tronco, e casa rica
 Que com costumes altos e excellentes
 Sustentão a nobreza que lhe fica:
 E se ha luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Nam falta ao menos, nem se faz escura:
 Mas destes acha poucos a pintura.*

[43] *Assi está declarando os grandes feitos,
 O Gama que ali mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
 Do singular artifice ali pinta:
 Os olhos tinha promptos e dereitos,
 O Catual na historia bem distinta,
 Mil vezes perguntava, e mil ouuia,
 As gostosas batalhas que ali via.*

[44] *Mas ja a luz se mostrava duuidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaxo do Orizonte e luminosa
 Leuava aos Antipodas o dia,
 Quando o Gentio, e a gente generosa,
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso que descansa,
 Os lassos animais, na noite mansa.*

Entre

[135v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[45] *Entre tanto os Aruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Anteuem sempre os casos duuidosos,
Por sinais diabolicos, e indicios
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitauão a arte e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que aas suas terras vem da ignota Espanha.*

[46] *Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a noua gente lhe seria
Iugo perpetuo, eterno catiueiro,
Destruicam de gente, e de valia:
Vaise espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das victimas que oulhara:*

[47] *A isto mais se ajunta que hum deuoto
Sacerdote da ley de Maphamede,
Dos odios concebidos nam remoto,
Contra a diuina Fe, que tudo excede,
Em forma do Propheta falso e noto,
Que do filho da escraua Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda se nam deçe.*

E diz

[48] *E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho vsado
Torna a dormir quieto e sosegado.*

[49] *Torna Bacho dizendo, nam conheces
O gram legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu parti rudo vello, e tu adormeces?
Pois saberas que aquelles que chegados
De nouo sam, seram muy grande dano
Da lei que eu dei ao nescio pouo humano:*

[50] *Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae facilmente
Se pode nelle por a aguda vista:
Porem despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe nam tolheis.*

Isto dito

[136v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[51] *Isto dito, elle e o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno
Salta da cama, lume aos seruos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tanto que a noua luz que ao Sol precede
Mostrara rosto Angelico e sereno,
Conuoca os principais da torpe ceita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.*

[52] *Diuersos pareceres e contrarios
Ali se dão segundo o que entendião,
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inuentauam e tecião:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruçam da gente pretendião,
Por manhas mais sotis e ardis milhores,
Com peitas adquerindo os regedores,*

[53] *Com peitas, ouro, e dadiuas secretas
Concilião da terra os principais,
E com razões notaueis e discretas
Mostram ser perdiçam dos naturais,
Dizendo que sam gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentais,
Viuem so de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.*

O quanto

- [54] *O quanto deue o Rei que bem gouerna,
De olhar que os conselheiros, ou priuados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados:
Porque como estè posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios, ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingoa conselheira.*
- [55] *Nem tam pouco direy que tome tanto
Em grosso, a consciencia limpa e certa
Que se enleue num pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encuberta,
E quando hũ bom em tudo he justo e sancto
E em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal coelles poderá ter conta,
A quieta inocencia, em so Deos pronta.*
- [56] *Mas aquelles auaros Catuais,
Que o Gentilico pouo governauão,
Induzidos das gentes infernais,
O Portugues despacho dilatauão:
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenauão,
Que leuar a seu Rei hum sinal certo
Do mundo, que deixa descuberto.*

[137v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[57] *Nisto trabalha so, quem bem sabia
Que depois que leuasse esta certeza,
Armas, e naos, e gentes mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e ley someteria
Das terras, e do mar a redondeza,
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.*

[58] *Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedirse quanto desejasse:
O Rei que da noticia falsa, e indina
Nam era despantar se sespantasse,
Que tam credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros.*

[59] *Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sугeito,
Hum desejo immortal lhe acende, e atiça:
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.*

Sobre

[60] *Sobre isto nos conselhos que tomava,
 Achava muy contrarios pareceres,
 Que naquelles, com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus poderes:
 O grande Capitão chamar mandava,
 A quem chegado disse, se quiseses
 Confessarme a verdade limpa, e nua,
 Perdão alcançaras da culpa tua.*

[61] *Eu sou bem informado, que a embaxada
 Que de teu Rei me deste, que he fingida:
 Porque nem tu fês Rei, nem patria amada,
 Mas vagabundo vas passando a vida:
 Que quem da Hisperia vltima alongada
 Rei, ou senhor de insania desmedida,
 Ha de vir cometer com naos, e frotas
 Tam incertas viagês, e remotas?*

[62] *E se de grandes Reinos poderosos,
 O teu Rei tem a regia majestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Sinais de tua incognita verdade:
 Com peças e dões altos sumptuosos
 Se lia dos Reis altos a amizade:
 Que sinal nem penhor não he bastante,
 As palauras dum vago nauegante.*

[138v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[63] *Se por ventura vindes desterrados,
Como ja foram homês dalta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria pera o forte:
Ou se piratas sois ao mar vsados,
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.*

[64] *Isto assi dito, o Gama que ja tinha
Suspeitas das insidias que ordenaua
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:
Cũa alta confiança, que conuinha,
Com que seguro credito alcançaua,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Tais palauras do sabio peito abria.*

[65] *Se os antigos delitos, que a malicia
Humana cometeo na prisca idade,
Nam causaram, que o vaso da niquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicicia
Na geraçam de Adão, co a falsidade
O poderoso Rei da torpe seita,
Nam conceberas tu tam mâ sospeita.*

Mas

[66] *Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, e em todo o feyto
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peyto,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade: sem respeyto
 Das razões em contrario que acharias
 Senão cresses a quem não crer deuias.*

[67] *Porque se eu de rapinas so viuesse
 Vndiuago, ou da patria desterrado,
 Como cres que tão longe me viesse,
 Buscar assento incognito e apartado?
 Porque esperanças, ou porque interesse,
 Viria esprimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, e os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradores?*

[68] *Se com grandes presentes dalta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais ã a achar o estranho Clima
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne à minha patria, e Reino amigo
 Então verás o dom soberbo e rico
 Com que minha tornada certifico.*

[139v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[69] *Se te parece inopinado feito,
Que Rei da vltima Hisperia ati me mande,
O coraçam sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre e gram conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fe de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.*

[70] *Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuserão
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre às grandes cousas se opuserão
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderão
De saber que fim tinhão, e onde estauão
As derradeiras praias que lauauão.*

[71] *Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por yr deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro:
Este por sua industria, e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.*

Crecendo

[72] *Crescendo cos successos bons primeyros
 No peyto as ousadias, descobrirão
 Pouco e pouco caminhos estrangeyros,
 Que hũs succedendo aos outros proseguirão:
 De Affrica os moradores derradeyros
 Austrais, que nunca as sete flammias virão,
 Forão vistos de nos, atras deyxando
 Quantos estão os Tropicós queymando.*

[73] *Assi com firme peyto, e com tamanho
 Proposito vencemos à Fortuna,
 Ate que nos no teu terreno estranho
 Viemos pôr a vltima columna:
 Rompendo a força do liquido Estanho
 Da tempestade horrifica, e importuna
 Ati chegamos, de quem so queremos
 sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.*

[74] *Esta he a verdade Rey, que não faria
 Por tão incerto bem, tão fraco premio
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
 Tão longo tão fingido, e vão proemio:
 Mas antes descansar me deyxaria
 No nunca descansado e fero gremio
 Da madre Thetis, qual pirata inico
 Dos trabalhos alheyos feyto rico.*

S 4 *Assi que*

[140v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[75] *Assi que ô Rei, se minha grão verdade
Tês por qual he, sincera, e não dobrada,
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuyda bem na razão que esta prouada,
Que com claro juyzo pode verse,
Que facil he a verdade dentenderse.*

[76] *A tento estaua o Rey na segurança,
Com que prouaua o Gama o que dezia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palauras ha abastança,
Iulga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais currutos, mal julgados.*

[77] *Iuntamente a cobiça do proueyto,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeyto,
Co Capitão, e não co Mauro engano:
Enfim ao Gama manda, que direyto
Aas naos se vâ, e seguro dalgum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda.*

Que

[78] *Que mande da fazenda enfim lhe manda,
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,
 Salgũa traz idonea la da banda
 Donde a terra se acaba, e o mar começa.
 Iá da Real presença veneranda
 Se parte o Capitão, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcação, que a sua esta de largo.*

[79] *Embarcação que o leue aas naos lhe pede:
 Mas o mao Regedor, que novos laços
 Lhe machinaua, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças e embaraços:
 Coelle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regios paços,
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe insinar sua malicia.*

[80] *La bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarçam bastante, em que partisse,
 Ou que pera a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida diffirisse:
 Ia com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na ma tençam dos Mouros, torpe e fêra,
 O que delle ate li nam entendêra:*

Era

[141V]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [81] *Era este Catual, hum dos que estauão
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governauão
As cidades do Samorim potente:
Delle somente os Mouros esperauão
Efeyto a seus enganos torpemente,
Elle, que no concerto vil conspira
De suas esperanças nam delira.*
- [82] *O Gama com instancia lhe requiere
Que o mande por nas naos, e não lhe val,
E que assi lho mandàra, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razão lhe empede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo que os Reis ja tem mandado
Nam pode ser por outrem derogado?*
- [83] *Pouco obedece o Catual corruto
A tais palauras, antes reuoluendo
Na fantasia algum sutil, e astuto
Engano diabolico, e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue auorrecido, estaua vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhũa aa patria mais tornasse.*

Que

[84] *Que nenhum torne aa patria so pretende
O conselho infernal dos Maumetanos,
Porque nam saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem sem licença sua yrse podia,
Que as almâdias todas lhe tolhia.*

[85] *Aos brados e razões do Capitão,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar aa terra as naos, que longe estão,
Porque melhor dali fosse, e tornasse:
Sinal he de inimigo, e de ladrão,
Que la tam longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He nam temer do seu nenhum perigo.*

[86] *Nestas palauras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flama
Lhas assalte, por odio descuberto:
Em varios pensamentos se derrama
Fantasiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenaua,
Tudo temia, tudo em fim cuidaua.*

Qual

[142v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[87] *Qual o reflexo lume do polido*

*Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E sendo da ouciosa mão mouido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo, aqui e ali, e dessorsegado.*

[88] *Tal o vago juyzo fluctuaua*

*Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praia cos bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandaua,
Que se tornasse aa frota, que deixâra,
Nam fosse salteado dos enganos,
Que esperaua, dos feros Maumetanos.*

[89] *Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte*

*Imitar os illustres, e igoalalos.
Voar co pensamento a toda parte,
Adiuinhar pirigos, e euitallos:
Com militar engenho, e sutil arte
Entender os imigos, e enganalos,
Crer tudo em fim, que nunca louuarey
O Capitão que diga, não cuidey.*

Insiste

[90] *Insiste o Malabar em telo preso,
Senão manda chegar a terra a armada,
Elle constante, e de yra nobre aceso,
Os ameaços seus nam teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso,
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armando, que por em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.*

[91] *Aquella noite esteue ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena:
Comete lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberâ, se mais tempo ali o detinha.*

[92] *Diz lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, pera a terra,
Pera que de vagar se troque, e venda,
Que quem nam quer comercio, busca guerra:
Posto que os maos prepositos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade,
Que compra co a fazenda a liberdade.*

Concertãse

[143v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[93] *Concertã se que o negro mande dar,
Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha:
Partem as almãdias a buscar
Mercadoria Hispana, que conuenha,
Escreue a seu yrmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.*

[94] *Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Coella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil o premio pode, e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.*

[95] *Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detiuesse:
Elle vendo que ja lhe nam conuinha
Tornar a terra, porque nam podesse
Ser mais retido, sendo aas naos chegado
Nellas estar se deixa descansado.*

Nas

- [96] *Nas naos estar se deyxá vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido, e pouco nobre.
Veja agora o juyzo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre
Pode o vil interesse e sede imiga
Do dinheyro, que a tudo nos obriga.*
- [97] *A Polidoro mata o Rey Treicio,
Só por ficar senhor do grão tesouro:
Entra, pelo fortissimo edificio,
Com a filha de Acriso a chuua douro:
Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
Que a troco do metal luzente, e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada empago morre.*
- [98] *Este rende munidas fortalezas,
Faz tredoros, e falsos os amigos,
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos:
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,
Este depraua as vezes às ciencias,
Os juyzos cegando, e as consciencias.*

Este

[144v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[99] *Este interpreta mais que sutilmente
Os textos. este faz e desfaz leis:
Este causa os perjuros entre a gente:
E mil vezes tirânos torna os Reis.
Ate os que so a Deos omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouuireis,
Que corrompe este encantador, e illude:
Mas não sem cor com tudo de virtude.*

FIM.

☪ Canto Nono.

[1] *Tiuerão longamen-/te na cidade
Sem vender se a fazenda os do-/us feitores,
Que os infieis por manha, e falsidade
Fazem, que nam lha comprem mercadores,
Que todo seu proposito, e vontade
Era, deter ali os descobridores
Da India, tanto tempo que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.*

La no

- [2] *La no seio Eritreo, onde fundada
 Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,
 Do nome da irmã sua assi chamada,
 Que despois em Suez se conuerteo,
 Não longe, o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca, que se engrandeceo
 Com a superstiçam falsa, e profana,
 Da relegiosa agoa Maumetana.*
- [3] *Gidá se chama o porto, aonde o trato
 De todo o roxo mar mais florescia,
 De que tinha proueito grande, e grato
 O Soldão que esse Reino possuia:
 Daqui aos Malabares, por contrato
 Dos infieis, fermosa companhia
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,
 Especiaria vem buscar cada anno.*
- [4] *Por estas naos os Mouros esperauão,
 Que como fossem grandes e possantes
 Aquellas, que o comércio lhe tomauão,
 Com flamas abrasassem crepitantes:
 Neste socorro tanto confiauão,
 Que ja nam querem mais dos nauegantes,
 Se nam que tanto tempo ali tardassem,
 Que da famosa Meca as naos chegassem.*

T Mas

[145v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[5] *Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dá conuenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influiu piadosos accidentes
De affeiçam em Monçaide, que guardado
Estaua pera dar ao Gama auiso,
E merecer por isso o Paraiso.*

[6] *Este de quem se os Mouros não guardauão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinauão,
A tençam lhe descobre torpe, e fera:
Muitas vezes as naos que longe estauão
Visita, e com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena,
Pela maligna gente Sarracena.*

[7] *Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cadano,
Que agora sam dos seus tam desejadas,
Pera ser instrumento deste dano:
Diz lhe que vem de gente carregadas,
E dos trouões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas opremido,
Segundo estaua mal apercebido.*

O Gama

[8] *O Gama que tambem consideraua
O tempo, que pera a partida o chama,
E que despacho ja não esperaua
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:
Aos feitores, que em terra estão, mandaua
Que se tornem aas naos: e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.*

[9] *Porem não tardou muito, que voando
Hum rumor nam soasse com verdade,
Que forão presos os feitores, quando
Foram sentidos virse da cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio capitão, com breuidade
Faz represaria nūs, que aas naos vierão,
A vender pedraria que trouxerão.*

[10] *Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu, e conhecidos
Da falta delles, logo entre os milhores
Sentido foi, que estão no mar retidos:
Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,
Vluem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, hūs puxão pela amarra,
Outros quebrão co peito duro a barra.*

T 2 Outros

[146v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [11] *Outros pendem da verga, e ja desatão
A vella, que com grita se soltaua,
Quando com maior grita ao Rei relatão
A pressa, com que a armada se leuaua:
As molheres e filhos, que se matão
Daquelles que vão presos, onde estaua
O Samorim, se aqueixão que perdidos
Hūs tem os pais, as outras os maridos.*
- [12] *Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda liurementemente,
Apesar dos inimigos Maumetanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos,
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos, que as desculpas, e tornando
Algũs negros, se parte as vellas dando.*
- [13] *Partese costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhaua,
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o comercio que trataua:
Mas como aquella terra que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixaua,
Com estas nouas torna aa patria cara,
Certos sinais leuando do que achara.*

Leua

[14] *Leua algũs Malabares, que tomou
 Per força, dos que o Samorim mandâra,
 Quando os presos feitores lhe tornou:
 Leua pimenta ardente que compràra:
 A seca flor de Banda não ficou,
 A Noz, e o negro crauo, que faz clara
 A noua ilha Maluco, coa canella,
 Com que Ceilão he rica illustre e bella.*

[15] *Isto tudo lhe ouuera a deligencia
 De Monçaide fiel, que tambem leua,
 Que inspirado de Angelica influencia,
 Quer no liuro de Christo que se escreua,
 O ditoso Affricano, que a clemencia
 Diuina assi tirou descuro treua,
 E tam longe da patria achou maneira,
 Pera subir aa patria verdadeira.*

[16] *Apartadas assi da ardente costa,
 As venturosas naos, leuando a proa
 Pera onde a natureza tinha posta
 A Meta Austrina da esperança boa,
 Leuando alegres nouas e repostas,
 Da parte Oriental pera Lisboa,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, temidos e ledos.*

[147v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[17] *O prazer de chegar aa patria cara,
A seus penates caros e parentes,
Pera contar a peregrina, e rara
Nauegaçam, os varios ceos, e gentes,
Vir a lograr o premio, que ganhàra
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum, tem por gosto tam perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.*

[18] *Porem a Deosa Cipria, que ordenada
Era pera fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom genio dada
Que sempre os guia ja de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andaua ja ordenando, e pretendia
Dar lhe nos mares tristes alegria.*

[19] *Despois de ter hum pouco reuoluido
Na mente, o largo mar que nauegârão,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thebas, se causarão,
Ia trazia de longe no sentido,
Pera premio de quanto mal passarão,
Buscarlhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal liquido, e manso.*

Algun

[20] *Algum repouso em fim, com que podesse
 Refucilar a lassa humanidade
 Dos nauegantes seus, como interesse
 Do trabalho, que incurta a breue idade:
 Parcelhe razão que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao ceo sereno.*

[21] *Isto bem reuoluido, determina
 De terlhe aparelhada la no meio
 Das agoas, algũa insula diuina,
 Ornada desmaltado e verde arreo:
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que possue soberanas,
 Pera dentro das portas Herculanas.*

[22] *Ali quer que as aquaticas donzellas,
 Esperem os fortissimos barões,
 Todas as que tem titulo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos corações,
 Com danças, e coreas, porque nellas
 Influirá secretas affeições,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeçoarem.*

[fl. 148v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [23] *Tal manha buscou ja, pera que aquelle
Que de Achises pario, bem recebido
Fosse no campo que a bouina pelle
Tomou de espaço, por sutil partido:
Seu filho vai buscar, porque so nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou ja, nestoutra a ajude e siga.*
- [24] *No carro ajunta as aues, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ja foi conuertida
Peristera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deosa ja partida,
No ar lasciuos beijos se vão dando,
Ella por onde passa o ar, e o vento
Serenoz faz, com brandoz mouimento.*
- [25] *Ia sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estaua então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer hũa famosa expedição
Contra o mundo reuelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas que nos forão dadas,
Nam pera ser amadas, mas vsadas.*

Via

- [26] *Via Acteon na caça, tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
Foge da gente, e bella forma humana:
E por castigo quer doce, e seuero,
Mostra lhe a fermosura de Diana,
E guarde se nam seja inda comido
Desses cães que agora ama, e consumido.*
- [27] *E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem pubrico imagina,
Vê nelles, que não tem amor a mais
Que a si somente, e a quem Philaucia insina
Vê que esses que frequentão os reais
Paços, por verdadeira e saã doctrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondarse o nouo trigo florecente.*
- [28] *Vê que aquelles que deuem aa pobreza
Amor diuino, e ao pouo charidade,
Amão somente mandos, e riqueza,
Simulãdo justiça, e integridade:
Da fea tyrania, e de asperenza
Fazem direito, e vã seueridade:
Leis em fauor do Rei se estabelecem,
As em fauor do pouo so perecem.*

Ve em

[149v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[29] *Vê em fim que ninguém ama o que deue,
Se não o que somente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releue,
O castigo que duro, e justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leue
Exercitos conformes aa peleja,
Que espera ter coa mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.*

[30] *Muitos destes mininos voadores,
Estão em varias obras trabalhando,
Hũs amolando ferros passadores,
Outros asteas de setas delgaçando,
Trabalhando cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, e concertada,
Suaue a letra, angelica a soada.*

[31] *Nas fragoas immortais, onde forjauão,
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estauão,
Viuas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros temperauão,
Lagrimas sam de miseros amantes,
A viua flama, o nunca morto lume,
Desejo he so que queima, e não consume.*

Algũs

[32] *Algũs exercitando a mão andauão,
Nos duros corações da plebe ruda,
Crebros suspiros pelo ar soauão,
Dos que feridos vão, da seta aguda,
Fermosas Nymphas sam, as que curauão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos:
Mas poem em vida os inda não nascidos.*

[33] *Fermosas sam algũas, e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veas,
Curão no aas vezes asperas triagas
Algũs ficão ligados em cadeas,
Por palauras sutis de sabias Magas,
Isto acontece aas vezes quando as setas
Acertão de levar eruas secretas.*

[34] *Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados,
Entre o pouo ferido miserando,
E tambem nos heroes de altos estados,
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças, Bibli, e Cynirea
Hum mancebo de Assiria, hum de Iudea.*

E vos

[150v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[35] *E vos ô poderosos por pastoras
Muytas vezes ferido o peyto vedes,
E por bayxos, e rudos vos senhoras
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,
Hũs esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes,
Mas eu creyo que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy, que a do minino.*

[36] *Mas ja no verde prado o carro leue,
Punhão os brancos Cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neue
No rosto traz, decia diligente:
O frecheiro, que contra o çeo se atreue,
A recebella vem, ledto, e contente,
Vem todos os cupidos seruidores,
Beijar a mão aa Deosa dos amores.*

[37] *Ella porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz, amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia està fundada:
Filho em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Tifeas tês em nada,
A socorrer me a tua potestade,
Me traz especial necessidade.*

Bem

[38] *Bem ves as Lusitanicas fadigas,
Que eu ja de muito longe fauoreço,
Porque das Parcas sey minhas amigas,
Que me ande venerar e ter em preço,
E porque tanto imitação as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.*

[39] *E porque das insidias do odioso
Baco foram na India molestados,
E das injurias sos do mar vndoso,
Poderão mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquelle premio, e doce gloria
Do trabalho que faz clara a memoria.*

[40] *E pera isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo,
Da mor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descobrir o nouo mundo,
Todas nũa ilha juntas e subidas,
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano, terei aparelhada,
De dões de Flora, e Zefiro adornada.*

Ali

[151v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [41] *Ali com mil refrescos, e manjares,
Com vinhos odoriferos, e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, e ellas mais fermosas:
Em fim com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Nymphas amorosas,
Damor feridas, pera lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.*
- [42] *Quero que aja no reino Neptunino
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se reuela,
Porque entendão que muro Adamantino,
Nem triste hypocresia val contra ella.
Mal auerá na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas agoas arde.*
- [43] *Assi Venus propos, e o filho inico
Pera lhe obedecer ja se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe:
Com gesto ledo a Cipria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
Ha redea larga aas aues, cujo canto
Ha Phaetontea morte chorou tanto.*

Mas

- [44] *Mas diz Cupido, que era necessaria
 Hũa famosa, e celebre terceyra,
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,
 Outras muytas ha tem por companheyra:
 A Deosa Gigantea temeraria,
 Iactante, mintirosa, e verdadeyra,
 Que com cem olhos ve, e por onde voa
 O que vê com mil bocas apregoa.*
- [45] *Vão a buscar, e mandam a diante,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os louuores da gente nauegante,
 Mais do que nunca os doutrem celebrara:
 Ia murmurando a fama penetrante
 Pelas fundas cauernas se espalhàra,
 Fala verdade, a vida por verdade,
 Que junto a Deosa traz Credulidade.*
- [46] *O louuor grande, o rumor excellente
 No coração dos Deoses, que indinados
 Forão por Baco contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco afeyçoados:
 O peyto feminil, que leuemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Ia julga por mao zelo, e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.*

Despede

[152v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[47] *Despede nisto o fero moço as setas*

*Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,
Dereitas pelas ondas inquietas,
Algũas vãõ, e algũas fazem giros:
Caem as Nimphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos sospiros,
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.*

[48] *Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,*

*Com força o moço indomito excessiua,
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:
Ia não fica na aljaua seta algũa,
Nem nos equoreos campos Nimpha viua,
E se feridas inda estão viuendo,
Sera pera sentir que vãõ morrendo.*

[49] *Day lugar altas e ceruleas ondas,*

*Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, e redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Pera que tu reciproco respondas
Ardente Amor aa flama feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.*

- [50] *Ia todo o bello coro se aparelha
 Das Nereidas, e junto caminhaua
 Em coreas gentis, vsança velha,
 Pera a ilha, a que Venus as guiaua:
 Ali a fermosa Deosa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amaua,
 Ellas que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.*
- [51] *Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente, pera a patria amada,
 Desejando prouerse de agoa fria,
 Pera a grande viagem prolongada:
 Quando juntas com subita alegria,
 Ouuerão vista da ilha namorada,
 Rompendo pelo çeo a mãe fermosa
 De Menonio, suaue e deleitosa.*
- [52] *De longe a Ilha virão fresca, e bella,
 Que Venus pelas ondas lha leuaua,
 (Bem como o vento leua branca vella)
 Pera onde a forte armada se enxergaua,
 Que porque não passassem, sem que nella
 Tomassem perto, como desejava,
 Pera onde as naos nauegão a mouia
 A Accidalia, que tudo em fim podia.*

V Mas

[153v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[53] *Mas firme a fez e imobil, como vio
Que era dos Nautas vista, e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, e a Deosa aa caça vsada:
Pera la logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia hũa enseada
Curua, e quieta, cuja branca area
Pintou de ruiuas conchas Cyteera.*

[54] *Tres fermosos outeiros se mostrauão,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornauão,
Na fermosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes e limpidas manauão
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se diriua,
A sonora Limpha fugitiua.*

[55] *Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginarse:
Aruoredó gentil sobre ella pende,
Como que prompto está pera afeitarse,
Vendose no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.*

- [56] *Mil aruores estão ao çeo subindo,
Com pomos odoríferos e bellos,
A Larangeira tem no fruto lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encostase no chão, que està caindo
A Cidreira cos pesos amarells,
Os fermosos limoões ali cheirando
Estam virgineas tetas imitando.*
- [57] *As aruores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma emnobrecidos
Alemos sam de Alcides, e os Loureiros
Do louro Deos amados, e queridos:
Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros
De Cybele por outro amor vencidos,
Estâ apontando o agudo Cipariso
Pera onde he posto o Etereo paraíso.*
- [58] *Os dões que dá Pomona, ali natura
Produze diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito milhores.
As Cereijas porpureas na pintura,
As Amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Persia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.*

[154v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[59] *Abre a Romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:
Entre os braços do Vlmeiro está a jocunda
Vide, cûs cachos roxos, e outros verdes:
E vos se na vossa aruore fecunda
Peras pyramidais viuer quiserdes,
Entregaiuos ao dano, que cos bicos,
Em vos fazem os passaros inicos.*

[60] *Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre a rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina:
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça o flor Cyfisia inclina,
Sobollo tanque lucido e sereno,
Floreçe o filho e neto de Cyniras,
Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.*

[61] *Pera julgar difficil cousa fora,
No çeo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se daua aas flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dam a ella as bellas flores:
Pintando estaua ali Zefiro, e Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.*

A can-

- [62] *A candida Cecêm das Matutinas*
Lgrimas ruciada, e a Manjarona,
Vense as letras nas flores Hyacintinas,
Vam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Cloris com Pomona:
Pois se as aues no ar cantando voão,
Alegres animais o chão pouoão.
- [63] *A longo da agoa o niueo Cisne canta,*
Responde lhe do ramo Philomela,
Da sombra de seus cornos nam se espanta
Acteon na goa cristalina e bella:
Aqui a fugace Lebre se levanta
Da espessa mata, ou temida Gazella,
Ali no bico traz ao caro ninho,
O mantimento ô leue passarinho.
- [64] *Nesta frescura tal desembarcauão*
Ia das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixauão
Andar as bellas Deosas como incautas,
Algũas doçes Cytaras tocauão,
Algũas arpas, e sonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro se fingião
Seguir os animais, que nam seguião.

[155v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[65] *Assi lho aconselhàra a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas,
Que vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeyro desejadas
Algũas, que na forma descuberta
Do bello corpo estauão confiadas,
Posta a artificiosa fermosura,
nuas lauarse deyxão na agoa pura.*

[66] *Mas os fortes mancebos, que na praya
Punhão os pes de terra cubiçosos,
Que não ha nenhum delles, que não saya
De acharem caça agreste desejosos:
Não cuydão que sem laço, ou redes caya
Caça naquelles montes deleytosos
Tão suaue, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha ja Ericina.*

[67] *Algũs que em espingardas, e nas bestas
Pera ferir os Ceruos se fiauão,
Pelos sombrios matos, e florestas
Determinadamente se lançauão:
Outros nas sombras, que de as altas sestas
Defendem a verdura, passeauão
Ao longo da agoa, que suaue, e queda
Por aluas pedras corre aa praya leda.*

Começão

[68] *Começão de enxergar subitamente*

*Por entre verdes ramos varias cores,
Cores de quem a vista julga, e sente,
Que não erão das rosas, ou das flores,
Mas da lam fina, e seda diferente
Que mais incíta a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendose por arte mais fermosas.*

[69] *Da Veloso espantado hum grande grito,*

*Senhores caça estranha disse he esta,
Se inda durão o Gentio antigo rito,
A Deosas he sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do que humano espirito
Desejou nunca, e bem se manifesta
Que sam grandes as cousas, e excellentes
Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.*

[70] *Sigamos estas Deosas, e vejamos,*

*Se fantasticas sam, se verdadeiras,
Isto dito velloces mais que Gamos,
Selançam a correr pelas ribeiras:
Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos,
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco surrindo, e gritos dando,
Se deixão yr dos Galgos alcançando.*

[156v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[71] *De hũa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo, e da outra as fraldas delicadas,
Acendese o desejo que se ceua
Nas aluas carnes subito mostradas,
Hũa de industria cae, e ja releua
Com mostras mais masias, que indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.*

[72] *Outros por outra parte vão topar,
Com as Deosas despidas, que se lauão,
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal nam esperauão,
Hũas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançauão
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que aas mãos cobiçosas vão negando.*

[73] *Outra como acudindo mais de pressa,
Aa vergonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo nagoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora:
Tal dos mançebos ha, que se arremessa
Vestido assi e calçado (que co a mora
Desse despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agoa o fogo que nelle arde.*

Qual

[74] *Qual cão de caçador sagaz, e ardido,
Vsado a tomar na agoa a aue ferida,
Vendo rosto o ferreo cano erguido,
Pera a Garcenha, ou Pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta nagoa, e da presa nam duuída,
Nadando vay e latindo, assi o mancebo
Remete ha que nam era yrmaã de Phebo.*

[75] *Lionardo soldado bem desposto,
Manhoso, caualleiro, e namorado,
A quem amor não dera hum so desgosto,
Mas sempre fora delle mal tratado:
E tinha ja por firme prosuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porem não que perdesse a esperança,
De inda poder seu fado ter mudança.*

[76] *Quis aqui sua ventura, que corria
Apos Efire, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria,
O que deu pera darse a natureza,
Ia cansado correndo lhe dizia.
O fermosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem leuas a alma.*

Todos

[157v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[77] *Todas de correr cansam, Nimpha pura,
Rendendo se aa vontade do inimigo,
Tu so de my so foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito ja aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O nam na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.*

[78] *Nam canses, que me cansas: e se queres
Fugirme, porque nam possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda que esperes
Ella fará que nam possa alcançarte:
Espera, quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escaparte,
E notarás no fim deste successo,
Tra la spica e la man, qual muro he messo.*

[79] *O não me fujas, assi nunca o breue
Tempo fuja de tua fermosura,
Que so com refrear o passo leue,
Vencerás da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreue.
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejey me vai seguindo,
O que tu so faras nam me fugindo?*

Pois

[80] *Põe-te da parte da desdita minha?*

*Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:
Leuas me hum coração, que liure tinha?
Solta mo, e corroras mais leuemente.
Não te carrega essa alma tam mezquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada leuas? ou despois de presa
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?*

[81] *Nesta esperança so te vou seguindo,*

*Que ou tu nam sofrerás o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrella.
E se se lhe mudar, nam vas fugindo,
Que Amor te ferirà, gentil donzella,
E tu me esperarás, se Amor te fere,
E se me esperas, não ha mais que espere.*

[82] *Ia nam fugia a bella Nimpha, tanto*

*Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por yr ouuindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia:
Voluendo o rosto ja sereno e sancto,
Toda banhada em riso, e alegria,
Cair se deixa aos pês do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.*

O que

[158v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[83] *O que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava,
Que afagos tam suaues, que yra honesta
Que em risinhos alegres se tornaua:
O que mais passam na menhã, e na sesta
Que Venus com prazeres inflamaua,
Milhor he esprimentalo que julgalo,
Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.*

[84] *Desta arte em fim conformes ja as formosas
Nimphas, cos seus amados nauegantes,
Os ornão de capellas deleitosas,
De louro, e de ouro, e flores abundantes:
As mãos aluas lhe dauão como esposas
Com palauras formais, e estipulantes,
Se prometem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.*

[85] *Hũa dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das Nimphas, e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, e o mar de marauilha,
O Capitão illustre que o mereçe,
Recebe ali com pompa honesta, e rêgia,
Mostrando se senhora grande, e egregia.
Que*

[86] *Que depois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dando lhe a entender, que ali viera
Por alta influência do imóvel fado,
Pera lhe descobrir da vinda esphera,
Da terra immensa, e mar não naugado
Os segredos, por alta prophécia,
O que esta sua naçam so merecia.*

[87] *Tomando o pela mão a leua, e guia
Pera o cume dum monte alto, e diuino,
No qual hũa rica fabrica se erguia
De cristal toda, e de ouro puro, e fino:
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.*

[88] *Assi a fermosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estão passando,
Nũa alma, doce, incognita alegria,
O trabalhos tam longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O premio la no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.*

Que

[159v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[89] *Que as Nimphas do Oceano tam fermosas,
Thetis e a Ilha angelica pintada,
Outra cousa nam he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De Palma, e Louro, a gloria e marauilha
Estes sam os deleites desta Ilha.*

[90] *Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
La no estellante Olimpo a quem subia,
Sobre as asas inclitas da fama,
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso:
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso.*

[91] *Nam erão senão premios, que reparte
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo, cos varões, que esforço e arte
Diuinos os fizerão, sendo humanos:
Que Iupiter, Mercurio, Phebo, e Marte
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos
Ceres, Palas, e Iuno, com Diana
Todos forão de fraca carne humana.*

Mas

- [92] *Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
De Deoses, Semideoses immortais
Indigetes, Eroicos, e de Magnos
Por isso, o vos que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai ja do sono do ocio ignauo,
Que o animo de liure faz escrauo.*
- [93] *E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambiçam tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tirania infame, e vrgente:
Porque essas honras vaãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor nam dão aa gente,
Milhor he merecellos, sem os ter
Que possuilos sem os mereçer.*
- [94] *Ou day na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a ley dos inimigos Sarracenos,
Fareis os Reinos grandes, e possantes
E todos tereis mais, e nenhum menos
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.
E fareis*

[160v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[95] *E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades não façais,
Que quem quis sempre pode: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.*

FIM.

☛ Canto Decimo / e vltimo.

[1] *MAs ja o claro ama-/dor da Larissea
Adultera, inclinava os animais,
La pera o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentais:
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,
Co sopro, que nos tanques naturais
Encrespa a agoa serena, e despertava
Os Lirios, e Iazmins que a calma agrava.*

Quando

- [2] *Quando as fermosas Ninfas cos amantes
Pella mão ja conformes e contentes,
Subião pera os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes:
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas, daltos manjares, excelentes,
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.*
- [3] *Ali em cadeiras ricas cristalinas,
Se assentão, dous e dous, amante e dama,
Noutras aa cabeceira douro finas,
Està coa bella Deosa o claro Gama:
De ygoarias suaves e diuinas
A quem não chega a Egipcia antiga fama,
Se acumulão os pratos de fuluo ouro,
Trazidos la do Atlantico tesouro.*
- [4] *Os vinhos odoriferos, que acima
Estão não so do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Ioue tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno:
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração mouem subita alegria,
Saltando coa mistura dagoa fria.*

[161v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[5] *Mil praticas alegres se tocauão,
Ríços doces, sutis, e argutos ditos,
Que entre hũ e outro mãjar se aleuantauão,
Despertando os alegres apetitos:
Musicos instrumentos não faltauão,
Quais no profundo reyno, os nus espiritos
Fizerão descansar da eterna pena,
Cũa voz dhũa angelica Syrena.*

[6] *Cantaua a bella Ninfa, e cos acentos
Que pellos altos paços vão soando,
Em consonancia ygoal, os instramentos
Suaues vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz hir docemente murmurando
As agoas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.*

[7] *Com doce voz está subindo ao ceo
Altos varões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras Ideas vio Protheo,
Num globo vão, diafano, rotundo,
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.*

Materia

[8] *Materia he de Coturno, e não de Soco*

*A que a Nimpha aprendeo no immenso lago:
Qual Yopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui minha Caliope te inuoco
Neste trabalho extremo, porque em pago,
Me tornes, do ã escreuo, e em vão pretendo,
O gosto de escreuer, que vou perdendo.*

[9] *Vão os annos decendo, e ja do Estio*

*Ha pouco que passar ate o Otono,
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual ja não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão leuando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono,
Mas tu me dá que cumpra, ò grão Rainha
Das Musas, cô que quero aa nação minha.*

[10] *Cantaua a bella Deosa, que virião*

*Do Tejo, pello mar que o Gama abríra,
Armadas que as ribeiras vencerião,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os Gentios Reis, que não darião
A ceruiz sua ao jugo, o ferro e yra
Prouarião do braço duro e forte,
Ate renderse a elle, ou logo aa morte.*

[162v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[11] *Cantaua dhum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdocio a dignidade,
Que so por não quebrar cos singulares
Baroës, os nos que dera damizade,
Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incendios, ira e crueldade
Ver destruir do Samorim potente:
Que tais odios terá coa noua gente.*

[12] *E canta como la se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curuo lenho, e o feruido Oceano,
Quando mais nugoa os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se meterem.*

[13] *Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curuo rio,
Desbaratará os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
Despanto o ardor immenso do Oriente
Que verá tanto obrar tão pouca gente.*

Chamará

- [14] *Chamará o Samorim mais gente noua:
Virão Reis Bipur, e de Tânôr,
Das serras de Narsinga, que alta proua
Estarão prometendo a seu senhor:
Faràque todo o Naire em fim se moua,
Que entre Calicû jaz, e Cananor,
Dambas as leis immigas, pera a guerra,
Mouros por mar, Gentios polla terra.*
- [15] *E todos outra vez desbaratando,
Por terra, e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que yrá matando,
A todo o Malabar terá admirado:
Cometerá outra vez não dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deoses vãos, surdos, e immotos*
- [16] *Ia não defenderá somente os passos,
Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas:
Aceso de yra o Cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem rasas:
Farà que os seus de vida pouco escassos,
Cometão o Pacheco que tem asas
Por dous passos num tempo, mas voando
Dhum noutro, tudo yrá desbaratando.*

[163v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[17] *Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Vêja a batalha, e os seus esforço, e anime,
Mas hum tiro, que com zomido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime:
Ia não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inuentara traições, e vãos venenos,
Mas sempre (o ceo querendo) fará menos.*

[18] *Que tornará a vez septima, cantaua,
Pellejar co inuicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa, e agraua,
Mas com tudo este so o fará confuso:
Trará pera a batalha horrenda, e braua,
Machinas de madeiros fora de vso,
Pera lhe abalroar as Carauellas,
Que ateli vão lhe fora cometellas.*

[19] *Pella agoa leuará serras de fogo
Pera abrasarlhe quanta armada tenha,
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vaã a braueza com que venha:
Nenhum claro barão no Martio jogo,
Que nas asas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.
Porque*

- [20] *Porque tantas batalhas sustentadas*
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas, e artes inuentadas
Tantos Cães não imbelles profligados:
Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros inuocados
Deçerão a ajudallo, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.
- [21] *Aquelle que nos Campos Maratonios*
O grão poder de Dario estrue, e rende,
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Termopilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio
Foy como este na guerra forte e sabio.
- [22] *Mas neste passo a Nimpha o som canoro*
Abaxando, fez ronco, e entristecido,
Cantando em baixa voz enuolta em choro
O grande esforço mal agardecido:
O Belisario, disse, que no coro
Das Musas seras sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o brauo Marte,
Aqui tens com quem podes consolarte.

[164v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[23] *Aqui tens companheiro assi nos feitos
Como no galardão injusto e duro,
Em ti e nelle veremos altos peitos,
A baxo estado vir humilde, e escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rey, e aa ley seruem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.*

[24] *Isto fazem os Reis, quando embebidos
Nũa apparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos,
Aa lingua vaã de Vlisses fraudulenta:
Mas vingome que os bens mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios caualeiros,
Dãos os logo a auarentos lisongeiros.*

[25] *Mas tu de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,
Se não es pera darlhe honroso estado,
He elle pera darte hum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolineos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre e claro
E tu nisto culpado por auaro.*

Mas

- [26] *Mas eis outro, cantaua, intitulado*
Vem com nome real, e traz consigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal, e humano,
Deitado fora o perfido Tirano.
- [27] *Tambem farão Mombaça, que se arrea*
De casas sumptuosas, e edificios,
Co ferro, e fogo seu, queimada, e fea,
Em pago dos passados maleficios:
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e arteficios,
Contra os Lusos: com vellas, e com remos
O mancebo Lourenço farà estremos.
- [28] *Das grandes naos, do Samorim potente,*
Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,
Que sae com trouão do cobre ardente,
Farà pedaços leme, masto, vela,
Despois lançando arpeos ousadamente
Na capitaina immiga: dentro nela
Saltando, a farà so com lança e espada
De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

[165v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[29] *Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella so sabe o bem de que se serue,
O porá onde esforço, nem prudencia
Poderá auer, que a vida lhe reserue:
Em Chaul, onde em sangue e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferue,
Lhe farão, que com vida se não saya
As armadas de Egipto e de Cambaya.*

[30] *Ali o poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, so com força rende,
Os ventos que faltarão, e os perigos
Domar, que sobejirão, tudo o ofende:
Aqui resurjão todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,
Outro Sceua verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.*

[31] *Com toda hũa coxa fora, que em pedaços
Lhe leua hum cego tiro, que passàra,
Se serue inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficâra:
Ate que outro pilouro quebra os laços,
Com que co alma o corpo se liâra,
Ella solta voou da prisam fora,
Onde subito se acha vencedora.*

Vayte

- [32] *Váyte alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena,
Que o corpo que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança ja lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem ja dar a dura, e eterna pena,
De Esperas, Basiliscos, e Trabucos,
A Cambaicos crueis, e Mamelucos.*
- [33] *Eis vem o pay com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está mouendo
Fogo no coração, agoa nos olhos:
A nobre yra lhe vinha prometendo,
Que o sangue fará dar pellos giolhos
Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,
Podélo ha o Indo ver, e o Gange ouuilo.*
- [34] *Qual o Touro cioso, que se ensaya
Pera a crua pelleja, os cornos tenta
No tronco dhum Carualho, ou alta Faya
E o ár ferindo, as forças esprimenta:
Tal, antes que no seyo de Cambaya
Entre Francisco irado na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaxandolhe a tumida ousadia.*

E logo

[166v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

- [35] *E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada,
De Calecu, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fará yr ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.*
- [36] *Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,
Rayos de fogo yrão representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto ali sentirão olhos, e ouvidos,
E fumo, ferro, flamas e alaridos.*
- [37] *Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que triste e negro vejo,
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Cos ossos guardará não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle espirito,
Que não tirarão toda a India, e Egito.*

Ali

- [38] *Ali Cafres seluagens poderão,
 O que destros immigos não podêrão,
 E rudos paos tostados sos farão,
 O que arcos e pelouros não fizerão,
 Occultos os juizos de Deos sam,
 As gentes vaãs que não nos entenderão,
 Chamãolhe fado mao, fortuna escura,
 Sendo so prouidencia de Deos pura.*
- [39] *Mas ô que luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a Ninfa, e a voz aleuantaua,
 La no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Braua:
 Pello Cunha tambem, que nunca extinto
 Será seu nome, em todo o mar que laua
 As ilhas do Austro, e praias, que se chamão
 De sam Lourêço, e em todo o Sul se afamão.*
- [40] *Esta luz he do fogo, e das luzentes
 Armas, com que Albuquerque yra amãsando
 De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso e brando.
 Ali verão as setas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem estende a fe da madre Igreja.*
Ali

[167v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[41] *Ali do sal os montes não defendem*

*De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pella praya, e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate, e Calayate:
Ate que a força so de braço aprendem
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate
Obrigaçãõ de dar o reyno inico
Das perlas de Barem tributo rico.*

[42] *Que gloriosas palmas tecer vejo,*

*Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vã de medo, ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa:
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasiãõ espera boa,
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerãõ a fortuna, e o proprio Marte.*

[43] *Eis ja sobrella torna e vâý rompendo*

*Por muros, fogo, lanças, e pilouros,
Abrindo cõ a espada o espesso, e horrendo
Esquadrãõ de Gentios, e de Mouros:
Irãõ soldados inclitos fazendo
Mais que Liões famelicos, e Touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Sera da Egipcia sancta Caterina.*

Nem

- [44] *Nem tu menos fugir poderas deste,
Posto que rica, e posto que assentada
La no gremio da Aurora, onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada:
As setas venenosas que fizeste,
Os Crises com que ja te vejo armada,
Malaios namorados, Iaos valentes
Todos faras ao Luso obedientes.*
- [45] *Mais estanças cantâra esta Syrena
Em louuor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembroulhe hũa yra que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque:
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.*
- [46] *Mas em tempo que fomes, e asperezas
Doenças, frechas, e trouoës ardentes,
A sazão, e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a todo obedientes:
Parece de seluaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo suplicio pella culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.*

Não

[168v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [47] *Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cũa escraua vil lasciua e escura:
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
Ou de vsado a crueza fera e dura,
Cos seus hũa ira insana não refrea,
Põe na fama alua noda negra e fea.*
- [48] *Vio Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deulha alegremente,
Não sendo seu soldado esperimentado,
Nem vendose num cerco duro e vrgente:
Sentio Ciro que andaua ja abrasado
Araspas, de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria.*
- [49] *Mas vendo o Illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defesa,
Leuemente o perdoa, e foy seruido
Delle num caso grande em recompensa.
Per força de Iudita foy marido
O ferreo Balduuino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em cousas grandes,
Que viua, e pouoador seja de Frandes.*

Mas

[50] *Mas proseguindo a Nimpha o longo canto,
De Soarez cantaua, que as bandeiras
Faria tremolar, e por espanto,
Pellas roxas Arabicas ribeiras:
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, coas derradeiras
Prayas de Abasia: Barborá se teme,
Do mal de que o Emporio Zeila geme.*

[51] *A nobre ilha tambem de Taprobana,
Ia pello nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba, e soberana,
Pella Cortiça calida, cheirosa,
Della dará tributo aa Lusitana
Bandeira, quando excelsa, e gloriosa
Vencendo se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos proprios tam temida.*

[52] *Tambem Sequeira as ondas Eritreas
Diuidindo, abrirá nouo caminho,
Pera ti grande Imperio que te arreas
De seres de Candace, e Sabá ninho:
Maçua com Cisternas de agoa cheas
Verá, e o porto Arquico ali vizinho,
E farà descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo nouas marauilhas.*

Y Virá

[169v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[53] *Virá despois Meneses, cujo ferro*

*Mais na Africa, que câ terá prouado:
Castigará de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado,
Cos titolos de Conde, e dhonras nobres,
Virás mandar a terra que descobres.*

[54] *Mas aquella fatal necessidade,*

*De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado coa Regia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos:
Outro Meneses logo, cuja ydade
He mayor na prudencia, que nos anos,
Gouernará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.*

[55] *Não vencerá somente os Malabares,*

*Destruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bombardas, que nos ares
Se vingão so do peito que as comete:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os immigos dalma todos sete,
De cubiça triumphá, e incontinencia,
Que em tal idade he suma de excellencia.*

Mas

[56] *Mas depois que as estrellas o chamarem,
 Socederás ó forte Mazcarenhas,
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometote que fama eterna tenhas:
 Pera teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.*

[57] *No reino de Bintão, que tantos danos
 Terá a Malaca muito tempo feitos,
 Num so dia as injurias de mil anos
 Vingará, co valor de illustres peitos,
 Trabalhos e perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
 Tudo fico que rompas e sometas.*

[58] *Mas na India cubiça e ambição,
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deos, e Iustiça, te farão
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:
 Quem faz injuria vil, e sem rezão
 Com forças e poder, em que está posto,
 Não vence, que a vitoria verdadeira,
 He saber ter justiça nua, e inteira.*

[170v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[59] *Mas com tudo não nego que Sampayo
Será no esforço illustre, e asinalado,
Mostrando se no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verâ qualhado:
Em Bacanôr fará cruel ensayo
No Malabar, pera que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiâle, com quanta armada tenha.*

[60] *E não menos de Dio a fera frota
Que Chaul temerâ de grande e ousada,
Farâ coa vista so perdida e rota,
Por Heitor da Silueira, e destroçada:
Por Heitor Portugues, de quem se nota,
Que na Costa Cambaica sempre armada,
Serâ aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.*

[61] *A Sampayo feroz socederà
Cunha, que longo tempo tem o leme,
De Chale as torres altas erguerâ,
Em quanto Dio illustre delle treme,
O forte Baçaâm se lhe darâ,
Não sem sangue porem, que nelle geme
Melique, porque a força so de espada
A tranqueira soberba ve tomada.*

Tras

[62] *Tras este vem Noronha, cujo Auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio que o peito e bellico exercicio
De Antonio da silueira bem sustenta:
Fará em Noronha a morte o vsado officio,
Quando hum teu ramo, ô Gama, se esprimêta
No gouerno do Imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarelo,*

[63] *Das mãos do teu Esteuão vem tomar
As redeas hum, que ja sera illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O Pirata Frances ao mar vsado:
Despois Capitão mor do Indico mar,
O muro de Dâmão soberbo e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta
Que fogo e frechas mil terão cuberta.*

[64] *A este o Rey Cambaico soberbissimo
Fortaleza darà na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois yrà com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rey Gentio
De Calecu, que assi com quantos veyo
O fará retirar de sangue cheyo.*

[171v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[65] *Destroirá a cidade Repelim,*

Pondo o seu Rey com muitos em fugida:

E despois junto ao Cabo Comorim

Hũa façanha faz esclarecida,

A frota principal do Samorim,

Que destruir o mundo não duuida,

Vencerá co furor do ferro e fogo,

Em si verâ Beadâla o Marcio jogo.

[66] *Tendo assi limpa a India dos immigos,*

Virâ despois com cetro a governala,

Sem que ache resistencia, nem perigos,

Que todos tremem delle, e nenhum fala:

So quis prouar os asperos castigos

Baticalâ, que virâ ja Beadala,

De sangue e corpos mortos ficou chea,

E de fogo e trouoês desfeita e fea.

[67] *Este sera Martinho, que de Marte*

O nome tem coas obras diriuado,

Tanto em armas illustre em toda parte,

Quanto em conselho sabio e bem cuidado:

Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte

Portugues terá sempre leuantado,

Conforme successor ao succedido

Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

Persas

[68] *Persas ferozes, Abassis e Rumes*

*Que trazido de Roma o nome tem,
 Varios de gestos, varios de costumes
 Que mil nações ao cerco feras vem
 Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes
 Porque hũs poucos a terra lhe detem,
 Em sangue Portugues juram descridos
 De banhar os bigodes retorcidos.*

[69] *Basiliscos medonhos e Liões,*

*Trabucos feros, minas encubertas,
 Sustenta Mazcarenhas cos barões,
 Que tam ledos as mortes tem por certas:
 Ate que nas mayores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, e a Deos se sacrificuem.*

[70] *Fernando hum delles, ramo da alta pranta,*

*Onde o violento fogo com ruido,
 Em pedaços os muros no ar leuanta,
 Será ali arrebatado, e ao ceo subido:
 Aluaro quando o inuerno o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindoo, vence as ondas, e os perigos,
 Os ventos, e depois os inimigos.*

[172v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[71] *Eis vem despois, o pay, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana:
Hũs paredes subindo escusam porta,
Outros a abrem, na fera esquadra insana,
Feitos farão tão dinos de memoria,
Que não caibão em vêrso, ou larga historia.*

[72] *Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrepido, ao possante
Rey de Cambaya, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão pradrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante
Que castigando vay Dâbul na costa
Nem lhe escapou Pondâ no sertão posta.*

[73] *Estes e outros Baroẽs por varias partes,
Dinos todos de fama e marauilha,
Fazendose na terra brauos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triumphantes estandartes
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,
E acharão estas Nimphas e estas mesas,
Que glorias e hõras sam de arduas empresas*

Assi

[74] *Assi cantaua a Nimpha e as outras todas
 Com sonoro aplauso vozes dauão,
 Com que festejão as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebrauão:
 Por mais que da Fortuna andem as rodas
 Nũa consona voz todas soauão,
 Não vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, e fama gloriosa.*

[75] *Despois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonia e doce suauidade,
 Virão os altos feitos, que descobre,
 Thetis de graça ornada, e grauidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As festas deste alegre e claro dia,
 Pera o felice Gama assi dizia.*

[76] *Faz te merce barão a Sapiencia
 Suprema, de cos olhos corporais
 Veres, o que não pode a vã ciencia
 Dos errados e miseros mortais:
 Sigueme firme, e forte, com prudencia
 Por este monte espesso, tu cos mais.
 Assi lhe diz, e o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.*

Não

[173v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[77] *Não andão muito que no erguido cume
Se acharão, onde hum campo se esmaltaua,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisaua:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro esta euidente,
Como a sua superficie, claramente.*

[78] *Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxergasse bem que está composto
De varios orbes, que a diuina verga
Compos, e hum centro a todos so tem posto:
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca sergue, ou se abaxa, e hũ mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, em fim por diuina arte.*

[79] *Vniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, comouido
De espanto e de desejo ali ficou,
Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas, e yrás, e o que desejas.*

Ves

[80] *Ves aqui a grande machina do mundo,
 Eterea, e elemental, que fabricada
 Assi foy do saber alto, e profundo,
 Que he sem principio, e meta limitada,
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, e sua superficie tão limada,
 He Deos, mas o q̃ he Deos ninguẽ o entende,
 Que a tanto o engenho humano não se estẽde.*

[81] *Este orbe que primeiro vay cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que estã com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, e a mente vil tambem,
 Empireo se nomea, onde logrando
 Puras almas estã de aquelle bem,
 Tamanho, que elle so se entende e alcança,
 De quem não ha no mundo semelhança.*

[82] *Aqui so verdadeiros gloriosos
 Diuos estã, porque eu, Saturno e Iano,
 Iupiter, Iuno, fomos fabulosos
 Fingidos de mortal e cego engano:
 So pera fazer versos deleitosos
 Seruimos, e se mais o trato humano
 Nos pode dar, he so que o nome nosso
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.*

E tambem

[174v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[83] *E tambem porque a santa prouidencia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Gouerna o mundo todo, que sustenta:
Insinalo a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que sam bõs, guiando fauorecem,
Os maos, em quanto podem, nos ompecem.*

[84] *Quer logo aqui a pintura que varía,
Agora deleitando, ora insinando,
Darlhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deoses ja dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando,
Nem nega que esse nome preminente,
Tambem aos maos se dà, mas falsamente.*

[85] *Em fim que o sumo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda,
Debaxo deste circulo onde as mundas
Almas diuinas gozão, que não anda,
Outro corre tam leue e tam ligeiro,
Que não se enxerga, he o Mobile primeiro.*

Com

[86] *Com este rapto, e grande mouimento,
Vão todos os que dentro tem no seyo,
Por obra deste, o Sol andando atento
O dia e noite faz, com curso alheyo:
Debaxo deste leue anda outro lento,
Tam lento, e sojugado a duro freyo,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Dozentos cursos faz, dá elle hum passo.*

[87] *Olha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintilantes:
Bem ves como se veste, e faz ornado
Co largo cinto douro, que estellantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Phebo limitados.*

[88] *Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo.
Olha a carreta, atenta a Cinosura,
Andromeda, e seu pay, e o drago horrêdo:
Vê de Cassiopea a fermosura,
E do Oriente o gesto turbulento,
Olha o Cisne morrendo que sospira,
A Lebre, e os Cães, a Nao, e a doce Lira.*

Debaxo

[175v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

- [89] *Debaxo deste grande firmamento,
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,
Iupíter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaxo vay Diana.*
- [90] *Em todos estes orbes, differente
Curso veras, nũs graue, e nouros leue:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, e o ar, o vento, e neue,
Os quaes veras que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por seu centro.*
- [91] *Neste centro pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentão
De soffrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instabil esprimentão,
Verã as varias partes, que os insanos
Mares diuidem, onde se apousentão
Varias nações, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.*

Ves

- [92] *Ves Europa Christã mais alta e clara
Que as outras em policia, e fortaleza:
Ves Africa dos bens do mundo auara,
Inculta, e toda chea de bruteza,
Co Cabo que ate qui se vos negãra,
Que assentou pera o Austro a natureza:
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem ley, quasi infinita.*
- [93] *Vé do Benomotapa o grande imperio,
De seluatica gente, negra e nua:
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerã, polla fe sancta sua:
Nace por aste incognito Hemisperio
O metãl, por que mais a gente sua,
Vé que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo estã Cuama.*
- [94] *Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos
Na justiça real, e defensam,
E na fidelidade dos vizinhos:
Olha delles a bruta multidão
Qual bando espesso e negro de Estorminhos,
Combaterã em Sofala a fortaleza,
Que defenderã Nhaya com destreza.*

Olha

[176v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[95] *Olha la as alagoas, donde o Nilo
Nace, que não souberão os antigos,
velo rega, gerando o Crocodilo,
Os pouos Abassis de Christo amigos,
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos,
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama
Que ora dos naturais Nobá se chama.*

[96] *Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas coutra os Turcos será claro,
Ha de ser dom Christouão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Ve ca a Costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso e caro
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obí, entra em Quilmance.*

[97] *O Cabo ve ja Aromâta chamado,
E agora Goardafû dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do fundo toma as cores
Este como limite esta lançado
Que diuide Asia de Africa, e as milhores
Pouoaçoës, que a parte Africa tem
Maçuá sam, Arquico, e Suamquem.*

Ves

[98] *Ves o extremo Suez, que antigamente
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,
 Outros dizem que Arsinoe, e ao presente
 Tem das frotas do Egipto a potestade:
 Olha as agoas, nas quaes abrio patente
 Estrada o gram Mouses na antiga ydade
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terrás grande, em reinos opulenta.*

[99] *Olha o monte Sinay, que se ennobrece
 Co sepulchro de sancta Caterina,
 Olha Toro, e Gidá, que lhe falece
 Agoa das fontes doce, e cristalina:
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra Darzira, pedra viua,
 Onde chuua dos Ceos se não deriua.*

[100] *Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomão, todas da gente vaga, e baça,
 Donde vem os caualos pera a guerra
 Ligeiros, e feroces, de alta raça:
 Olha a costa que corre ate que cerra
 Outro estreito de Persia, e faz a traça
 O Cabo, que co nome se apellida,
 Da cidade Fartaque ali sabida,*

Z Olha

[177v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[101] *Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca destroutra banda
De Roçalgate, e prayas sempre auaras,
Começa o reyno Ormuz, que todo se anda
Pellas ribeiras, que inda serão claras
Quando as gales do Turco, e fera armada
Virem de Castel branco nua a espada.*

[102] *Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
Aa cor da Aurora: e ve na agoa salgada
Ter o Tigris e Eufrates hũa entrada.*

[103] *Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, e nos caualos,
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos:
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os interualos,
Que da cidade Armuza, que ali esteue
Ella o nome despois, e a gloria teue.*

Aqui

- [104] *Aqui de dom Felipe de Meneses*
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão prouar os golpes e reuses
De dom Pedro de Sousa, que prouâra
Ia seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força so de espada.
- [105] *Mas deixemos o estreito, e o conhecido*
Cabo de Iasque dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dões vsados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas ves o fermoso Indo, que daquella
Altura nace junto aa qual tambem
Doutra altura correndo o Gange vem.
- [106] *Olha a terra de Vlcinde fertilissima,*
E de Iaquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vazante que foge apressurada:
A terra de cambaya ve riquissima,
Onde do mar o seo faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
A vosoutros aqui se estão guardando.

[178v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[107] *Ves corre a costa cèlebre Indiana
Pera o Sul, ate o Cabo Comori
Ia chamado Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana
Qua com armas virâ despois de ti,
Terâ vitorias terras, e cidades
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,*

[108] *As prouincias, que entre hum e o outro rio
Ves com varias nações, sam infinitas:
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escriptas:
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e benditas,
Do corpo de Thome, barão sagrado,
Qut a Iesu Christo teue a mão no lado.*

[109] *Aqui a cidade foy, que se chamaua
Meliapor, fermosa, grande, e rica:
Os Idolos antigos adoraua:
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estaua:
Quando a fe, que no mundo se pubrica,
Thom e vinha prègando, e ja passàra
Prouincias mil do mundo, que insinàra.
Chegado*

[110] *Chegado aqui prègando, e junto dando
 A doentes saude, a mortos vida
 A caso traz hum dia o mar vagando,
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o Rey, que andaua edificando,
 Fazer delle madeira, e não duuida
 Poder tiralo a terra compossantes
 Forças dhomês, de engenhos de Aliphantes.*

[111] *Era tão gránde o peso do madeiro
 Que so pera abalarse, nada abasta,
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
 Menos trabalho em tal negocio gasta:
 Ata o cordão que traz por derradeiro
 No tronco, e facilmente o leua e arrasta
 Pera onde faça hum sumptuoso templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.*

[112] *Sabia bem que se com fe formada
 Mandar a hum monte surdo, que se moua,
 Que obedecerà logo aa voz sagrada,
 Que assi lho insinou Christo, e elle o proua:
 A gente ficon disto aluoroçada,
 Os Bramenes o tem por cousa noua,
 Vendo os milagres, vendo a santidade,
 Hão medo de perder autoridade.*

[179v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[113] *Sam estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscão desuios
Com que Thome não se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera.*

[114] *Hum filho proprio mata, e logo acusa
De homicidio Thome, que era innocente
Dâ falsas testemunhas, como se vsa
Condenarã no a morte breuemente:
O Santo que não vê melhor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.*

[115] *O corpo morto manda ser trazido
Que resucite, e seja perguntado,
Quem foy seu matador, e será crido
Por testemunho o seu mais aprouado:
Viram todos o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Dâ graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homicida.*

Este

- [116] *Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rey se banha logo na ago santa,
 E muitos apos elle, hum beija o manto
 Outro louuor do Deos de Thome canta:
 Os Bramenes se encherão de odio tanto,
 Com seu veneno os morde enueja tanta,
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,
 Determinão matalo em fim de tudo.*
- [117] *Hum dia que prègando ao pouo estaua,
 Fingirão entre a gente hum arroido,
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:
 A multidão das pedras, que voaua,
 No Santo dá ja a tudo offerecido,
 Hum dos maos por fartarse mais de pressa,
 Com crua lança o peito lhe atrauessa.*
- [118] *Chorarão te Thome, o Gange e o Indo,
 Choroute toda a terra que pisaste,
 Mais te chorão as almas, que vestindo
 Se yão da sancta Fe, que lhe insinaste:
 Mas os Anjos do ceo cantando, e rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste,
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.*

[180v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[119] *E vosoutros que os nomes vsurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se sois mandados, como estais
Sem yrdes a prègar a sancta fe?
Olhay que se sois Sal, e vos danais
na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infeis deixo) tantas Heresias?*

[120] *Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos aa costa debuxada,
Ia com esta cidade tão famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica, e poderosa,
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.*

[121] *Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agoa sancta os laua, e da pureza:
Ve Chatigão cidade das milhores
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Pera o Austro daqui virada a costa.*

Olha

[122] *Olha o reyno Arracão, olha o assento
De Pegu, que ja mōstros pouoarão,
Mōstros filhos do feo ajuntamento
Dhũa molher e hum cão, que sos se acharão:
Aqui soante Arame no instrumento
Da geração costumão, o que vsarão
Por manha da Raynha, que inuentando
Tal vso, deitou fora o error nefando.*

[123] *Olha Tauay cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido,
Tenassarí, Quedá, que he so cabeça
Das que Pimenta ali tem produzido:
Mais auante fareis que se conheça
Malaca, por Emperio ennobrecido,
Onde toda a prouincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.*

[124] *Dizem que desta terra coas possantes
Ondas o mar entrando diuidio,
A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
Iuntas ambas a gente antiga vio:
Chersoneso foy dita, e das prestantes
Veas douro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntarão,
Alguns que fosse Ophir ymaginarão.*

[181v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[125] *Mas na ponta da terra Cingapura
Vêras, onde o caminho aas naos se estreita,
Daqui tornando a Costa aa Cynosura
Se encurua, e pera a Aurora se endereita:
Ves Pam, Patane, reinos, e a longura
De Syão que estes e outros mais sugêita
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamay se chama.*

[126] *Ves neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra e numero potentes,
Auás, Bramàs, por serras tão compridas:
Vê nos remotos montes outras gentes
Que Gueos se chamão de seluages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, vsança crua:*

[127] *Ves passa por Camboja Mecom Rio,
Que capitão das agoas se interpreta,
Tantas recebe doutro so no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta,
Tem as enchentes quaes o Nílo frio,
A gente delle crê como indiscreta,
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.*

Este

[128] *Este receberá placido e brando,
 No seu regaço os Cantos, que molhados
 Vem do naufragio triste, e miserando,
 Dos procelosos baxos escapados:
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Será o injusto mando executado
 Naquelle, cuja Lira sonora,
 Será mais affamada que ditosa.*

[129] *Ves corre a costa que Champà se chama,
 Cujá mata he do pao cheiroso ornada,
 Ves Cauchichina está de escura fama,
 E de Ainão ve a incognita enseada,
 Aqui o soberbo imperio, que se afama
 Com terras, e riqueza não cuidada,
 Da China corre, e ocupa o senhorio
 Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.*

[130] *Olha o muro, e edificio nunca crido,
 Que entre hum imperio e o outro se edifica,
 Certissimo sinal, e conhecido,
 Da potencia real, soberba, e rica:
 Estes o Rey que tem não foy nacido
 Princepe, nem dos pais aos filhos fica
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por caualeiro sabio e virtuoso.*

Inda

[182v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[131] *Inda outra muita terra se te esconde,
Ate que venha o tempo de mostrar se,
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamarse:
Esta mea escondida que responde
De longe aa China donde vem buscarse,
He Iapão, onde nace a prata fina,
Que illustrada serà coa Ley diuina.*

[132] *Olha ca pellos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore, e Tarnate, co feruente
Cume, que lança as flamas ondeadas:
As aruores verâs do Crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas,
Aqui ha as aureas aues, que não decem
Nunca a terra, e so mortas aparecem.*

[133] *Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltão
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltão,
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornèò, onde não faltão
Lagrimas, no licor qualhado, e enxuto,
Das aruores, que Cãnfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.*

Ali

[134] *Ali tambem Timor, que o lenho manda
 Sândalo salutifero, e cheiroso,
 Olha a Sunda tão larga, que hũa banda
 Esconde pera o Sul difficultoso:
 A gente do Sertão, que as terras anda,
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle so sem outro vae,
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae:*

[135] *Ve naquella que o tempo tornou Ilha,
 Que tambem flamas tremulas vapôra,
 A fonte que oleo mana, e a marauilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,
 Cheiroso mais que quanto estila a filha
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
 E ve que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda e fino ouro dà tambem.*

[136] *Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
 Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana,
 Os naturaes o tem por cousa sancta,
 Polla pedra onde está a pègada humana:
 Nas ilhas de Maldiuua nace a pranta
 No profundo das agoas soberana,
 Cujoo pomo contra o veneno vrgente
 He tido por Antidoto excelente.*

Verás

[183v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[137] *Verás de frente estar do roxo estreito
Socotorá co amaro Aloe famosa,
Outras ilhas no mar também sogeito
A vos, na costa de Affrica arenosa,
Onde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta, e preciosa,
De sam Lourenço ve a Ilha afamada,
Que Madagascar he dalguüs chamada.*

[138] *Eis aqui as nouas partes do Oriente,
Que vosoutros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito nauegais:
Mas he também razão, que no Ponente
Dhum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rey mostrando se agrauado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.*

[139] *Vedes a grande terra que contina
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo,
Castella vossa amiga será dina
De lançarlhe o colar ao rudo colo,
Varias prouincias tem de varias gentes
Em ritos e costumes diferentes.*

Mas

[140] *Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co pao vermelho nota,
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
Descobri-la ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis
Yrâ buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portugues, porem não na lealdade.*

[141] *Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vay da linha,
Dhũa estatura quasi Gigantea
Homês verâ, da terra ali vizinha:
E mais auante o estreito, que se arrea
Co nome delle agora, o qual caminha
Pera outro mar, e terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.*

[142] *Ate qui, Portugueses, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pello mar, que ja deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos fação ser aceitos
Aas eternas esposas, e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.*

Podeis

[184v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[143] *Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada:
Assi lhe disse, e logo mouimento
Fazem da Ilha alegre, e namorada:
Leuão refresco, e nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nimphas que ham de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.*

[144] *Assi forão cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, e nunca yrado,
Ate que ouuerão vista do terreno
Em que nacerão, sempre desejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, e Rey temido e amado,
O premio e gloria dão, porque mandou
E com titolos novos se illustrou.*

[145] *No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida:
Ofauor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a patria não, que esta metida,
No gosto da cubiça, e na rudeza
Dhũa austèra, apagada, e vil tristeza.*

E não

[146] *E não sey porque influxo de destino
 Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
 Que os animos leuanta de contino,
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:
 Por isso vos ò Rey, que por diuino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhay que sois (e vede as outras gentes)
 Senhor so de vassallos excellentes.*

[147] *Olhay que ledos vão, por varias vias,
 Quaes rompentes liões, e brauos touros,
 Dando os corpos a fomes, e vigias,
 A ferro, a fogo, a setas, e pilouros:
 A quentes regiões, a plagas frias,
 A golpes de Idolatras, e de Mouros,
 A perigos incognitos domundo,
 A naufragios, a pexes, ao profnndo:*

[148] *Por vos servir a tudo aparelhados,
 De vos tam longe sempre obedientes,
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar reposta promptos e contentes,
 So com saber que sam de vos olhados,
 Demonios infernais, negros e ardentes,
 Cometerão conuosco, e não duuido
 Que vencedor vos fação, não vencido.*

Fauoreceyos

[185v]

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

[149] *Fauoreceyos logo, e alegrayos
Com a presença, e leda humanidade,
De rigurosas leis desaliuayos,
Que assi se abre o caminho aa sanctidade:
Os mais esprimentados leuantayos,
Se com a esperiencia tem bondade,
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.*

[150] *Todos fauorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pellos vicios
Comuns, toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vã não pretende nem dinheiro.*

[151] *Os Caualeiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido e feruente,
Estendem não somente a ley de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, hũs os viuos,
(E o que he mais) os trabalhos excessiuos.*

Fazey

[152] *Fazey senhor que nunca os admirados
 Alemães, Galos, Italos, e Ingleses
 Possam dizer que sam pera mandados,
 Mais que pera mandar os Portugueses:
 Tomay conselho so desprimentados,
 Que virão largos anos, largos meses,
 Que posto que em cientes muito cabe,
 Mais em particular o experto sabe.*

[153] *De Phormião Philosopho elegante
 Vereis como Anibal escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz trataua e lia:
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende senhor na fantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Se não vendo, tratando, e pelejando.*

[154] *Mas eu que falo humilde, baxo, e rudo
 De vos não conhecido, nem sonhado?
 Da boca dos pequenos sey com tudo,
 Que o louuor sae as vezes acabado,
 Nem me falta na vida honesto estudo
 Com longa esperiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis prefente,
 Cousas que juntas se achão raramente.*

Pera

[186v]

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

[155] *Pera seruiruos braço aas armas feito,
Pera cantaruos mente aas Musas dada,
So me falece ser a vos aceito,
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação diuina.*

[156] *Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha ja estimada e leda musa,
Fico, que em todo o mundo de vos cante,
De sorte que Alexandro em vos se veja,
Sem aa dita de Achilles ter enueja.*

FIM.

Aparato positivo

2. 39. 6, D1v/f. 25v *que to* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *quanto* ACL

3. 1. 7, E6r/f. 38r *Leucothôe* - Último tipo mal metido e/ou mal tintado, legível em ACL AP BNE-R.14207 BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P UHarvard-P.5215.72.7

3. 55. 7, F7r/f. 47r *Escalabisco* BNN BNP-Cam4P - Resultado de uma colagem cartácea com a palavra *Escalabisco* impressa que recobre *Scabelicastro*.

3. 71. 7, G1v/f. 49v *Bootes* ACL AP BDMII-377 BNP-Cam2P BNP-Cam3P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra | *Beotes* BNE-R.14207 BNN BNP-Cam4P BNP-Cam11P UHarvard-P.5215.72.7.

3. 73. 2, G2r/f. 50r *Scitico* ACL AP BDMII-377 BNP-Cam2P BNP-Cam3P BritL-C.30e34 BSMS UHarvard-P.5215.72.7 | *Scitico* BNE-R.14207 BNN BNP-Cam4P BNP-Cam11P UCoimbra - Segunda emenda introduzida na fôrma interna da folha exterior. Verifica-se correspondência serial em todos os exemplares, à excepção de UCoimbra e UHarvard-P.5215.72.7 (*infra*).

4. 39. 5, I4v/f. 68v *sangue* BNN - Resultado de uma colagem cartácea com a palavra *sangue* impressa que recobre *fogo*.

4. 48. 6, I6r/f. 70r *Africano* BNN BNP-Cam4P | *Afrinano* ACL

AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

4. 71. 2, K1v/f. 73v *Parelle* BNN BNP-Cam2P BNP-Cam4P BritL-C.30e34 BSMS | *Por elle* ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam3P BNP-Cam11P UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 - Considerando que K1v e K8r foram ambas batidas pela fôrma interna da folha exterior (*infra*), e tendo sido introduzida, em K8r, a emenda *Guido* > *Gnido*, a lógica da produção serial atesta o sentido da correcção introduzida em K1v: *Parelle* > *Por elle*. A variante *Parelle* é mais moderna, ao passo que a variante *Por elle* é mais conservadora. Na *princeps*, a forma *para* é utilizada antes de pronome pessoal, por vezes com contracção, e de artigo indefinido: *parelles* 1. 12. 4, f. 3r; *para si* 1. 12. 8, f. 3r; *Para hũa* 4. 79. 2, f. 75r; *para elle* 9. 17. 8, f. 147v (Dias 1916 *Lusíadas*: 2. 336).

5. 5. 8, K8r/f. 80r *Gnido* BNN BNP-Cam2P BNP-Cam4P BritL-C.30e34 BSMS | *Guido* ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam3P BNP-Cam11P UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 - Tipo trocado, muito provavelmente por empastelamento.

5. 12. 5, L1v/f. 81v *O grande* ACL BDMII-377 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Co grande* AP BNE-R.14207

5. 17. 7, L2r/f. 82r *Vem do mundo* ACL BDMII-377 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Vendo mundo* AP BNE-R.14207

5. 30. 1, L4v/f. 84v *parceiros* - Variantes de espaçamento entre os tipos, resultantes da montagem deficiente da fôrma.

5. 53. 1, L8r/f. 88r *impossibil* ACL BDMII-377 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *impossiuel* AP BNE-R.14207 - Terceira emenda introduzida na fôrma interna da folha exterior (*infra*).

5. 77. 3, M4r/f. 92r *γgoalão* ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam2P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra | *γgoal* BNN BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P UHarvard-P.5215.72.7 - Tipos sob pressão do esqueleto da fôrma, mal metidos ou mal tintados.

5. 77. 6, M4r/f. 92r *estende*, ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam2P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra | *este* BNN BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P UHarvard-P.5215.72.7 - Tipos sob pressão do esqueleto da fôrma, mal metidos ou mal tintados.

5. 95. 3, M7r/f. 95r *aquelles* - Variantes de espaçamento entre os tipos, resultantes da montagem deficiente da fôrma.

6. 40. 7, N7r/f. 103r *poderemos* ACL AP BSMS | *paderemos* BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

7. 26. 2, P5v/f.117v *que* ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam2P BritL-C.30e34 BritL-G.11286 BSMS UCoimbra

UHarvard-P.5215.72.7 | *que* BNN BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P - Tipo trocado, muito provavelmente por empastelamento.

7. 82. 3, Q6v/f. 126v *prezar* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P UHarvard-P.5215.72.7 | *prezas* ACL BNP-Cam3P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra - Substituição do tipo *s* pelo tipo *r* gera afogamento por falta de espaço.

8. 2. 8, Q8r/f.128r *Lusitania* BDMII-377 BNN BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Lusitana* ACL AP BNE-R.14207 BNP-Cam2P BSMS

8. 33. 4, R5v/f. 133v *leuauão* ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BritL-C.30e34 UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *leuão* BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BSMS

9. 17. 7, T3v/f. 147v *tam* ACL BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra | *tom* AP BDMII-377 BNE-R.14207 UHarvard-P.5215.72.7

Foliação, V2r/f. 154r - 149 [145/9], com sobreimpressão do algarismo 9 ao algarismo 5 AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BritL-G.11286 BSMS UCoimbra | 145 ACL BNN BNP-Cam4P [riscado, leitura à transparência] | UHarvard-P.5215.72.7 ilegível, com emenda ms.

9. 74. 1, V5r/f. 157r *cão* ACL BNP-Cam2P BritL-C.30e34 | *tão* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BNP-Cam4P

BNP-Cam11P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

10. 3. 1, X1r/f. 161r *cadeiras* ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BritL-C.30e34 BSMS UHarvard-P.5215.72.7 | *cadeiras* BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P UCoimbra

10. 40. 2, X7r/f. 167r *amāsando* ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UHarvard-P.5215.72.7 | *amāsando* BNP-Cam2P BNP-Cam3P UCoimbra - Tipo sob pressão do esqueleto da fôrma, mal metido ou mal tintado.

10. 59. 8, Y2v/f. 170v *Cutiāle* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Cutiāle* ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34

10. 72. 4, Y4v/f. 172v *quadrupedante* BNN BNP-Cam4P - Resultado de uma colagem cartácea com os caracteres *qua* impressos, que recobre a primeira sílaba da palavra *quadrupedante*.

10. 73. 5, Y4v/f. 172v *Varrendo* ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Barrendo* AP

10. 73. 8, Y4v/f. 172v *hōras* ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *honras* AP

10. 73. 8, Y4v/f. 172v *de arduas* ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *darduas* AP - Substituição da contracção *darduas* por *de arduas* requer a grafia ã, por falta de espaço.

10. 76. 3, Y5r/f. 173r *vã* ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *vaã* AP

10. 83. 7, Y6v/f. 174v *guiando* ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *quando* AP - Quinta emenda introduzida na fôrma externa da folha interior (*infra*).

10. 86. 6, Y7r/f. 175r *sojugado* APBDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *sojuzgado* ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 - Remoção do tipo *z* leva à diminuição do comprimento do verso.

10. 87. 1, Y7r/f. 175r *estoutro* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *o outro* ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34

10. 88. 6, Y7r/f. 175r *Oriente* APBDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Oriente* ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 - Terceira variante de estado tipográfico numa página em que se verifica uma anomalia de rima, *horrêdo:turbulento* (10. 88. 4:6).

10. 95. 3, Y8v/f. 176v *Crocodrilo* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Cocodrilo* ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 - Considerando que Y2v Y7r Y8v foram batidas pela fôrma externa da folha exterior (*infra*), e tendo sido introduzidas as emendas Y2v *Cutiåle* > *Cutiåle* Y7r *sojuzgado* > *sojugado* | *o outro* > *estoutro* | *Oriente* > *Oriente* Y8v *Goarda fu* > *Goardafû* | *Arquiro* > *Arquico* | *Cuam quem* > *Suamquem*, a lógica da produção serial atesta o sentido da correcção introduzida em Y8v: *Cocodrilo* > *Crocodrilo*.

10. 97. 2, Y8v/f. 176v *Goardafû* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Goarda fu* ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34

10. 97. 8, Y8v/f. 176v *Arquico* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Arquiro* ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34

10. 97. 8, Y8v/f. 176v *Suamquem* AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *Cuam quem* ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 - Oitava emenda introduzida na fôrma externa da folha exterior (*infra*).

10. 148. 3, Z9r/f. 185r *quaesquer* ACL AP BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 | *quaesqner* BDMII-377 - Tipo trocado, muito provavelmente por empastelamento.

Nota

As variantes de estado tipográfico presentes nos 17 exemplares ou partes de exemplares objecto de cotejo devem-se, como habitualmente acontece, quer a erros mecânicos ocorridos ao longo do processo de impressão, quer à introdução de emendas pelo tipógrafo. As variantes envolvem 24 páginas (ao que se acrescenta a foliação de V2r/f. 154r, que poderia ter implicado ou não uma paragem da prensa; *supra* III. II).

A análise orgânica das correcções, em função da folha de caderno e da face da fôrma onde se registam, permite obter informação mais detalhada acerca do processo de produção.

Nesse sentido, divido as emendas em dois grupos, tomando como parâmetro o posicionamento da folha de fascículo na face da fôrma implicada. Assim:

1. Emendas introduzidas numa única página de uma mesma face da fôrma. Encontram-se em:

D1v/f. 25v	Fôrma interna da folha exterior
I6r/f. 70r	Fôrma interna da folha interior
N7r/f. 103r	Fôrma externa da folha exterior
P5v/f.117v	Fôrma interna da folha interior
Q6v/f. 126v	Fôrma externa da folha interior
Q8r/f. 128r	Fôrma interna da folha exterior
R5v/f. 133v	Fôrma interna da folha interior
T3v/f. 147v	Fôrma interna da folha interior
V5r/f. 157r	Fôrma externa da folha interior
X1r/f. 161r	Fôrma externa da folha exterior

Z9r/f. 185r Fôrma externa da folha exterior (fascículo com cinco folhas conjuntas)

2. Emendas introduzidas em mais do que uma página da mesma face da fôrma. Encontram-se em:

G1v/f. 49v Fôrma interna da folha exterior

G2r/f. 50r Fôrma interna da folha exterior

K1v/f. 73v Fôrma interna da folha exterior

K8r/f. 80r Fôrma interna da folha exterior

L1v/f. 81v Fôrma interna da folha exterior

L2r/f. 82r Fôrma interna da folha exterior

L8r/f. 88r Fôrma interna da folha exterior

Y2v/f. 170v Fôrma externa da folha exterior

Y7r/f. 175r Fôrma externa da folha exterior

Y8v/f. 176v Fôrma externa da folha exterior

Y4v/f. 172v Fôrma externa da folha interior

Y5r/f. 173r Fôrma externa da folha interior

Y6v/f. 174v Fôrma externa da folha interior

A introdução de emendas em páginas dispostas na mesma face de uma mesma fôrma articula-se com a geometria da imposição e corrobora um princípio de economia organizativa do trabalho tipográfico. Com uma única paragem da prensa, puderam ser simultaneamente introduzidas várias correcções. Assim aconteceu com fôrmas dos cadernos G K L Y (duas fôrmas).

As variantes de estado tipográfico relativas às correcções de uma mesma face da fôrma organizam-se com perfeita coerência textual e técnica, na decorrência da geometria da imposição. Verificam-se dois conjuntos seriais de variantes, que correspondem a duas fases da produção tipográfica. Para uma mesma face da fôrma, os exemplares que contêm o mesmo estado de todas as variantes equivalem-se. Um conjunto fixo de espécimenes apresenta as mesmas variantes por fôrma. Assim:

Caderno K | Fôrma interna da folha exterior

Parelle BNN BNP-Cam2P BNP-Cam4P BritL-C.30e34 BSMS
Por elle ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam3P BNP-Cam11P UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Gnido BNN BNP-Cam2P BNP-Cam4P BritL-C.30e34 BSMS
Guido ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam3P BNP-Cam11P UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Caderno L | Fôrma interna da folha exterior

O grande ACL BDMII-377 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Co grande AP BNE-R.14207

Vem do mundo ACL BDMII-377 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS

UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Vendo mundo AP BNE-R.14207

impossibil ACL BDMII-377 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P
BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra
UHarvard-P.5215.72.7

impossiuel AP BNE-R.14207

Caderno Y | Fôrma externa da folha exterior

Cutiãle AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P
BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Cuítale ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-
C.30e34

sojugado AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P
BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

sojuzgado ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-
C.30e34

estoutro AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P
BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

o outro ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-
C.30e34

Oriente AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P
BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Oriente ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-
C.30e34

Crocodilo AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P
BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Cocodrilo ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P
BritL-C.30e34

Goardafú AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P
BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Goarda fu ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P
BritL-C.30e34

Arquico AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P
BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Arquiro ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P
BritL-C.30e34

Suamquem AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P
BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Cuam quem ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P
BritL-C.30e34

Caderno Y | Fôrma externa da folha interior

Varrendo ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P
BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS
UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Barrendo AP

hõras ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P
BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS

UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

honras AP

de arduas ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P
BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS
UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

darduas AP

vã ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P
BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS
UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

vaã AP

guiando ACL BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P
BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMS
UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

quando AP

Referência à parte merece a fôrma interna da folha exterior do
caderno G.

Bootes ACL AP BDMII-377 BNP-Cam2P BNP-Cam3P
BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra

Beotes BNE-R.14207 BNN BNP-Cam4P BNP-Cam11P
UHarvard-P.5215.72.7

Scitico ACL AP BDMII-377 BNP-Cam2P BNP-Cam3P
BritL-C.30e34 BSMS UHarvard-P.5215.72.7

Scitco BNE-R.14207 BNN BNP-Cam4P BNP-Cam11P
UCoimbra

No seio de um conjunto substancial de exemplares que documenta a lógica serial das emendas, dois apresentam uma configuração *a latere*, UCoimbra e UHarvard-P.5215.72.7 (*supra* III. 23, UCoimbra, UHarvard-P.5215.72.7). A explicação reside na muito provável ausência de uma ligação material entre as páginas G1v e G2r desses espécimes, relativamente à fase de produção. De acordo com a geometria da imposição, essas páginas integram-se na mesma face da mesma fôrma, sendo por isso batidas sobre a mesma folha de impressão. Contudo, terá sido efectuada uma interpolação. Indicia-o a observação do papel dessas folhas de caderno, na medida em que as suas características materiais acusam diferenças incompatíveis com a uniformidade própria de uma folha de impressão. A fim de completar os exemplares, ter-se-á recorrido a folhas que, embora igualmente pertencentes à *princeps*, se integram num estado de produção tipográfica distinto.

Passando ao modo como se procedeu à introdução de emendas, feito o cômputo geral, realizaram-se 16 paragens da prensa, para fôrmas dos cadernos D G I K L N P Q (duas vezes) R T V X Y (duas vezes) Z. Há a salvar a hipótese de que tivessem sido introduzidas outras emendas em exemplares irremediavelmente perdidos, ou de que novas emendas venham a ser identificadas através do cotejo de outros espécimes.

A obra possui, no seu todo, 188 folhas, o que requereu a montagem de 88 fôrmas singulares para os cadernos de A a Y, quatro fôrmas singulares para o caderno Z, restando a impressão de mais uma folha conjunta, e havendo ainda a adicionar a impressão do duerno inicial. Essas duas folhas conjuntas, ou seja, a folha do caderno Z e a do duerno inicial, poderiam ter sido impressas num mesmo par de fôrmas, mas não há indícios de que assim se tivesse procedido. De qualquer modo, daqui resulta ter sido operada uma paragem da

prensa para introdução de emendas em cerca de 17% das fôrmas montadas.

Uma paragem da prensa era uma operação laboriosa e que requeria tempo, pelo que irremediavelmente gerava atrasos no trabalho de impressão. Ora, tendo sido a laboração suspensa, poderiam ter sido inseridas outras emendas na mesma fôrma, a fim de melhorar o texto do poema. Não há sinais, porém, de que a oportunidade tivesse sido sistematicamente aproveitada para esse fim.

Considerando a fase do processo de impressão em que um lapso foi identificado e corrigido, perante os dados cotejados, há três situações a considerar para uma mesma emenda.

1. O número de folhas em que o lapso não foi corrigido é muito inferior ao número de folhas em que o foi. A sua identificação ocorreu, pois, imediatamente, motivo pelo qual os lapsos se encontram num número contido de exemplares cotejados. Assinalem-se:

— *quanto* 2. 39. 6, D1v/f. 25v - ACL

— *Co grande* 5. 12. 5, L1v/f. 81v; *Vem do mundo* 5. 17. 7, L2r/f. 82r; *impossibil* 5. 53. 1, L8r/f. 88r - AP BNE-R.14207

— *Barrendo* 10. 73. 5, Y4v/f. 172v; *honras* 10. 73. 8, Y4v/f. 172v; *darduas* 10. 73. 8, Y4v/f. 172v; *vaã* 10. 76. 3, Y5r/f. 173r; *quando* 10. 83. 7, Y6v/f. 174v - AP

2. A proporção entre o número de folhas em que o lapso não foi corrigido e o número de folhas em que o foi é semelhante. Por exemplo:

— *leuão* BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BSMS | *leuauão* ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BritL-C.30e34 UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7 - 8. 33. 4, R5v/f. 133v

— *cadeiras* BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P
BNP-Cam11P UCoimbra | *cadeiras* ACL AP BDMII-377
BNE-R.14207 BritL-C.30e34 BSMS UHarvard-P.5215.72.7 - 10.
3. 1, X1r/f. 161r

3. O número de folhas em que o lapso foi corrigido é muito inferior ao número de folhas em que o não foi. Quando o erro foi emendado, já a impressão se encontraria numa fase avançada. O número de exemplares em que a correcção foi introduzida na folha, em proporção, afigura-se reduzido:

— *Africano* 4. 48. 6, I6r/f. 70r - BNN BNP-Cam4P

— *poderemos* 6. 40. 7, N7r/f. 103r - ACL AP BSMS

— *cão* 9. 74. 1, V5r/f. 157r - ACL BNP-Cam2P BritL-C.30e34

O não aproveitamento das paragens da prensa para o aperfeiçoamento do texto e a reconição tardia de lapsos, com as flutuações de procedimento que lhe andam associadas, atestam a falta de método no trabalho de impressão.

Além disso, considere-se que, segundo Gaskell, cerca de 3% da quantidade do papel reservado para uma obra era de desperdício, sendo despendido em provas da prensa, folhas com erros inutilizadas, etc. (Gaskell 1995: 124). O aproveitamento, na *princeps* de *Os Lusíadas*, de tantas folhas com emendas por corrigir indicia que essa margem de manobra seria bastante contida, o que levou à utilização de folhas nas quais foram identificados erros.

Por conseguinte, a desorganização da revisão e a escassez dos recursos materiais investidos convive com o rigor com que um outro plano da produção foi programado, a imposição.

Finalmente, e para terminar, hierarquizam-se, em termos relativos, as folhas de impressão que primeiro saíram da prensa, em função dos exemplares a que actualmente pertencem. O cotejo das

variantes de estado tipográfico, com identificação da fôrma que bateu as páginas implicadas, permite estabelecê-lo com rigor.

Das folhas com variantes da *princeps* de *Os Lusíadas*, o poema do vate que é celebrado no dia de Portugal e das Comunidades, António Gonçalves começou por imprimir as seguintes:

Caderno D - Fôrma interna da folha exterior

D1v D2r D7v D8r

ACL

Caderno G - Fôrma interna da folha exterior

G1v G2r G7v G8r

BNE-R.14207 BNN BNP-Cam4P BNP-Cam11P

Caderno I - Fôrma interna da folha interior

I3v I4r I5v I6r

ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam2P BNP-Cam3P
BNP-Cam11P BritL-C.30e34 BSMSUCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Caderno K- Fôrma interna da folha exterior

K1v K2r K7v K8r

ACL AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNP-Cam3P BNP-Cam
11P UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Caderno L - Fôrma interna da folha exterior

L1v L2r L7v L8r

AP BNE-R.14207

Caderno N Fôrma externa da folha exterior

N1r N2v N7r N8v

BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P
BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34 UCoimbra
UHarvard-P.5215.72.7

Caderno P Fôrma interna da folha interior
P3v P4r P5v P6r
BNN BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P

Caderno Q Fôrma externa da folha interior
Q3r Q4v Q5r Q6v
ACL BNP-Cam3P BritL-C.30e34 BSMS UCoimbra

Caderno Q Fôrma interna da folha exterior
Q1v Q2r Q7v Q8r
ACL AP BNE-R.14207 BNP-Cam2P BSMS

Caderno R Fôrma interna da folha interior
R3v R4r R5v R6r
BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam
11P BSMS

Caderno T Fôrma interna da folha interior
T3v T4r T5v T6r
AP BDMII-377 BNE-R.14207 UHarvard-P.5215.72.7

Caderno V Fôrma externa da folha interior
V3r V4v V5r V6v
AP BDMII-377 BNE-R.14207 BNN BNP-Cam3P BNP-Cam
4P BNP-Cam11P BSMS UCoimbra UHarvard-P.5215.72.7

Caderno X Fôrma externa da folha exterior

X1r X2v X7r X8v

BNN BNP-Cam2P BNP-Cam3P BNP-Cam4P BNP-Cam11P

UCoimbra

Caderno Y Fôrma externa da folha exterior

Y1r Y2v Y7r Y8v

ACL BNP-Cam2P BNP-Cam4P BNP-Cam11P BritL-C.30e34

Caderno Y Fôrma externa da folha interior

Y3r Y4v Y5r Y6v

AP

Caderno Z Fôrma externa da folha exterior

Z1r Z2v Z9r Z10v

BDMII-377

V

BIBLIOGRAFIA

1. Siglas e modalidades de acesso aos exemplares de: OS / LVSIADAS / de Luis de Ca-/moës. / COM PRIVILEGIO / REAL. / *Impressos em Lisboa, com licença da / sancta Inquisição, e do Ordina-/rio : em casa de Antonio / Gõçaluez Impressor. / 1572.*

ACL = Academia das Ciências de Lisboa, Cofre 1-27
De visu; cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens).

AP = Biblioteca do Ateneu Comercial do Porto
De visu; fac-símile AP 2009 *Lusíadas*.

BBBosch = Brasilien Bibliothek der Robert Bosch, Stuttgart
Cópia digital Jackson 2003 (falta).

BDMII-377 = Biblioteca D. Manuel II do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança, 377-C.
De visu; cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens, irregularidades, falta).

BDMII-378 = Biblioteca D. Manuel II do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança, 378-C.
De visu; fac-símile Comissão da Academia das Ciências de Lisboa 1982 *Lusíadas*; cópia digital, Jackson 2003 (irregularidades, faltas).

BNE-R.14207 = Biblioteca Nacional de España, R 14207
De visu; cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens).

BNE-R.14208 = Biblioteca Nacional de España, R 14208
De visu; cópia digital Jackson 2003; em linha (repetição de imagens, irregularidades, faltas); Biblioteca Digital Hispánica, com a cota R.14207.

BNF-R.P.Yg.38 = Bibliothèque Nationale de France, Réserve
P. Yg 38

Em linha: Gallica.

BNF-R.Yg.74 = Bibliothèque Nationale de France, Réserve Yg 74
Cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens, faltas).

BNN = Biblioteca Nazionale di Napoli Vittorio Emanuele III,
S. Q. XXIV G 31

De visu; cópia digital Jackson 2003 (faltas).

BNP-Cam1P = Biblioteca Nacional de Portugal, Cam. 1 P.

De visu; cópia digital Jackson 2003 (incompleta); em linha:
Biblioteca Nacional Digital.

BNP-Cam2P = Biblioteca Nacional de Portugal, Cam. 2 P.

De visu; cópia digital Jackson 2003 (faltas).

BNP-Cam3P = Biblioteca Nacional de Portugal, Cam. 3 P.

De visu; fac-símile Comissão da Academia das Ciências de Lisboa
1982 *Lusíadas*; cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens);
em linha: Biblioteca Nacional Digital.

BNP-Cam4P = Biblioteca Nacional de Portugal, Cam. 4 P.

De visu; cópia digital Jackson 2003 (irregularidades).

BNP-Cam11P = Biblioteca Nacional de Portugal, Cam. 11 P.

De visu.

BNRJ-C.2.29A = Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Cofre 2.29A (ex. 2, registo 633.602)

Cópia digital Jackson 2003 (irregularidades, faltas); em linha: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Bodmer-Ee/S = Fondation Bodmer, Genève, Portug. Litt. T. IV (Ee/S)

Cópia digital, acesso *de visu* não autorizado.

Bodmer-E/D = Fondation Bodmer, Genève, Portug. Litt. T. IV (E/D)

Cópia digital, acesso *de visu* não autorizado.

BritL-C.30e34 = British Library, C.30.E.34

De visu; cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens, irregularidades, faltas).

BritL-G.11285 = British Library, G.11285

De visu; cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens).

BritL-G.11286 = British Library, G.11286

De visu; cópia digital Jackson 2003 (faltas).

BSMS = Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, N.º 05 Quota: CF-2

De visu; fac-símile Silva 2004 *Lusíadas*; em linha: Sociedade Martins Sarmento.

Buoncristiano-Ee/S = Biblioteca Antonio Buoncristiano, São Paulo (ex-José Mindlin)

Cópia digital Jackson 2003 (irregularidades).

Buoncristiano-E/D = Biblioteca Antonio Buoncristiano, São Paulo (ex-José Mindlin)

Cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens, irregularidades, faltas).

CJCanto = Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Coleção José do Canto, Cofre 32 Res/JC103

De visu.

DA = Diocese do Algarve, Faro

De visu.

HSA = Hispanic Society of America, New York

Cópia digital Jackson 2003 (irregularidade).

IHGB = Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, ARM.OR

Fac-símile Azevedo Filho 2006 *Lusíadas*.

RGPL = Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro

Cópia digital Jackson 2003.

UBrown = John Carter Brown Library, Brown University, Providence, C572 C185oe

Cópia digital, Jackson 2003; em linha: Brown Digital Repository.

UCoimbra = Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra,
Cofre n.º 2 (antiga cota RB-32-4)

De visu; reprodução UCoimbra 2004 *Lusíadas*; fac-símile
UCoimbra 2013 *Lusíadas*; cópia digital Jackson 2003 (irregularidades,
faltas); em linha: Alma Mater.

UHarvard-P.5215.72 = Houghton Library, Harvard University,
Port 5215.72★

De visu; Cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens).

UHarvard-P.5215.72.3 = Houghton Library, Harvard University,
Port 5215.72.3★

Cópia digital Jackson 2003 (PORT 5218.72.3) (repetição de
imagens).

UHarvard-P.5215.72.5 = Houghton Library, Harvard University,
Port 5215.72.5★

Cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens).

UHarvard-P.5215.72.7 = Houghton Library, Harvard University,
Port 5215.72.7★

De visu; Cópia digital Jackson 2003 (repetição de imagens).

UOx.Bodl-AeP.1572.1 = Bodleian Library, University of
Oxford, Antiq.e.P.1572.1

Cópia digital Jackson 2003.

UOx.Wad-A7.24 = Wadham College, University of Oxford,
A7.24

De visu.

UTexas = Harry Ransom Center Book Collection, University of Texas, Austin, PQ 9198 A2 1572b

Cópia digital, Jackson 2003 (repetição de imagens, irregularidades, faltas).

UYale = Beinecke Rare Book & Manuscript Library, Yale University, 2008303.

Em linha: Digital Collections.

Este elenco não tem por objectivo uma listagem exaustiva dos exemplares conhecidos nem das mediações deles existentes.

2. Obras de Luís de Camões

A grafia da informação bibliográfica relativa a obras posteriores a 1800 é uniformizada.

Amorim 1889 *Lusíadas* = 1889. *Os Lusíadas*. Ed. Francisco Gomes de Amorim. 2 ts. Lisboa: Imprensa Nacional.

AP 2009 *Lusíadas* = 2009. *Os Lusíadas*. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva [facs. de AP].

Aquino 1779-1780 *Obras* = 1779-1780. *Obras*. Ed. Tomás José de Aquino. 4 ts. Lisboa: Oficina Luisiana.

Aquino 1782-1783 *Obras* = 1782-[1783], 2.^a ed. *Obras*. Ed. Tomás José de Aquino. 4 ts., 5 vols. Lisboa: Oficina Simão Tadeu Ferreira .

Azevedo Filho 2006 *Lusíadas* = 2006. *Os Lusíadas*. Ed. Leodegário de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves [facs. de IHGB].

Bicker & Marnoto 2016 *Lusíadas* = 2016. *Os Lusíadas*. Ed. João Bicker & Rita Marnoto. Coimbra: Almedina.

Botelho 1817 *Lusíadas* = 1817. *Os Lusíadas. Poema épico*. Ed. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Mateus. Paris: Firmin Didot.

Botelho 1819 *Lusíadas* = 1819. *Os Lusíadas. Poema épico*. Ed. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Mateus. Paris: Firmino Didot.

Braga 1880 *Lusíadas* = 1880. *Os Lusíadas*. Ed. Teófilo Braga. Porto: Empresa Portuguesa.

Braga 1881 *Lusíadas* = 1881. *Os Lusíadas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa: Pereira e Amorim.

Braga 1898 *Lusíadas* = [1898?]. *Os Lusíadas*. Ed. Teófilo Braga. Lisboa: [Joaquim Eusébio dos Santos] [facs. de exemplar não identificado].

Caldera 1580 *Lusíadas* = 1580. *Los Lusíadas*. Trad. Benito Caldera. Alcalá de Henares: Juan Gracián.

Camões 1887 *Inês de Castro* = 1887. *Episódio de D. Inês de Castro. Excerto dos Lusíadas*. Comentário Joaquim Eusébio dos Santos. Lisboa: Adolfo, Modesto e C.^a, Imprensa Nacional, Joaquim Eusébio dos Santos [facs.].

Camões 1887 *Primeira poesia impressa* = [1887]. *A primeira poesia impressa no livro do Doutor Garcia d'Orta intitulado Colóquios dos simples e drogas*. Com um estudo pelo Dr. Teófilo Braga. Lisboa: Eusébio dos Santos, Oficinas de Adolfo e Modesto [facs.].

Camões 1894 *Tercetos* = [1894]. *Tercetos de Luís de Camões impressos pela primeira vez, em 1576, na História da Província de Santa Cruz, de Pero de Magalhães Gândavo*. Fac-símile foto-litográfico precedido dum estudo pelo Dr. Teófilo Braga. Lisboa: José Eusébio dos Santos.

Carvalho 1843 *Lusíadas* = 1843. *Os Lusíadas*. Ed. Francisco Freire de Carvalho. Lisboa: Rollandiana.

Cidade 1939 *Lusíadas* = 1939. *Os Lusíadas*. [Ed. Hernâni Cidade]. Porto: Lello & Irmão [facs. de exemplar não identificado].

Cidade 1956 *Obras* = 1956. *Obras completas*. Ed. Hernâni Cidade. 5 vols. Lisboa: Sá da Costa [1.^a ed. 1946].

Cidade 1960 *Lusíadas* = 1960. *Os Lusíadas*. Pref. Hernâni Cidade. Estudo Eleutério Cerdeira. Ilustr. Joaquim Lopes. Barcelos: Companhia Editora do Minho.

Comissão da Academia das Ciências de Lisboa 1982 *Lusíadas* = 1982. *Os Lusíadas. Reprodução paralela das duas edições de 1572*. Ed. Comissão da Academia das Ciências de Lisboa para a Edição Crítica d'«Os Lusíadas». Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa [outra ed., Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; facs. de BNP-Cam3P e BDMII-378].

Craesbeck 1631 *Lusiadas* = 1631. *Lusiadas*. Lisboa: Pedro Craesbeck.

Dias 1910 *Lusiadas* = 1910. *Os Lusíadas*. Ed. Augusto Epifânio da Silva Dias. 2 vols. Porto: Magalhães e Moniz.

Dias 1916 *Lusiadas* = 1916. *Os Lusíadas*. Ed. Augusto Epifânio da Silva Dias. 2 vols. Lisboa: Companhia Portuguesa Editora [2.^a ed. melhorada; reed. facs. 1972. (Rio de Janeiro): Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais].

Feio & Monteiro 1834 *Obras* = 1834. *Obras completas*. Ed. J. V. Barreto Feio & J. G. Monteiro. 3 vols. Hamburgo: Langhoff.

Garcés 1591 *Lusiadas* = 1591. *Los Lusíadas*. Trad. Enrique Garcés. Madrid: Guillermo Drouy.

Gómez de Tapia 1580 *Lusiada* = 1580. *La Lusíada*. Trad. Luys Gomez de Tapia. Salamanca: Juan Perier.

Jackson 2003 = 2003. *Camões and the first edition of The Lusíadas*. Ed. K. David Jackson. Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth [CD-ROM].

Juromenha 1860-1870 *Obras* = 1860-1870. *Obras. Precedidas de um ensaio biográfico [...]*. Ed. visconde de Juromenha [João António de Lemos Pereira de Lacerda]. 6 vols. Lisboa: Imprensa Nacional [vol. 7, inc., 1924].

Leipzig 1873 *Lusiadas* = 1873. *Os Lusíadas*. Leipzig: F. A. Brockhaus.

Macedo & Earle 2019 *Luis de Camões* = 2019. *Luis de Camões. A global poet for today*. Ed. Helder Macedo & Thomas Earle. Lisboa: Lisbon Poets.

Marnoto 2021 *Lusiadas* = 2021. *Os Lusiadas*. Ed. Rita Marnoto. [Porto]: Universidade do Minho, Kalandraka [ed. ilustrada].

Marnoto & Gigliucci 2022 *Lusiadi* = 2022. *I Lusiadi*. Ed. Rita Marnoto & Roberto Gigliucci. Milano: Bompiani, Firenze: Giunti [Classici della Letteratura Europea].

Monteiro 1880 *Lusiadas* = 1880. *Os Lusiadas*. Ed. José Gomes Monteiro. Estudo José da Silva Mendes Leal. Porto: Biel.

Perugi 2018 *Filodemo* = 2018. *Comédia Filodemo*. Ed. critica Maurizio Perugi. Genève: Centre International d'Études Portugaises de Genève.

Perugi 2020 *Sonetti* = 2020. *Sonetti*. Ed. critica Maurizio Perugi. Genève: Centre International d'Études Portugaises de Genève.

Perugi 2021 *Canzoni* = 2021. *Canzoni*. Ed. critica Maurizio Perugi. Genève: Centre International d'Études Portugaises de Genève.

Pimpão 2003 *Lusiadas* = 2003. *Os Lusiadas*. Ed. Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, Instituto Camões [1.^a ed. 1972].

Ramos 2020 *Lusíadas* = 2020. *Os Lusíadas*. Ed. Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora [1.^a ed. 1953?].

Reinhardtstöttner 1874 *Lusíadas* = 1874. *Os Lusíadas*. Ed. Carl von Reinhardtstöttner. Strassburg: Karl J. Trübner, London: Trübner.

Remédios 1900 *Lusíadas* = 1990. *Os Lusíadas. Edição para as escolas*. Ed. Mendes dos Remédios. Coimbra: França Amado.

Rodrigues 1921 *Lusíadas* = 1921. *Os Lusíadas*. Ed. José Maria Rodrigues. Lisboa: Biblioteca Nacional [facs. de BNP-Cam3P].

Rodrigues 1928 *Lusíadas* = 1928. *Os Lusíadas*. Iniciativa Afonso Lopes Vieira. Ed. José Maria Rodrigues. Pref. Carolina Michaëlis. Lisboa: Imprensa Nacional [vv. reeds.; 2005. Lisboa: Imprensa Nacional].

Saraiva 2014 *Lusíadas* = 2014. *Os Lusíadas*. Ed. António José Saraiva. Porto: Figueirinhas [1.^a ed. 1979].

Silva 2004 *Lusíadas* = 2004. *Os Lusíadas*. Ed. Vítor Aguiar e Silva. Braga: Universidade do Minho [facs. de BSMS].

Sousa 1639 *Lusíadas* = 1639. *Lusíadas [...]*. Ed. Manuel de Faria e Sousa. 2 vols., 4 ts. Madrid: Juan Sanchez, a costa de Pedro Coello [reed. facs. 1972. Pref. Jorge de Sena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda].

Sousa 1685-1689 *Rimas* = 1685-1689. *Rimas varias [...]*. Ed. Manuel de Faria e Sousa. 2 vols., 5 ts. Lisboa: Imprensa de Theotonio

Damaso de Mello Impressor de la Casa Real [reed. facs. 1972. Pref. Jorge de Sena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda].

Spaggiari 2021 *Redondilhas* = 2021. *Redondilhas*. Ed. crítica Barbara Spaggiari. Genève: Centre International d'Études Portugaises de Genève.

Storck 1883 *Lusiaden* = 1883. *Die Lusiaden*. Ed. Trad. Wilhelm Storck. Paderborn: Ferdinand Schöningh.

Vasconcelos 1905-1908 *Lusíadas* = 1905-1908. *Os Lusíadas*. Ed. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. 4 ts. Estrasburgo: J. H. Ed. Heitz (Heitz & Mundel), Paris: Haar & Steinert, New York: Lemcke & Buechner.

UCoimbra 2004 *Lusíadas* = [d. l. 2004]. *Os Lusíadas*. Pref. José Hermano Saraiva, Aníbal Pinto de Castro & K. David Jackson. Dir. Álvaro Pimenta. Coord. Roseta da Fonseca Soares G. Barão & Maria João Monteiro Ambrósio. Nota bibliográfica A. E. Maia do Amaral. Lisboa: ACD Editores [reprodução com aumento de escala de UCoimbra].

UCoimbra 2013 *Lusíadas* = 2013. *Os Lusíadas*. S. 1.: A Bela e o Monstro [facs. de UCoimbra].

Para outras eds. ver Canto 1899; Martins 1972; Bernardes 2015.

3. Estudos críticos, outras obras literárias, fontes

Adamson, John. 1836. *Memoirs of the life and writings of Luis de Camoens*. 2 vols. London: Longman.

Agamben, Giorgio. 2010. *Che cos'è il contemporaneo?*. Roma: Nottetempo.

Agudo, Francisco Dias. 1972. A edição d'Os *Lusíadas* de 1572. *Garcia de Orta. Revista da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar*, n. s., 1-9.

Albuquerque, Alexandre. 1921. *As duas edições dos Lusíadas de 1572*. Rio de Janeiro: Papelaria Ribeiro.

Aldo Manuzio. *Il Rinascimento di Venezia*. 2016. Padova: Marsilio.

Almeida, Justino Mendes de. 1996. *Estudos de história da cultura portuguesa*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, Universidade Autónoma de Lisboa.

Amaral, António Caetano do, Mateus Valente do Couto & Sebastião Francisco de Mendo Trigo. 1818. Relatório da Comissão nomeada pela Academia Real das Ciências de Lisboa para lhe dar conta da nova edição dos *Lusíadas* impressa em Paris no ano de 1817. *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, t. 5, xc-xcix.

Amaral, A. E. Maia do. [d. l. 2004]. Nota bibliográfica. Luís de Camões. *Os Lusíadas*. Pref. José Hermano Saraiva, Aníbal Pinto de

Castro & K. David Jackson. Dir. Álvaro Pimenta. Coord. Roseta da Fonseca Soares G. Barão & Maria João Monteiro Ambrósio. Lisboa: ACD Editores, XI-XIII.

Amorim, Francisco Gomes de. 1881-1884. *Garrett. Memórias biográficas*. 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional.

Anastácio, Vanda. 1998. *Visões de glória (uma introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)*. 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, JNIC.

Anselmo, António Joaquim. 1926. *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*. Lisboa: Biblioteca Nacional [reed. facs. 1977].

Anselmo, Artur. 1981a. *Origens da imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Anselmo, Artur. 1981b. Camões e a censura literária inquisitorial. *Arquivos do Centro Cultural Português*, 16, 513-567.

Anselmo, Artur. 1991. *História da edição em Portugal das origens até 1536*. Porto: Lello & Irmão.

Anselmo, Artur. 1997. *Estudos de história do livro*. Lisboa: Guimarães.

Anselmo, Artur. 2002. *Livros e mentalidades*. Lisboa: Guimarães.

Anselmo, Artur. 2015. *História do livro e filologia*. Lisboa: Guimarães.

Arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Arquivo Teófilo Braga. Fundo José do Canto.

Askins, Arthur Lee-Francis. Ed. 1979. *The Cancioneiro de Cristóvão Borges*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Braga: Barbosa e Xavier.

Bechara, Evanildo. 1972. Contribuição para um estudo da linguagem camoniana. *Littera*, 2, 60-66.

Bernardes, José Augusto Cardoso. Coord. 2015. *A biblioteca camoniana de D. Manuel II*. 2 vols. S. l.: Imprensa da Universidade de Coimbra, Fundação da Casa de Bragança.

Bibliografia camoniana servindo de catálogo oficial da Exposição Camoniana do Centenário coordenada pela Comissão Literária das Festas. [1880]. Porto: Palácio de Cristal.

Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional de Portugal.
<http://bndigital.bnportugal.gov.pt/indices/>

Biblioteca Palha 1881 = Biblioteca camoniana. *Anuário da Sociedade Nacional Camoniana*, 1, 143-175.

Bibliotheca Grenvilliana 1842 = *Bibliotheca Grenvilliana or bibliographical notices of rare and curious books forming part of the library of the Right Hon. Thomas Grenville*. Vol. 1. 1842. Ed. John Thomas Payne & Henry Foss. London: William Nicol, Shakespeare, Pall Mall.

Bibliotheca Heberiana 1835 = *Bibliotheca Heberiana*. *Catalogue of the library of the late Richard Heber, Esq. part the sixth, removed from Pimlico*

and Oxford, which will be sold by auction, by Mr. Evans, at his house, no. 93, Pall Mall, on Monday, March 23, and nineteen following days, Sundays excepted. 1835. S. l.: S. ed.

Bibliotheca Lusitana 1836 = *Bibliotheca Lusitana. Or catalogue of books and tracts relative to the history, literature, and poetry, of Portugal, forming part of the Library of John Adamson [...]*. 1836. Newcastle on Tyne: Printed by T. and J. Hodgson.

Bismut, Roger. 1973. La critique textuelle des *Lusiades*. *Actas da I Reunião Internacional de Camonistas* (59-93). Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário de «Os Lusíadas».

Book-prices current 1896 = *Book-prices current. Record of the prices at which books have been sold at auction, from December, 1894, to November, 1895. Vol. IX*. 1896. London: Elliot Stock, 62. Paternoster Row, E.C.

Botelho, José Maria de Sousa, morgado de Mateus. S. d. [1818?]. *Suplemento da nota primeira da advertência*. S. l.: S. ed. [10 pp. (415-424), ex. das provas tipográficas pertencente à Casa de Mateus; reed. Luís de Camões. 1819. *Os Lusíadas*. Ed. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Mateus. Paris: Firmino Didot: 377-388].

[Botelho], José Maria de Sousa, morgado de Mateus. 1819. Carta [...] à Academia Real das Ciências. *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, t. 6, 1, CVIII-CXX.

Braga, Teófilo. 1911. *Camões. A obra lírica e épica*. Porto: Lello e Irmão.

Brandão, Fiama Hasse Pais. 2007, 2.^a ed. *O labirinto camoniano e outros labirintos*. Lisboa: Teorema.

Brandão, Mário. Ed. 1943. O processo da Inquisição de Diogo de Teive. Coimbra [Sep. *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, de Francisco Leitão Ferreira, vol. 4].

British Library.

<https://www.bl.uk/catalogues-and-collections>

British Museum. A short guide to that portion of the library of printed books now open to the public. 1851. London: The Trustees, George Woodfall and Son.

Brito, [José Joaquim] Gomes de. 1911. *Notícia de livreiros e impressores de Lisboa na 2.^a metade do século XVI*. Lisboa: Libânio da Silva.

Brito, [José Joaquim] Gomes de. 1916, 1917, 1919, 1920. *Revista Lusitana*. Estudos camonianos I. Os dois exemplares dos autos e comédias de António Prestes, Luís de Camões e outros, 1916, 19, 227-232; Estudos camonianos II. As duas portadas dos *Lusíadas* de 1572, 1917, 20, 81-106; Estudos camonianos III. As duas portadas dos *Lusíadas* de 1572, 1919, 22, 91-98; Estudos camonianos IV. As duas portadas dos *Lusíadas* de 1572, 1920, 23, 144-151.

Brunet, Jacques-Charles. 1842, 4. éd. rev. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. Tome premier. Paris: Chez Silvestre.

Cancioneiro de Luis Franco Correa. 1972. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas».

Canto, José do. 1895. *Colecção camoniana*. Lisboa: Imprensa Nacional [reed. facs. 1972].

Carvalho, Augusto da Silva. 1934. Garcia d'Orta. *Revista da Universidade de Coimbra*, 13, 61-146.

Carvalho, José Gonçalves Herculano de. 1984. Contribuição de *Os Lusíadas* para a renovação da língua portuguesa [1980]. Id. *Estudos linguísticos*. Vol. 3. 2.^a ed. (77-123). Coimbra: Coimbra Editora.

Carvalho, José Rodrigo Carneiro da Costa. 2000. *Aprendiz de selvagem. O Brasil na obra de Francisco Gomes de Amorim*. Porto: Campo das Letras.

Castelo Branco, Camilo. 1882. *Narcóticos*. 2 vols. Porto: Livraria de Clavel.

Catálogo Ávila Perez 1939-1940 = Catálogo da importante e preciosíssima biblioteca que pertenceu ao ilustre bibliófilo Victor Marat d'Ávila Perez. 1939-1940. Org. Arnaldo Henriques de Oliveira. 6 vols. Porto: Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria.

Catálogo Conde do Ameal 1924 = 1924. Catálogo da notável e preciosa livraria que foi do ilustre bibliófilo conimbricense Conde do Ameal (João Correia Aires de Campos). Redigido por José dos Santos (na parte dos livros impressos) com uma intr. pelo erudito escritor Sr. Gustavo de Matos Sequeira. Porto: Tip. da Sociedade de Papelaria, Lda.

Catálogo D. Francisco Manuel 1852 = 1852. [Catálogo da Livraria de D. Francisco de Melo Manuel da Câmara]. Ms. José Barbosa Canais

de Figueiredo Castelo Branco. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, cod 11590.

Catálogo da exposição camoneana 1880 = 1880. Catálogo da exposição camoneana realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a 10 de Junho de 1880 por ocasião do centenário de Camões. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional.

Catálogo Deslandes 1932 = 1932. Catálogo da magnífica e valiosa livraria, antiga e moderna que pertenceu ao muito ilustrado director da Imprensa Nacional de Lisboa Conselheiro Venâncio Augusto Deslandes. Edições originais. Livros ilustrados. Livros estrangeiros. Org. José dos Santos. Lisboa: Tipografia da Sociedade de Papelaria La.

Catálogo Fernando Palha 1896 = 1896. Catalogue de la bibliothèque de M. Fernando Palha. 4 vols. Lisbonne: Imprimerie Libânio da Silva.

Catálogo Gomes de Amorim 1892 = Catálogo dos livros que pertenceram a Francisco Gomes de Amorim e que serão vendidos em leilão. 1892. Lisboa: Tipografia e Estereotipia Moderna.

Catálogo João Vieira Pinto 1885 = Catálogo da livraria que foi do falecido Dr. João Vieira Pinto e que tem de ser vendida em leilão no dia 1 de Agosto de 1855 e seguintes, às 5 horas da tarde. 1885. Porto: Typ. Occidental.

Catálogo Joaquim Pereira da Costa 1873 = Catálogo dos livros antigos, raros e clássicos que compõem a magnífica e mui conhecida livraria do falecido Ex.^{mo} Joaquim Pereira da Costa hoje pertencente a seu filho o Ex.^{mo} Sr. Visconde de Pereira e que por intervenção do agente Casimiro C. da Cunha hão-de ser vendidos em leilão. 1873. 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional.

Catálogo Maggs Bros 1928 = A selection of books manuscripts engravings and autograph letters remarkable for their interest and rarity being the five hundredth catalogue issued by Maggs Bros. Booksellers. 1928. London: Maggs Bros.

Catálogo Minhava 1885 = Catálogo da biblioteca do falecido conselheiro João Félix Alves de Minhava. N.º 1 (Camoniana). 1885. Lisboa: Tip. Universal.

Catálogo Norton 1860 = Catálogo da livraria do falecido conselheiro Tomás Norton. 1860. Porto: Tip. Sebastião José Pereira.

Cátedra, Pedro M. & Víctor Infantes. Ed. 1983. *Los pliegos sueltos de Thomas Croft (siglo XVI)*. 2 vols. Valencia: Albatros Ediciones.

Cerdeira, Eleutério. 1946. *Dois grandes fraudes camonianas. Documentadas com ilustrações*. Barcelos: Companhia Editora do Minho.

Chartier, Roger. [1996]. *L'Europe et le livre. Réseaux et pratiques du négoce de librairie. XVIIe-XIXe siècles*. Sous la dir. de Frédéric Barbier et al. [Paris]: Klincksieck.

Clarke, John & José Baptista de Sousa. 2017. Lord Holland's Portuguese library. *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, 26, 93-105.

Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuitas e dos estragos feitos nas ciências e nos professores, e directores que a regiam [...]. 1771. Lisboa: Regia Officina Typographica.

Coutinho, [Bernardo] Xavier. 1980. A edição *princeps* de *Os Lusíadas*. Subsídios para a sua crítica textual. *Bracara Augusta*, t. 34, fasc. 77 (90 [89]), 129-373.

Coutinho, [Bernardo] Xavier. 1981. A edição *princeps* de *Os Lusíadas*. Um problema complexo e difícil (ou insolúvel?). Muito provavelmente houve 3 edições *princeps* e não apenas 2, com a data (simulada) de 1572. *Arquivos do Centro Cultural Português*, 16, 571-720.

Coutinho, [Bernardo] Xavier. 1987. Nova hipótese de solução para o problema da edição *princeps* de *Os Lusíadas* — não houve duas mas quatro edições datadas de 1572. *Actas da III Reunião Internacional de Camonistas*. Coimbra: Universidade de Coimbra [*Revista da Universidade de Coimbra*, 33, 1986], 221-240.

Cunha, António Geraldo da. 1980, 2.^a ed. *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Presença, Instituto Nacional do Livro [1.^a ed. 1966].

Curto, Diogo Ramada. 2007. *Cultura escrita (séculos XV a XVIII)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

D. *Maria de Portugal princesa de Parma (1565-1577) e o seu tempo. As relações culturais entre Portugal e Itália na segunda metade de Quinhentos*. 1999. Porto, CIHE, ICP.

Dallasta, Federica. 2010. *Eredità di carta. Biblioteche private e circolazione libraria nella Parma farnesiana (1545-1731)*. Pref. Giorgio Montecchi. Milano: Franco Angelli.

Debenedetti, Santorre & Cesare Segre. Ed. 1960. Ludovico Ariosto. *L'Orlando Furioso, secondo l'edizione del 1532, con le varianti delle edizioni del 1516 e del 1521*. Bologna: Commissione per i Testi di Lingua.

Deslandes, Venâncio Augusto. Ed. 1888. *Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional [reed. facs. 1988. Intr. Artur Anselmo. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda].

Dicionário de historiadores portugueses. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Em linha.

Dictionary of National biography. 1885-1900. Ed. Leslie Stephen. New York: Macmillan and Co. London: Smith, Elder, & Co. Em linha.

Dizionario biografico degli italiani. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana. Em linha.

Eco, Umberto. 1980. *La struttura assente*. Milano: Bompiani [1.^a ed. 1968].

Eco, Umberto. 2004. *I limiti dell'interpretazione*. Milano: Bompiani [1.^a ed. 1990].

Edit16. Censimento nazionale delle edizioni italiane del XVI secolo. Istituto Centrale per il Catalogo Unico delle Biblioteche Italiane e per le Informazioni Bibliografiche. Istituto Centrale per il Catalogo Unico. Em linha.

Elia, Hamilton. 1981. *Normas para uma edição crítica de Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura.

Estudos camonianos. Reedição de ensaios, de autores brasileiros já falecidos, sobre a vida e obra de Luís de Camões por iniciativa da Comissão Especial designada para o fim de preparar e organizar as comemorações do IV centenário da publicação d'Os Lusíadas. 1974. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais.

Europe informed. An exhibition of early books which acquainted Europe with the East. 1966. Cambridge, New York: Sixth International Colloquium on Luso-Brazilian Studies.

Exposição. Coleção Barbosa Machado. 1967. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações.

Faria, Francisco Leite de. 1978. Livros impressos em Portugal no século XVI existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 34, 2, 141-225.

Faria, Francisco Leite de. 1993. Exemplares das cinco edições de *Os Lusíadas* publicadas no século XVI, *Anais. Academia Portuguesa da História*, 34, 446-494.

Faria, Manuel Severim de. 1624. *Vida de Luis de Camões*. Id. *Discursos varios políticos* (ff. 88r-135v). Évora: M. Carvalho [reed. facs. 1999. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda].

Faria, Maria Isabel & Maria da Graça Pericão. 2008. *Dicionário do livro. Da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina.

Ferreira, Antero & António Amaro das Neves. 2010. Estratégias matrimoniais em Guimarães (séculos XVIII e XIX): uma abordagem diferencial. In Carlota Santos (Ed.). *Família, espaço e património* (63-74). Porto: CITCEM.

Ferro, Manuel. 2014-2015. Desprezadas e omitidas: as estâncias excluídas nas edições d'Os *Lusíadas*. *Estudos Portugueses*, 10, 13-60 [Pernambuco].

Ferroni, Giulio. 2009. *Ariosto*. Roma: Salerno.

Fonseca, Fernando Taveira da. 2001. A Imprensa da Universidade no período de 1537 a 1772. In Fernando Taveira da Fonseca, José Antunes, Irene Vaquinhas, Isabel Nobre Vargues, Luís Reis Torgal & Fernando J. Regateiro. *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da história* (7-54). Coimbra: Imprensa da Universidade.

Fratricelli, Barbara & Aurelio Vargas Díaz-Toledo. 2022. *Camões en el 450 aniversario de los Lusíadas*. Toledo: Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha.

Gallut, Anne. 1970. *Le Morgado de Mateus éditeur des Lusíadas*. Paris: Klincksieck, Lisboa: Bertrand [2015. *O Morgado de Mateus editor de Os Lusíadas*. Trad. Maria Carlos Loureiro. Lisboa: Alêtheia].

Gândavo, Pero de Magalhães. 1574. *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthografia da lingua portuguesa*. Lisboa: Antonio Gonçalves [reed. facs. 1981. Ed. Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Biblioteca Nacional].

Gândavo, Pero de Magalhães. 1576. *Historia da prouincia de sãcta Cruz a que vulgarmête chamamos Brasil*. Lisboa: Antonio Gonçalves.

[Gândavo, Pero de Magalhães]. 1922. *The Histories of Brazil by Pero de Magalhaes now translated into English for the first time and annotated by John B. Stetson Jr., with a fac-simile of the Portuguese original 1576*. 2 vols. New York: The Cortes Society.

Garcia, Maria Madalena A. de Moura Machado & Lígia de Azevedo Martins. 1996. *Inventário do Arquivo Histórico da Biblioteca Nacional (1796-1950)*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Garone Gravier, Marina. 2011. De Flandes a la Nueva España. Derroteros de la tipografía antuerpiana en las imprentas de México. *Bibliographica Americana*, 7, 45–63.

Gonçalves, Francisco Rebelo. 2002. *Obra completa*. Vol. 3. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalves, Paula. 2003. *Bibliografia da história do livro em Portugal. Séculos XV a XIX*. Coord. Diogo Ramada Curto. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Griffin, Clive. 1991. *Los Cromberger. La historia de una imprenta del siglo XVI en Sevilla y Méjico*. Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica.

Hernández Royo, Pura. 1994. *La imprenta valenciana de la familia Mey-Huete en el siglo XVI. Producción y tipografía*. Universitat de València, Tese de doutoramento.

Hue, Sheila Moura. 2003. *Os Lusíadas* de 1572. O eloquente silêncio de um paratexto. *Revista Camoniana*, 3.^a s., 13, 115–134.

Jackson, Kenneth David. 1991. A contribuição dos exemplares mais raros de *Os Lusíadas*, 1572. In *Estudos portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio* (589–601). Lisboa: Difel.

Jackson, Kenneth David. 2005. Uma edição facsimilada d’*Os Lusíadas*, 1572. O caso das páginas trocadas. In Miguel Gonçalves, Augusto Soares da Silva, Jorge Coutinho & José Cândido de Oliveira Martins (Ed.), *Gramática e Humanismo. Colóquio de homenagem a Amadeu Torres* (2. 409–418). Braga: Alêtheia.

Kant, Immanuel. 2018, 9.^a ed. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela Pinto dos Santos, Alexandre Fradique Morujão. Intr., notas Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lane, John A. 2004. *Early type specimens in the Plantin-Moretus Museum. Annotated descriptions of the specimens to ca. 1850 (mostly from the Low Countries and France) with preliminary notes on the typefoundries and printing offices*. Pref. Hendrik D. L. Vervliet. Delaware: Oak Knoll Press; London: British Library.

Liechtenstein, Marie Henriette Norberte. 1875. *Holland House*. London: Macmillan and Co.

Lima, Matias. 1956. *Encadernadores portugueses*. Porto: ed. autor.

Lisboa, João Luís. 2014. Uma, duas, quantas edições? Os argumentos sobre a contrafacção de *Os Lusíadas* no século XVI. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, 33, 97-108.

Lobo, Francisco Alexandre. 1819. Elogio histórico do Ex.^{mo} e rev.^{mo} Bispo Inquisidor Geral, D. José Maria de Melo. *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, t. 6, parte 1, LIII-CVII.

Mablin, [J. B.]. 1826. *Lettre à l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades*. Paris, Strasbourg, Londres: Treuttel et Würtz.

Macedo, Helder. 2007. Introdução. Luís de Camões. *Los Lusíadas. Poesías. Prosas*. Coord. Elena Losada Soler. Madrid: Espasa Calpe, Córdoba: Almuzara, XI-LXXIV.

Machado, Diogo Barbosa. 1741-[1759]. *Bibliotheca lusitana histórica, crítica e cronológica na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes [...]*. 4 vols. Lisboa Occidental: António Isidoro da Fonseca [ed. CD-ROM 2004. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Biblioteca Nacional].

Machado, Diogo Barbosa. [post 1767]. *Catalogo dos livros da livraria Diogo Barbosa Machado distribuídos por matérias e escrito por sua própria mão*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, ms. 15,1,002.

Malpique, [Manuel da] Cruz. 1965-1967. Francisco Gomes de Amorim. Notas para um estudo. *Póvoa do Varzim. Boletim Cultural*, 1965, 4, 2, 245-260; 1967, 6, 1, 17-47; 1967, 6, 2, 236-281.

Mariz, Pedro de. 1613. Ao estudioso da lição poética. In Luís de Camões. *Os Lusíadas*. Comentados pelo Licenciado Manoel Correia. Lisboa: Por Pedro Crasbeeck [reed. facs. 1980. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda].

Marnoto, Rita. 1996. *A Arcadia de Sannazaro e o bucolismo*. Coimbra: FLUC, Minerva.

Marnoto, Rita. 2011. Plutarco: o regresso a terras itálicas. In Joaquim Pinheiro et al. *Caminhos de Plutarco na Europa*, 2.^a ed. rev. aum. (51-98). Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

Marnoto, Rita. 2015. O poema de Camões entre Europa e Oceano. *Studi (e Testi) Italiani. Semestrale del Dipartimento di Italianistica e Spettacolo*, 34, 123-132 [Ed. Roberto Gigliucci, *Epica e Oceano*].

Marnoto, Rita. 2017. *Cortegiano e cortesão. Baldassarre Castiglione e D. Miguel da Silva*. Préf. Maurizio Perugi. Genève: Centre International d'Études Portugaises de Genève.

Marnoto, Rita. 2021a. Qual é a edição *princeps* de *Os Lusíadas*. Um ponto final. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 41, 1332, 8-9. / A proposito della *editio princeps* dei *Lusiadi*: un punto finale. *Insula Europea*. Trad. Beatrice Smali. Em linha.

Marnoto, Rita. 2021b. O cão sagaz de *Os Lusíadas*, 9. 74. 1. *Colóquio. Letras*, 206, 186-191.

Marnoto, Rita. 2021c. Entre Península Ibérica e Península Italiana. Sobre um topónimo de *Os Lusíadas*. In Soledad Pérez-Abadín Barro, Rita Marnoto, David González Ramírez & Martha Blanco González (Coord.), *Entre Italia, Portugal y España. Ensayos de recepción literaria* (367-381). Santiago de Compostela: USC Editora.

Marnoto, Rita. 2022a. As duas edições de *Os Lusíadas*. *Fact check. Colóquio. Letras*, 208, 79-90.

Marnoto, Rita. 2022b-05-22. Identificata la prima edizione dei *Lusiadi*. I *Lusiadi*. Avventure di mare e di torchi. *Il Sole 24 Ore Domenica*, 1-2.

Marnoto, Rita. 2022c. Colagens e emendas de dois exemplares de *Os Lusíadas*. In Arnaldo Espírito Santo et al. (ed.), «*Optimo magistro sodalium et amicorum munus*». *Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80.º aniversário* (615-624). Lisboa: Centro de Estudos Clássicos.

Marnoto, Rita. 2022d. Dante in Portogallo, uno sguardo etereo. In Massimo Bacigalupo & Francesco De Nicola (Ed.), *Dante nel mondo* (192-208). Genova: Accademia Ligure di Scienze e Lettere.

Marnoto, Rita, & Maurizio Perugi. 2018. Para a edição crítica da poesia lírica de Camões. Entrevista a Maurizio Perugi. *Colóquio. Letras*, 197, 52-60.

Martins, José V. de Pina. Ed. 1972. *Os Lusíadas. 1572-1972. Catálogo da Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Medalhística de Camões. Biblioteca Nacional de Lisboa*. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Martins, Maria Teresa Esteves Payan. 2012. *Livros clandestinos e contrafações em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Colibri.

Matos, Manuel Cadafaz de. 1991-1992. A tipografia quinhentista de expressão cultural portuguesa no Oriente (Índia, China e Japão). *Humanitas*, 43-44, 153-171.

Melo, [Arnaldo Faria de] Ataíde e. 1923-1924. As portadas dos *Lusíadas*. *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 2.^a s.; 1923, vol. 4, n.º 16, 249-250; 1924, vol. 5, n.ºs 19-20, 156-158.

Melo, [Arnaldo Faria de] Ataíde e. 1926. *O papel como elemento de identificação*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Moll, Jaime. 1988. As cursivas de Juan Mey con algunas consideraciones previas sobre el estudio de las letrerías. In María Luisa López-Vidriero & Pedro M. Cátedra (Ed.), *El libro antiguo español. Actas del primer Coloquio Internacional. Madrid, 18 al 20 de diciembre de 1986* (295-304). Salamanca: Universidad de Salamanca.

Monteiro, Rolando. 1979, 2.^a ed. rev. acresc. *As edições de Os Lusíadas. Pesquisa e análise*. Rio de Janeiro: S. ed.

Moura, Vasco Graça. 1987. *Os penhascos e a serpente e outros ensaios camonianos*. Lisboa: Quetzal.

Murphy, Franklin D. Ed. 1998. *Aldus Manutius and Renaissance culture*. Firenze: Leo S. Olschki.

No primeiro centenário de el-rei D. Manuel II (1889-1932). 1991. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Noronha, José Feliciano de Castilho Barreto e. 1880-1881. Memória sobre o exemplar dos *Lusíadas* da biblioteca particular de Sua Majestade o Imperador do Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 8, 9-38.

Noronha, Tito de. 1874. *A imprensa portuguesa durante o século XVI*. Porto: Imprensa Portuguesa.

Noronha, Tito de. 1880. *A primeira edição dos Lusíadas*. Porto, Braga: Ernesto Chardon.

Norton, Frederick Johan. 1978. *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal. 1501-1520*. Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press.

Oxford dictionary of National biography. 1922-. Oxford: Faculty of History. University of Oxford. Em linha.

Peixoto, Jorge. 1962. Relações de Plantin com Portugal. *Revista Portuguesa de História*, 10, 277-398.

Peixoto, Jorge. 1970. Notas sobre Francisco Gomes de Amorim. *Póvoa do Varzim. Boletim Cultural*, 9, 1, 22-91.

Penafiel, André B. 2020. The question of the paper in *Os Lusíadas*, 1572. *Modern Language Review*, 115, 3, 590–617.

Pereira, Maria Helena da Rocha. 2007. *Camoniana varia*. Coimbra: CIEC.

Pérez de Montalván, Juan. 1632. *Para todos exemplos morales, humanos, y divinos. En que se tratan diversas ciencias, materias, y facultades. Repartidos en los siete días de la semana*. Madrid: Imprenta del Reyno.

Pérez de Montalván, Juan. 1756. *Comedia famosa. La mas constante muger*. Madrid: Antonio Sanz [folheto de cordel].

Pérez de Montalván, Juan. S. d. *El Polifemo. Comedia sacramental*. S. l.: S. ed. [folheto de cordel].

Petrucci, Armando. Ed. 1979. *Libri, scrittura e pubblico nel Rinascimento. Guida storica e critica*. Bari: Laterza.

Pinho, Sebastião Tavares de. 2007. *Decalogia camoniana*. Coimbra: CIEC.

Plantin, Christophe. 1883–1918. *Correspondance*. Ed. Max Rooses, Jean Denucé & Maurice van Durme. 9 vols. Antwerp: J. E. Buschmam.

Plantin-Moretusmuseum. Antuérpia.

<https://www.museumplantinmoretus.be/nl>

Popper, Karl. 2003. *Conjecturas e refutações. O desenvolvimento do conhecimento científico*. Trad. Benedita Bettencourt. Nota João Carlos Espada. Coimbra: Almedina.

Prestage, Edgar & Pedro d’Azevedo. 1924-1927. *Registo da Freguesia da Sé desde 1563 até 1610*. 2 vols. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Primrose, J. B. 1939. The first press in India and its printers. *The Library. Tractations of the Bibliographical Society*, 4. s., 20, 3, 241-265.

Priolkar, Anant Kabka. 1958. *The printing press in India. Its beginnings and early developement*. Bombay: Marathi Samshodhana Mandala.

Proença, Raúl. 1920. A livraria de D. Francisco Manuel. *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 2.ª s., vol. 1, n.º 4, 302-306.

Quondam, Amedeo. Ed. 2016. Baldassarre Castiglione. *Il libro del Cortigiano*. 3 vols. Roma: Bulzoni.

Ramalho, Américo da Costa. 1998. O padre Duarte de Sande, S. I., verdadeiro autor do *De missione legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam dialogus*. Id. *Para a história do Humanismo em Portugal III (209-220)*. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda,.

Ramos, Emanuel Paulo. 1984. Os textos camonianos datados de 1572 e as traduções castelhanas de 1580 d’*Os Lusíadas*. *Humanitas*, 35-36, 150-162.

Ramos, Emanuel Paulo. 1990. Singularidades perturbantes em exemplares Ee/S e E/D d'Os *Lusíadas*. *Humanitas*, 41-42, 185-198.

Ribeiro, Aquilino. [1975]. A edição *princeps* de *Os Lusíadas* [1946]. Id. *Camões, Camilo, Eça e alguns mais. Ensaios de crítica histórico-literária* (67-81). Amadora: Bertrand.

Rilrey, Carlos Guilherme et al. Org. 2021. *A biblioteca de José do Canto. O homem ao espelho dos seus livros e manuscritos*. Ponta Delgada: Governo dos Açores.

Rodrigues, José Maria. 1918-1919. Notas para uma edição crítica e comentada dos *Lusíadas*. *Boletim da Classe de Letras*, 13, 676-736.

Rodrigues, José Maria. 1930-1931. De algumas inexactidões e enigmas de *Os Lusíadas* e da sua proveniência. *A Língua Portuguesa*, 2, 125-138, 169-178, 241-254, 277-285, 353-363 [com separata].

Rodrigues, José Maria. 2010. *Estudos sobre os Lusíadas*. Intr. Evanildo Bechara, Aníbal Pinto de Castro & Maria do Céu Fraga. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras [reed. 1913-1914. Algumas observações a uma edição comentada dos *Lusiadas*. *Revista da Universidade de Coimbra*, 2, 3].

Rodrigues, Marina Machado. 1988. Breve estudo comparativo entre sete exemplares das *Rythmas* de Camões. *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 64, 31-52.

Ruas, João. 2009. Os dois pelicanos. [anexo a] *Os Lusíadas de Luís de Camões. Restauro da primeira edição de 1572* (21-65). Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva.

Sá, Artur Moreira de. Ed. 1983. *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI*. Lisboa: INIC.

Salgado, Abílio José. 2004. António José Lima Leitão (1787-1856). Médico, escritor e maçom (obra e posicionamento político). In F. Ribeiro da Silva et al. *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos* (3. 941-947). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Santos, Joaquim Eusébio dos. S. d. [1898?]. *A primeira edição dos Lusíadas impressa em vida de Luís de Camões (1572)*. [Lisboa]: Tip. Adolfo Modesto.

Sena, Jorge de. 1980. *Trinta anos de Camões. 1948-1978 (estudos camonianos e correlatos)*. 2 vols. Lisboa: Edições 70.

Sequeira, Gustavo de Matos. 1924. *No leilão Ameal*. Des. Alberto Sousa. Lisboa: Empresa Editora de Publicidade A Peninsular [reed. facs. 2008. Lisboa: Letra Livre].

Shepherd, Rob. 2015. *The Cinderella of the arts. A short history of Sangorski and Sutcliffe. A London bookbinding firm established in 1901*. London, New Castle: Oak Knoll Press.

Shipton, Clifford K. 1953. John Batterson Stetson, Jr. *Proceedings of the American Antiquarian Society*, 63, 1, 18-20.

Silva, Carlos Eugénio Correa. 1972. *Ensaio sobre os latinismos dos Lusíadas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda [reed. facs. 1931, sep. *O Instituto*, 79-82].

Silva, Inocêncio da, Pedro de Brito Aranha, Gomes de Brito, Álvaro Neves & Ernesto Soares. 1858-1923. *Dicionário bibliográfico português*. 23 vols. Lisboa: Imprensa Nacional [reed. facs. 1972-2002. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda].

Silva, Vítor Aguiar e. 2008. *A lira dourada e a tuba canora. Novos ensaios camonianos*. Lisboa: Cotovia.

Silva, Vítor Aguiar e. 2009. *Jorge de Sena e Camões. Trinta anos de amor e melancolia*. Coimbra: Angelus Novus.

Silva, Vítor Aguiar e. Ed. 2011. *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Caminho.

Soares, Clara Moura. 2016. A Coleção de arte do Conde do Ameal: o leilão de 1921 e as aquisições do estado português para os museus nacionais. In Marize Malta, Maria João Neto, Ana Cavalcanti, Emerson Dionísio de Oliveira & Maria de Fátima Morethy Couto (Ed.), *Histórias da arte em Coleções. Modos de ver e exhibir em Portugal* (89-105). Rio de Janeiro: Rio Book's.

Sousa, Fernando Aires de Medeiros. 1982. *José do Canto. Subsídios para a história micaelense (1820-1898)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Spaggiari, Barbara. Ed. 2009. André Falcão de Resende. *Obras*.

2 vols. Lisboa: Colibri.

Spaggiari, Barbara. 2011. *Camões e o Outono do Renascimento*. Coimbra: CIEC.

Spaggiari, Barbara. Ed. 2018. *O Cancioneiro Juromenha*. Análise codicológica Nadia Togni. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Spaggiari, Barbara. 2021. *O Segundo borrador de Faria e Sousa. Românica*. *Revista de Literatura*, 24, 163-183.

Storck, Wilhelm. 1890. *Luis' de Camoens Leben. Nebst geschichtlicher Einleitung*. Paderborn: Ferdinand Schöningh.

Storck, Wilhelm. 1897. *Vida e obras de Luís de Camões [...]*. Trad. Ed. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Lisboa: Academia Real das Ciências [reed. facs. 1980. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda].

The American Biblioplist. A Monthly Literary Register and Repository of Notes and Queries. 1873. Vol. 5, 53-54.

Thomas, Werner & Eddy Stols. Ed. 2009. *Un mundo sobre papel. Libros y grabados flamencos en el imperio hispanoportugués siglos 16-18*. Lovaina, La Haya: Acco Uitgeverij België.

Thomas, III, John B. 2007. The first collections. In Megan Barnard (Ed.), *Collecting the imagination. The first fifty years of the Ransom Center*. Intr. Thomas E. Staley (1-18). Texas, Austin: Harry Ransom Humanities Research Center.

- Tipografia Damasceno. 50 anos.* 2019. Coimbra: Tipografia Damasceno.
- Tocco, Valeria. 2012. *Os Lusíadas. Dos manuscritos à princeps.* Coimbra: CIEC.
- Tomás, Aníbal Fernandes. 1905. *Os ex-libris ornamentais portugueses.* Porto: Empresa Literária e Tipográfica.
- Torgal, Nazaré. 2009. [anexo] *Os Lusíadas de Luís de Camões. Restauro da primeira edição de 1572 (67-90).* Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva.
- Toury, Gideon. 2012, ed. rev. *Descriptive translation studies and beyond.* Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company [1. ed. 1995].
- Trigoso, Sebastião Francisco de Mendo. 1823. Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusíadas*. *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, t. 8, parte 1, 167-212.
- [Túlio, António da Silva]. 1861. Facsímile do rosto da primeira edição dos *Lusíadas*, 1572. *Arquivo Pitoresco*, t. 4, 22, 173-175; 23, 183-184; 24, 191-192.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de. [1969]. *Dispersos. Originais portugueses. III. Estudos camonianos.* Lisboa: Revista Ocidente.
- Vasconcelos, J. Leite de. 1890. *O texto dos Lusíadas segundo as ideias do Sr. F. Gomes de Amorim. Esboço de crítica filológica.* Porto: Livraria Portuense.

Vega de Calvo, Emilio. 1995. Apuntes sobre la vida del famoso dorador y encuadernador Antonio Menard. *Revista de la Asociación para el Fomento de la Encuadernación*, 6, 33-43.

Verdelho, Telmo. 2012. *Luís de Camões. Concordância da obra toda*. Coimbra: CIEC.

Viterbo, [Francisco Marques de] Sousa. 1890-1891. Manuel Correia de Montenegro (um corrector de Camões). *O Instituto*, 2.^a s., 38, 52-62.

Viterbo, [Francisco Marques de] Sousa. 1891. *Frei Bartolomeu Ferreira o primeiro censor de Os Lusíadas. Subsídios para a história literária do século XVI em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Viterbo, [Francisco Marques de] Sousa. 1909. *A gravura em Portugal. Breves apontamentos para a sua história*. Lisboa: Separata de *Boletim da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses*.

Viterbo, [Francisco Marques de] Sousa. 1924. *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI. Apontamentos para a sua história*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Voet, Leon. 1969-1972. *The Golden Compasses. The history of the house of Plantin-Moretus*. Amsterdam: Vangendt & Co., London: Routledge & Kegan Paul, New York: Abner Schram.

William Libri. 1869. *Every Saturday a Journal of Choice Reading*, 8, 635-636.

Zúquete, Afonso Eduardo Martins, et al. Dir. 1960–1961. *Nobreza de Portugal*. 3 vols. Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.

4. Bibliografia, tipografia, ecdótica

Balsamo, Luigi & Alberto Tinto. 1967. *Origini del corsivo nella tipografia italiana del Cinquecento*. Milano: Il Polifilo [reed. facs. 1977].

Barbi, Michele. 1938. *La nuova filologia e l'edizione dei nostri scrittori da Dante a Manzoni*. Firenze: Sansoni.

Bennet, Thomas. 1715. *An essay on the thirty nine articles of religion agreed on in 1562 and revised in 1571*. London: M. J. for W. Innys.

Berger, Sidney E. Ed. 2016. *The dictionary of the book. A glossary for book collectors, booksellers, librarians, and others*. Lanham, Boulder, New York, London: Rowman & Littlefield.

Bland, Mark. 2010. *A guide to early printed books and manuscripts*. Oxford: Clarendon Press.

Blecua, Alberto. [1983]. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia.

Blouw, Paul Valkema. 2013. *Dutch typography in the sixteenth century. The collected works*. Ed. Ton Croiset van Uchelen & Paul Dijstelberge. Leiden, Boston: Brill.

Botta, Patrizia. Ed. 2005. *Filologia dei testi a stampa (area iberica)*. Modena: Mucchi.

Bowers, Fredson. 1962. *Principles of bibliographical description*. New York: Russell & Russell [1.^a ed. 1949; reed. 2005. New Castle: Oak Knoll Press].

Bowers, Fredson. 1966. *Textual and literary criticism*. Cambridge: Cambridge University Press [1.^a ed. 1959].

Bradshaw, Henry. 1870. *A classified index of the fifteenth century books in the collection of the late M. J. De Meyer, which were sold at Ghent in November 1869*. London: Mcmillan and Co.

Bradshaw, Henry. 1889. *Collected papers of Henry Bradshaw*. [Ed. Francis Jenkinson]. Cambridge: University Press.

Bringhurst, Robert. 2008, 2.^a ed. *Elementos do estilo tipográfico*. Trad. André Stolarski. São Paulo: Cosacnaify [2005. *The elements of typographic style*. Vancouver: Cosac Naify].

Briquet, C. M. 1907. *Les filigranes. Dictionnaire historique des marques du papier dès leur apparition vers 1282 jusqu'en 1600*. 4 vols. Genève: A. Jullien.

Carter, Harry. 1956. The types of Christofer Plantin. *The Library. Transactions of the Bibliographical Society*, 5. s., 11, 3, 170-179.

Carter, Harry. 2002. *A view of early typography up to about 1600*. Intr. James Mosley. Zutphen: Hyphen Press [reed. facs. 1969. Oxford: Clarendon Press].

Carter, John & Graham Pollard. 1934. *An enquiry into the nature of certain nineteenth century pamphlets*. London, New York: Constable, C. Scribner's Sons.

Castro, Ivo de & Maria Ana Ramos. 1986. Estratégia e tática da transcrição. *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque* (99-122). Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, CCP.

Contini, Gianfranco. 1992. *Breviario di ecdotica*. Torino: Einaudi.

Cruikshank, Don William. 1976. Some aspects of Spanish book-production in the Golden Age. *The Library*, 5 s., 31, 1, 1-19.

Dreyfus, John. 1963. *Type specimen facsimiles. Reproductions of fifteen type specimen sheets issued between the sixteenth and eighteenth centuries*. London: Bowes & Bowes and Putnum.

ELI. 2017 = McDonald, John D. & Michael Levine-Clark. Ed. 2017, 4. ed. *Encyclopaedia of library and information sciences*. 7 vols. Boca Raton, FL: CRC.

Fahy, Conor. 1988. *Saggi di bibliografia testuale*. Padova: Antenore.

Fahy, Conor. 1989. *L'Orlando Furioso del 1532. Profilo di una edizione*. Milano: Vita e Pensiero.

Febvre, Lucien & Henri-Jean Martin. 1958. *L'apparition du livre*. Paris: Albin Michel [2000. *O aparecimento do livro*. Trad. Henrique Tavares Castro, rev. Artur Anselmo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian].

Folger Shakespeare Library. Washington, DC.
<https://www.folger.edu/>

Fraistat, Neil & Julia Flanders. 2013. Ed. *The Cambridge companion to textual scholarship*. New York: Cambridge University Press.

Foxon, David. 1970. *Thoughts on the history and future of bibliographical description*. Los Angeles: School of Library Service.

Gaskell, Philip. 1995. *A new introduction to bibliography*. Oxford: Oak Knoll Press [1.^a ed. 1972. Oxford: Clarendon Press; reed. 2000. New Castle: Oak Knoll Press].

Gessner, Conrad. 1545. *Bibliotheca universalis, sive catalogus omnium scriptorum locupletissimus, in tribus linguis, latina, graeca, et hebraica: extantium et non extantium, veterum et recentiorum in huncusque diem, doctorum et indoctorum, publicatorum et in bibliothecis latentium*. Tiguri: Christophorum Froshoverum.

Greg, Walter Wilson. 1927. *The calculus of variants*. New Castle: Clarendon Press.

Greg, Walter Wilson. 1966. *The collected papers*. Ed. J. C. Maxwell. Oxford: Clarendon Press.

Harris, Neil. Ed. 1999. *Bibliografia testuale o filologia dei testi a stampa? Definizioni metodologiche e prospettive future*. Udine: Forum.

Häbler, Konrad. 1905. *Typenrepertorium der Wiegendrucke*. Halle a. S.: Rudolf Haupt.

Heitlinger, Paulo. 2010. *Caligrafia e tipografia*. Lisboa: Dinalivro.

Hinman, Charlton. 1963. *The printing and proof-reading of the First folio of Shakespeare*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press.

Hinman, Charlton. 1968. *The First folio of Shakespeare*. New York: W. W. Norton.

Howsam, Leslie. Ed. 2015. *The Cambridge companion to the history of the book*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kirsop, Wallace. 1995. Fredson Bowers and the French Connection. *Text*, 20, 53-66.

Kolers, Paul A., Merald E. Wrolstad & Herman Bouma. Ed. 1980. *Processing of visible language*. New York, London: Plenum.

Maas, Paul. 1957, 3. ed. rev. *Textkritik*. Leipzig: B. G. Teubner [1.^a ed. 1927].

Maggioni, Giovanni Paolo. 2016. Editing Errors: The presence of authorial and editorial errors in original texts. Their diffusion in the manuscript tradition and their conservation in modern editions. In Barbara Crostini, Gunilla Iversen & Brian M. Jansen, *Ars Edendi Lecture Series* [vol. 4, 26-49]. Stockholm: Stockholm University Press.

Marnoto, Rita. 2019. Dois manuais quinhentistas de caligrafia, entre Itália e Portugal. Ludovico Vicentino degli Arrighi e Manuel Barata. *Estudos Italianos em Portugal*, n. s., 14, 123-136.

Marnoto, Rita. 2020. A forma cancionero petrarquiana como arquétipo. *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 3.^a s., 6, 71-92.

McKerrow, Ronald B. 1928. *An introduction to bibliography for literary students*. Oxford: Clarendon Press [1.^a ed. 1927; reed. 1994. New Castle: Oak Knoll Press].

McMurtrie, Douglas. [1943]. *The book. The story of printing and bookmaking*. New York, Oxford: Oxford University Press [1997, 3.^a ed. *O livro. Impressão e fabrico*. Trad. Maria Luísa Saavedra Machado. Pref. Notas Jorge Peixoto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian].

Moxon, Joseph. 1683. *Mechanick exercises [...] applied to the art of printing. The second volume*. London: Joseph Moxon.

Pasquali, Giorgio. 1988. *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: Le Lettere [1.^a ed. 1934].

Pedro, Manuel. 1948. *Dicionário técnico do tipógrafo*. Porto: Impr. Moderna Ld.^a.

Pozzoli, Giulio. 1882, 2.^a ed. *Nuovo manuale di tipografia*. Milano: Gaetano Brigola [1.^a ed. 1861].

Proença, Raúl, Pedro de Azevedo, António Anselmo, Fernando Enes, Ataíde e Melo & João Farmhouse. 1923-1926. Tentativa dum dicionário de bibliotecnia. *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal*, 2.^a s. 1923, vol. 4, n.º 16, 210-220; 1924, vol. 5, n.ºs 17-18, 13-23; n.ºs 19-20, 98-117; 1925, vol. 6, n.º 21, 6-17; n.ºs 22-23, 66-80; n.º

24, 166-176; 1926, vol. 7, n.^{os} 25-28, 115-123 [inacabado].

Pulsoni, Carlo, 2002. I classici italiani di Aldo Manuzio e le loro contraffazioni lionesi. *Critica del Testo*, 5, 2, 477-487.

Quondam, Amedeo. 1983. La letteratura in tipografia. In Alberto Asor Rosa (Ed.), *Letteratura italiana. Vol. 2. Produzione e consumo* (555-686). Torino: Einaudi.

Savage, William. 1841. *A dictionary of the art of printing*. London: Longman, Brow, Green, and Longmans.

Sayce, Richard A. 1966. Compositorial practices and the localization of printed books. 1530-1800. *The Library*, 5. s., 21, 1-45 [reed. 1977. Oxford: Oxford Bibliographical Society].

Silva, Libânio da. 1962. *Manual do tipógrafo*. Lisboa: Grémio dos Industriais Gráficos [1.^a ed. 1908].

Smith, Emma. Ed. 2016. *The Cambridge companion to Shakespeare's First folio*. Cambridge: Cambridge University Press.

Spaggiari, Barbara & Maurizio Perugi. 2004. *Fundamentos da crítica textual. História, metodologia, textos*. Rio de Janeiro: Lucerna.

Stevenson, Allan. 1951-1952. Watermarks are twins'. *Studies in Bibliography*, 4, 57-91.

Stoppelli, Pasquale. Ed. 2008, ed. agg. *Filologia dei testi a stampa*. Cagliari: Centro di Studi Filologici Sardi [1.^a ed. 1987].

Stoppelli, Pasquale. 2016. *Filologia della letteratura italiana*. Roma: Carocci [1.^a ed. 2008].

Studies in Bibliography. 1948-1949-, 1-. Em linha.

Suarez, S. J., Michael F. & H. R. Woudhuysen. Ed. 2010. *The Oxford companion to the book*. 2 vols. Oxford: Oxford University Press.

Tanselle, G. Thomas. 1980. The concept of *ideal copy*. *Studies in Bibliography*, 33, 18-53.

Tanselle, G. Thomas. 1992. A description of descriptive bibliography. *Studies in Bibliography*, 45, 1-30.

Tanselle, G. Thomas. 1999. The treatment of typesetting and presswork in bibliographical description. *Studies in Bibliography*, 52, 1-57.

Tanselle, G. Thomas. 2009. *Bibliographical analysis. A historical introduction*. Cambridge: Cambridge University.

Trovato, Paolo. 1991. *Con ogni diligenza corretto. La stampa e le revisioni editoriali dei testi letterari italiani (1470-1570)*. Bologna: Il Mulino.

Trovato, Paolo. 2014. Bédier's contribution to the accomplishment of stemmatic method: an Italian perspective. *Textual Cultures*, 9, 1, 160-176.

Trovato, Paolo. 2017. *Everything you always wanted to know about Lachmann's method*. Padova: Libreria Universitaria.

Vervliet, Hendrik D. L. 1968. *Sixteenth-century printing types of the Low Countries*. Amsterdam: Menno Hertzberger.

Vervliet, Hendrik D. L. 1998. The italics of Robert Granjon. *Typography Papers*, 3, 5-59.

Vervliet, Hendrik D. L. 1998-1999. Roman types by Robert Granjon. *De Gulden Passer*, 76-77, 2, 5-76.

Vervliet, Hendrik D. L. 2012. *Vine leaf ornaments in Renaissance typography. A survey*. New Castle: Oak Knoll Press, Netherlands: Hes & De Graaf.

Werner, Sarah. 2019. *Studying early printed books 1450-1800. A practical guide*. Hoboken, West Sussex: Wiley Blackwell.

Willoughby, E. E. 1949-1950. A long use of a setting of type. *Studies in Bibliography*, 2, 173-175.

Wilson, Edward M. & Don W. Cruickshank. 1980. *Samuel Pepys's Spanish plays*. London: The Bibliographical Society.



Rita Marnoto é Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Vice-Directora do Centre International d'Études Portugaises de Genève e membro da Academia das Ciências de Lisboa. Em 2007, foi agraciada com a distinção *Ordine della Stella della Solidarietà Italiana, Grande Ufficiale della Repubblica*. Dedicou-se ao estudo da literatura italiana, da literatura portuguesa e das suas relações recíprocas, com destaque para o classicismo e as vanguardas. No âmbito dos estudos camonianos, publicou numerosos trabalhos, alguns dos quais reunidos em *Sete ensaios camonianos* (2007), coordenou o projecto *Comentário a Camões*, do qual resultaram quatro volumes (2012–2016), e publicou a obra *O petrarquismo português do Cancioneiro geral a Camões* (2015).

Études de Philologie et Littérature Portugaises

1. *Cortegiano e cortesão. Baldassarre Castiglione e D. Miguel da Silva*
Rita Marnoto
2. *Luís de Camões, Comédia Filodemo*
Ed. crítica a cura di Maurizio Perugi
3. *La lirica di Camões. 1. Sonetti*
Ed. crítica a cura di Maurizio Perugi
4. *La lirica di Camões. 2. Redondilhas*
Ed. crítica a cura di Barbara Spaggiari
5. *La lirica di Camões. 3. Canzoni*
Ed. crítica a cura di Maurizio Perugi
6. *La Lirica di Camões. 4. Ottave*
Ed. crítica a cura di Barbara Spaggiari
7. *La Lirica di Camões. 5. Elegie*
Ed. crítica a cura di Maurizio Perugi
8. *La Lirica di Camões. 6. Odi*
Ed. crítica a cura di Barbara Spaggiari
9. *La Lirica di Camões. 7. Ecloghe*
Ed. crítica a cura di Maurizio Perugi
10. *Luís de Camões. Os Lusíadas. Ed. crítica da princeps*
Ed. crítica de Rita Marnoto, 2 vols.

Este livro visa o esclarecimento das questões que se colocam em torno da edição *princeps* de *Os Lusíadas*, inicialmente assinaladas por Manuel de Faria e Sousa, na primeira metade do século XVII, e nunca cabalmente explicitadas. A configuração da *princeps* de *Os Lusíadas* é identificada a partir do diálogo estabelecido entre a materialidade do texto, à luz da metodologia da bibliografia textual, e a ecdótica. Da colação de um significativo conjunto de exemplares datados de 1572, resulta a edição crítica da *princeps* do poema historicamente identitário da portugalidade.